

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

ANDERSON ANDRADE DA SILVA MARQUES

**MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE E RACISMO EM UMA
COMUNIDADE DE FÃS DE RUPAUL'S DRAG RACE**

RIO DE JANEIRO

2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

A357 Andrade da Silva Marques, Anderson
MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE E RACISMO EM UMA
COMUNIDADE DE FÃS DE RUPAUL'S DRAG RACE / Anderson
Andrade da Silva Marques. -- Rio de Janeiro, 2021.
107 f.

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Memória Social, 2021.

1. Branquitude. 2. Racismo. 3. RuPaul's Drag
Race. I. Cristina Valim de Melo, Glenda,
orient. II. Título.

ANDERSON ANDRADE DA SILVA MARQUES

**MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE E RACISMO EM UMA
COMUNIDADE DE FÃS DE RUPAUL'S DRAG RACE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social
Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo

**RIO DE JANEIRO
2021**

ANDERSON ANDRADE DA SILVA MARQUES

**MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE E RACISMO EM UMA
COMUNIDADE DE FÃS DE RUPAUL'S DRAG RACE**

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL

Presidente: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Titular 1: Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Borges
CEFET/RJ

Titular 2: Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro, 22/03/2021

DEDICATÓRIA

A todas as bichas.
Pretas. Pobres. Afeminadas. Na frente da luta.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo amor e apoio incondicionais. Por me mostrar que mesmo nos momentos mais sombrios nós erguemos a cabeça e seguimos em frente. Por ser o melhor ser humano que eu conheço.

Aos meus irmãos, Igor e Guilherme, por me darem força para continuar, por serem a representação viva do motivo pelo qual eu não desisto.

Ao meu amor, Vinícius, pela paciência de lidar com as minhas crises, por sempre fazer com que eu me sinta amado, querido e importante na vida de alguém.

À minha tia Tereza, por ser a mão firme que ajudou a me forjar, por me fazer entender que a vida quase nunca é o que esperamos dela.

Aos meus amigos por me mostrarem que o amor é plural e lindo.

À Julia, por ser minha alma gêmea, por todas as nossas sextas-feiras muito loucas. Por querer fazer parte do meu universo e abrir a porta do seu pra mim. Por todo amor compartilhado. *You know it all, you're my best friend.* 보라희.

À Gisella, por me acolher nos momentos em que eu estava completamente perdido, por me entender e embarcar comigo em todos os meus extremos.

À Vanessa, pela abertura todas as vezes que eu precisei desabafar, pelos nossos pagodes e louvores e por ter me dado tanto na vida.

Ao Gabriel, pela entrega, pelos momentos de leveza, pelo acolhimento aconchegante, pelos questionamentos mais interessantes que alguém poderia me oferecer, pelo crescimento pessoal que tive ao seu lado.

À Bruna por sempre saber as coisas certas pra me falar. Por ser a pessoa mais sensível ao outro e sábia que eu conheço.

À Silvia por ter me segurado pela mão desde o primeiro dia da graduação, me levando sempre pro lugares certos, me empurrando sempre para o meu melhor.

Ao Gogo, pela calma e paciência pra lidar com esse monte de gente louca sem surtar junto.

Ao Rodrigo, por me receber, pelo carinho e cuidado, pelas noites em claro na sala da Gisella e pela enorme paciência de lidar com todos nós.

À Killian, pelo laço que criamos, pelo companheirismo, generosidade, carinho e cuidado. Pelas noites nos afundando em séries pesadíssimas, pelas sessões de terapia.

Aos meus colegas de mestrado, pelo apoio e palavras de suporte.

À Nina, por ter sido meu primeiro ponto de referência nessa jornada louca. Por toda sua inteligência imensurável e sua generosidade em compartilhar essa inteligência com o mundo.

À Bárbara, por ter sido a pessoa que muitas vezes me pegou pela mão e me mostrou que nem tudo é tão ruim quanto parece. Pela sabedoria e pelas palavras que foram mote da minha vida acadêmica nesses dois anos.

Ao Higor e à Joyce, pelas trocas lindas, regadas de amor, acolhimento e admiração.

Aos professores do PPGMS, por me guiarem e me mostrarem o caminho a seguir.

Aos professores Luiz Paulo e Roberto Borges, minha banca, pela leitura atenciosa, pelos conselhos e pelo tempo dedicado à minha pesquisa.

À minha orientadora, Glenda, por acreditar em mim, por ser uma pessoa com a qual eu posso me abrir honestamente, por todas as pontas que você segurou comigo. Pelo carinho, atenção, cuidado e dedicação de sempre.

À CAPES, pelo fomento sem o qual esta pesquisa seria inviável.

Who do you think you are?
I'm telling the truth now
We're all born naked
And the rest is drag

I'll say it again
It's never been the clothes that make the man
Nothing can
Leave your baggage behind

RuPaul Charles

RESUMO

MARQUES, Anderson Andrade da Silva. **Memórias de branquitude e racismo em uma comunidade de fãs de RuPaul's Drag Race**. Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo. 2021. 107 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

O presente trabalho é centrado numa intersecção de estudos da linguagem e memória social, pensando linguagem partindo da perspectiva performativa de Austin (1962), entendendo o gênero como performance como proposto por Butler (1990, 1993, 1997), levando em conta as contribuições de Derrida (1988) com o conceito de iterabilidade. Para pensar memória social, recorreremos principalmente a Jô Gondar (2006, 2016), entendendo memória como um campo transdisciplinar e vivo, Halbwachs (2006) com conceito de memória coletiva. Para discutir os conceitos de raça, racismo e branquitude como construção social e para compreender de que maneira esses conceitos se organizam em relação à construção de privilégios, dívidas históricas e construção social de hierarquias sociais, partimos de Achille Mbembe (2017), Frantz Fanon, Grada Kilomba (2019), bell hooks (2019), Stuart Hall, Maria Aparecida Bento (2002), Lia Schucman (2014) e Silvio Almeida (2019). A presente pesquisa de mestrado se propõe a investigar as relações estabelecidas entre gênero, sexualidade, raça, nacionalidade e dragnormatividade na construção de uma memória da performance *drag*, a partir da análise de dados retirados do fórum *Reddit*, frequentado por fãs do reality show *RuPaul's Drag Race*. Para estabelecer os critérios de análise, este trabalho pretende responder à seguinte questão: Como as memórias de branquitude e racismo são construídas nos comentários do fórum do *Reddit* sobre o programa RDR? Essa questão é disparada a partir de um *tweet* da ex-participante de RDR, Asia O'Hara em que ela afirma que a grande maioria dos fãs do reality show é racista e os dados foram gerados em um fórum aberto pelos fãs do *reality show* no *Reddit* para discutir a publicação de O'Hara. A análise é realizada a partir das pistas indexicais (WORTHAM, 2001). A análise resulta na identificação de duas possibilidades de construção de memórias de branquitude e racismo, uma conservadora e outra transformadora.

Palavras-chave: Branquitude; Racismo; RuPaul's Drag Race; Memória Social.

ABSTRACT

MARQUES, Anderson Andrade da Silva. **Memórias de branquitude e racismo em uma comunidade de fãs de RuPaul's Drag Race**. Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo. 2021. 107 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

This paper is revolved around an intersection of Applied Linguistics and Social Memory, approaching language based on Austin's performative perspective (1962), understanding gender as performance as proposed by Butler (1990, 1993, 1997), taking into consideration Derrida's contributions (1988) with the concept of iterability. To discuss about social memory we mainly resort to Jô Gondar (2006, 2016), understanding memory as a transdisciplinary and living field, Halbwachs (2006) help us with the concept of collective memory, to understand the concepts of race, racism and whiteness as a social construction and to understand that these social caegories are organized in relation with the construction of privileges, historical debts and social construction of hierarchies, we start from Achille Mbembe (2017), Frantz Fanon(2008[1950]), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2019), Stuart Hall, Maria Aparecida Bento (2002), Lia Schucman and Silvio Almeida (2019). The present master's research aims to investigate the relationships between gender, sexuality, race, nationality and dragnormativity in the process of building a memory of drag performance, based on the analysis of data taken from a Reddit forum attended by the reality show RuPaul's Drag Race's fans. To establish the criteria for analysis, this work answers the question: How are memories of whiteness and racism constructed in the comments of the Reddit forum about RDR? This question is triggered by a tweet from former RDR participant Asia O'Hara in which she claims that the vast majority of reality show fans are racist and the data was generated in a forum opened by reality show fans on Reddit to discuss Asia O'hara's publication. The analysis is based on indexical cues (WORTHAM, 2001). The analysis results in the identification of two possibilities for building memories of whiteness and racism, one conservative and the other one transformative.

Keywords: Dragnormativity; Whiteness; RuPaul's Drag Race; Social Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - RuPaul Charles	14
Figura 2 - Tweet de Asia O'Hara	15
Figura 3 - RuPaul no Workroom com as participantes	21
Figura 4 - Passarela principal de RuPaul's Drag Race	21
Figura 5: Descrição SubredditDrama.....	25
Figura 6 - Descrição Subreddit de RuPaul's Drag Race	26
Figura 7 - Seção About do Reddit	27
Figura 8 - Lista Alexa	27
Figura 9 - Captura de tela da pesquisa realizada no Google	30
Figura 10 - Captura de tela do fórum do Reddit sobre "dramas"	30
Figura 11 - Captura de tela fórum sobre o tweet de Asia O'Hara	31
Figura 12 - Tweet de Asia O'Hara	58
Figura 13 - Comentário de minase8888	59
Figura 14 - Comentário de rumourhasit123	60
Figura 15 - Comentário de ironmagnesiumzinc	60
Figura 16 - Comentário de mucha001.....	60
Figura 17 - Comentário de ceejayyyy	60
Figura 18 - Comentário de Kadanka.....	61
Figura 19 - Comentário de PokeMeIfYouDare	63
Figura 20 - Comentário de joewhite41	64
Figura 21 - Comentário de Toinousse.....	66
Figura 22 - Comentário de superkittenhugs	67
Figura 23 - Print da conversa sobre a definição de racismo.....	69

Figura 24 - Comentário de housedownrealness.....	70
Figura 25 - Comentário de Lolusen	71
Figura 26 - Comentário jaumander.....	73
Figura 27 - Comentário de lukendyer	74
Figura 28 – Tréplica de jaumander	75
Figura 29 - Comentário de lukendyer	75
Figura 30 - Comentário de rainbowbarfff	76
Figura 31 - Comentário de valiyum.....	79
Figura 32 - Comentário de biarbarros.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 METODOLOGIA DE PESQUISA	18
1.1 PESQUISA DE INTERNET	18
1.2 “GENTLEMEN START YOUR ENGINES AND MAY THE BEST WOMAN WIN”: UMA APRESENTAÇÃO DE RUPAUL’S DRAG RACE	20
1.3 A REDE SOCIAL REDDIT	25
1.4 UM RECORTE PARA MICROETNOGRAFIA DE INTERNET NO FÓRUM DO REDDIT.....	28
2 MEMÓRIAS DE RAÇA, RACISMO, GÊNERO E DRAG.....	33
2.1 MEMÓRIA E LINGUAGEM COMO AÇÃO.....	33
2.2 MEMÓRIAS DE RACISMO E BRANQUITUDE.....	39
2.2.1 Memórias Raciais: Breve Considerações sobre a questão de raça no Brasil e nos Estados Unidos	46
2.2.2 Memórias de Raça, Gênero e Dragnormatividade como performance	52
3 ANÁLISE DE DADOS	58
3.1 “THE VAST MAJORITY?”: MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE CONSERVADORISMO E TRANSFORMAÇÃO	59
3.2 “ISN’T IT CONTRADITORY?”: MEMÓRIAS DE RACISMO ENTRE EUA E BRASIL	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

No ano de 2019, durante o tradicional *Met Gala*¹ com tema “*Camp: Notes on fashion*”, baseado em um ensaio de 1964 da autora Susan Sontag intitulado “*Notes on Camp*”, a atriz, produtora e roteirista Lena Waithe fez um tributo a *drag queens* negras em suas roupas. Nas costas do terno que usou para o evento, por exemplo, se lia em letras pretas “*Black Drag Queens Invented Camp*”. No Brasil, seguindo este mesmo parâmetro, no artigo “*Os 10 mandamentos da moda Camp, tema do Met Gala 2019*”, da revista Vogue Brasil, o estilista Alejandro Gómez Palomo lista os 10 mandamentos para se fazer moda Camp. O mandamento 9, em especial, nos chama atenção ao tratar do tipo de moda mencionada:

Não muito tempo atrás, tudo era uma questão de restrição: o vestidinho preto em particular. Agora tem mais a ver com usar maquiagem. Quanto mais você aparecer, quanto mais for drag, melhor”, diz Palomo. A cena drag, tal como a conhecemos, começou nos anos 1950 e 1960, mas foi nos 80 que a forma atual apareceu: usando maquiagem para se transformar totalmente. É uma pequena obra de arte por si só – e agora, felizmente, é uma forma copiável graças às centenas de vídeos no YouTube. “Então, drag é o novo pretinho básico, e antes de aderir, jogue um pouco de glitter no seu look para torná-lo ainda mais extra (MUSTON, 2019, on-line).

No mandamento citado, a revista Vogue apresenta a moda Camp e *drag* como o novo pretinho básico, posicionando-o como uma moda a ser seguida e enfatizando o que seria *drag* para ela. No ensaio *Paris está em chamas?*, de bell hooks (2019), há uma discussão sobre como o documentário *Paris is Burning* apresenta um grupo de pessoas queer de comunidades negras e latinas de Nova York e a sua cultura de *ballrooms*. A autora nos leva a refletir a respeito de uma série de conceitos e representações *drag* relevantes para iniciar a discussão que pretendemos estabelecer nesta pesquisa.

Para compreendermos a cultura *drag* contemporânea e todo o seu movimento de expansão atual, faz-se necessário investigar um pouco da história recente da performance *drag*, protagonizada pelo fenômeno *RuPaul’s Drag Race* (RDR), um dos principais fatores de posituação da arte *drag* na cultura pop atual. Tal programa traz referências, menções e movimentas memórias sobre uma comunidade baseada principalmente em registros do final do século passado, especialmente, o supracitado documentário *Paris is Burning* (1990),

¹ O Met Gala é um baile de gala anual organizado para angariar fundos para o *Metropolitan Museum of Art de Nova York*.

considerado fundamental em conjunto com alguns outros filmes, como *Priscilla rainha do deserto* (1994)² e artistas como Divine, Lady Bunny e a própria RuPaul³, para a comunidade *drag*. Apesar de toda relevância e a legitimidade que RuPaul e seu programa trazem para uma coletividade *drag* contemporânea, se nos voltarmos com um pouco mais de atenção para a comunidade de fãs, sobretudo *online*, a arte *drag* e, mais especificamente de Ru, se torna evidente a presença de memórias de branquitude, racismo e xenofobia, interesses desta investigação.

Figura 1 - RuPaul Charles



Fonte: Twitter pessoal de RuPaul, 2020⁴.

Em trabalho anterior, tendo como objeto de análise *RuPaul's Drag Race* (MARQUES, 2018)⁵, observamos que o *reality show* funciona com base num conjunto de regras e normas, que nomeamos como dragnormatividade, embasado na perspectiva teórica proposta por Howard Becker em seu livro *Outsiders* (2008[1963]). O estudioso aborda os modos como grupos sociais estabelecem regras e normas próprias e apresenta o *insider* e o *outsider*. O primeiro é aquele que obedece e segue essas regras e o segundo é compreendido

² Filme australiano de 1994 que conta a história de três *drag queens* atravessando o deserto do Outback.

³ *Drag queens* famosas na mídia estadunidenses.

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/RuPaul/status/1323005203063463936?s=19>. Acesso em: 05 mar. 2021.

⁵ Trabalho de conclusão de curso defendido em 2018, no curso de Letras da Unirio, sob a orientação da professora Dra. Elizabeth Sara Lewis.

como quem não segue às regras mencionadas. Vale salientar que na pesquisa de 2018, foram analisados três episódios específicos de RDR, de três temporadas seguidas, que foram originalmente transmitidas entre 2014 e 2016. A análise, então, estava focada em uma das dragnormatividades identificadas na época, ou seja, na prática de *male drag*⁶. Observamos ainda que a dragnormatividade funciona como uma relação de poder entre jurados e participantes do programa; a partir dela é possível que se performem identidades *insiders*, os que se encaixam e seguem as regras estabelecidas no grupo social, e *outsiders*, os que rompem ou desviam da norma estabelecida, mas há nela espaço para a agência, subversão e ruptura de padrões estabelecidos socialmente dentro deste grupo.

Na época em que se desenvolvia a supracitada pesquisa, um fenômeno muito interessante começou a acontecer. Uma grande quantidade de fãs, principalmente no *Twitter*, acusou o programa de ser racista e não incluir da mesma forma participantes negras e latinas. Nesse momento, a oitava temporada estava sendo transmitida, ao final dela a *drag queen* Bob *The Drag Queen* foi coroada campeã, uma *queen* negra. Esta vitória fomentou ainda mais a discussão sobre racismo em RDR. Este, então, é aspecto que nos leva à pesquisa atual, ou seja, a discussão entre dragnormatividade e raça. Vale dizer ainda que cerca de mais de um ano depois, a *drag queen*, Asia O'Hara, participante e finalista da décima temporada, que foi ao ar em 2018, faz uma declaração no *Twitter* em 26 de abril de 2019 (fig. 2). Tal declaração gera uma discussão ainda mais acalorada a respeito da questão racial, desta vez, extrapolando os limites da produção do reality show e se referindo à comunidade de fãs como racista:

Figura 2 - Tweet de Asia O'Hara



Fonte: *Twitter* pessoal de Asia O'Hara, 2019⁷.

⁶ Prática que, segundo algumas declarações de jurados de RDR, consiste em uma drag queen se montando com estilização tipicamente masculina.

⁷ A vasta maioria da base de fãs de RPDR é racista. Isso sabemos que é verdade. (Tradução nossa). Disponível em: <https://twitter.com/asiaoharaland/status/1121663522742517761>. Acesso em: 13 out. 2020.

A declaração despertou nosso interesse em investigar a relação dragnormatividade, raça e memória social. Neste sentido, objetivo desta investigação é compreender as memórias de branquitude e racismo presentes em um fórum de fãs de *RuPaul's Drag Race*, no site *Reddit*. Desta forma, pretendemos responder a seguinte pergunta de pesquisa:

- Como as memórias de branquitude e de racismo são construídas nos comentários do fórum do *Reddit* sobre o programa RDR?

Enquanto pesquisador, sempre foi uma preocupação minha pensar em questões que eu consiga minimamente relacionar com minha vida e meus gostos pessoais. Sou fã da arte *drag* há mais de 5 anos, quando entrei em contato com *RuPaul's Drag Race* mais intensamente. Apesar de não me montar, sinto que o tema tem relevância para minha vida pessoal porque a maior parte do público de RDR e das *drag queens* no Brasil é composta por pessoas LGBTQIA+, grupo ao qual pertencço por ser um homem gay branco.

Além disto, neste trabalho é importante também pensar questões de raça, mais especificamente por temas como branquitude e branqueamento, pois entendo que o funcionamento do mundo contemporâneo em contextos ocidentais não pode ser pensado em dissociação da questão racial, principalmente no Brasil, país que tem em sua fundação o problema racial, como aponta Jessé de Souza (2015). Interessa-me ainda a branquitude, pois parto da ideia de que, em uma luta antirracista, torna-se relevante reconhecer os privilégios da raça branca, na qual me insiro e, para que isso ocorra, é necessário confrontar a falácia da neutralidade da branquitude e racionalizar os brancos. Além disto, parece-me de extrema importância acadêmica refletir a respeito dessas questões interseccionadas pois, apesar de termos alguma literatura acadêmica sobre a arte *drag* (VENCATO, 2002; EDGAR, 2011; SANTOS 2015; MORÃES, 2015), a maioria delas não tem como principal escopo a linguagem e/ou as memórias mobilizadas por esses discursos de branquitude e racismo interseccionada com gênero, sexualidade e *drag*.

Para compreender o fenômeno em análise, este estudo se vincula teoricamente à Memória Social e Estudos da Linguagem, baseando-se principalmente em linguagem como performance, perspectiva que parte de Austin (1990 [1962]) com os atos de fala performativos, depois considerando as críticas de Derrida (1988 [1972]) e os conceitos de iterabilidade e citacionalidade também trazidos pelo autor e, por último, Judith Butler (1997) ao trazer para discussão a linguagem como ação e não como instrumento de ação. Em relação à questão racial, compreendida aqui como invenção, embaso-me em Fanon (2008) e Mbembe (2014), ainda me baseio em Stuart Hall (2003 [2000]) e Silvio Almeida (2019) para entender o reflexo da criação

do conceito de raça, o racismo. Para além disto, mobilizo Maria Aparecida Silva Bento (2002) e Lilia Schwarcz (1993) para compreender os estudos de branquitude, branqueamento e o histórico da questão racial no Brasil. Quanto à Memória social, trago inicialmente Maurice Halbwachs (2006 [1950]), pensando memória como uma construção coletiva de um grupo. Jô Gondar (2016) também, pensando memória como algo transformável e não fixo, entendendo da mesma forma que o campo da memória é transdisciplinar e ressaltando que memória é uma construção. Recorro ainda a Daniel Silva (2016) para pensar a relação de memória e linguagem, mais especificamente com o conceito de iterabilidade de Derrida (1988).

Esta pesquisa se qualifica como uma etnografia virtual (POLIVANOV, 2013; HINE, 2000), como veremos ao longo dos capítulos. O contexto de pesquisa é a rede social *Reddit*, que se baseia em fóruns sobre determinados temas propostos pelos usuários. Analisamos um fórum da comunidade de fãs de *RuPaul's Drag Race* no site, que discutiu a publicação de uma das participantes do programa sobre o racismo presente no *fandom*. Para analisá-lo, me embaso nos conceitos teóricos metodológicos analíticos de pistas indexicais (WORTHAM, 2001).

No que diz respeito à organização do texto, esta dissertação de mestrado se divide em três capítulos. No primeiro, discutimos os caminhos metodológicos da pesquisa, bem como a natureza dos dados e os métodos de construção destes dados e ferramentas de análise. No segundo, a discussão se volta para a construção teórica dos conceitos utilizados na pesquisa, começando com Linguagem e Memória como performance, seguindo a discussão com os conceitos raça, gênero, sexualidade e *drag* enquanto memória. No terceiro e último capítulo, temos a análise dos dados dividido em duas seções, uma sobre memórias de branquitude e outra sobre memórias de racismo mobilizadas no fórum.

1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo discutiremos os caminhos metodológicos assumidos nesta pesquisa. Iniciaremos a discussão apresentando os argumentos éticos e políticos em que se baseiam epistemologicamente as análises aqui presentes. Em seguida, caracterizaremos a pesquisa segundo seus campos e áreas de vinculação teórica, os caminhos percorridos até o presente momento e, por fim, discutiremos o objeto de análise, a construção do *corpus* e o campo de pesquisa etnográfico virtual.

1.1 PESQUISA NA INTERNET, ETNOGRAFIA VIRTUAL

Segundo Polivanov (2013), ao fazer referência a Geertz, a etnografia pode ser usada por diversas áreas do conhecimento sendo o método da antropologia por excelência, pode ser apropriada como método ou como produto de uma pesquisa, e apesar de ser um conjunto de técnicas para o estudo de campo a etnografia é mais uma descrição densa do ambiente social. O objetivo central de uma etnografia é descrever exhaustivamente a vida e as práticas sociais de determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, o papel do etnógrafo não se limita à descrição, cabe ao etnógrafo entender as relações e os significados construídos a partir destas.

Vale destacar que a função do etnógrafo vai muito além de simplesmente reportar os eventos e experiências observados; cabe ao etnógrafo explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significado, “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” e que cultura são “essas teias e a sua análise”, não podendo, portanto, ser entendida como “uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (POLIVANOV, 2015, p. 62)

Polivanov vai em seguida nos apresentar três possibilidades de apropriação da internet como campo etnográfico seguindo preceitos apresentados por Hine (2000) e Fragoso, Recuero e Amaral (2011). O primeiro deles traz a internet como ambiente que “representa um lugar, um ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída” (HINE, 2000, p. 9), sendo assim, um lugar completamente dissociado do off-line. A segunda perspectiva entende a internet como um artefato da cultura, uma tecnologia, fazendo assim o link do online com o off-line. Já a terceira

perspectiva trazida por Fragoso, Recuero e Amaral, vai partir da segunda perspectiva ao entender a internet como artefato da cultura, mas vai considerar a internet também como espaço de produção de interação social e como produto ao mesmo tempo.

Neste estudo nos vinculamos a terceira perspectiva, ao entender a internet como uma tecnologia, mas entendendo-a como espaço de produção de interações e performances socioculturais ao mesmo tempo em que é produto dessas interações situadas. Não podemos deixar de salientar também que não entendemos os espaços *online* dissociados dos espaços *offline*, mas sim como um espaço contínuo e fluido, em que as práticas performativas se transportam de um para o outro simultaneamente. Sendo assim, podemos afirmar que entendemos que aqui não há separação entre a vida *online* e *offline*, e que “a vida sendo vivida cada vez mais de forma *onlineOffline*, estudos de etnografia virtual e multisituados *onlineOffline* (GUIMARÃES, 2014; CAMARGO, 2019) passaram a ser essenciais.” (MOITA LOPES, 2020, p. 7).

Polivanov vai apontar que quanto a participação do pesquisador na etnografia de internet podemos circular entre dois extremos: o silencioso (*lurker*) e o insider, dessa maneira, a variação pode acontecer em muitos graus que vão de observador a extrema participação. Segundo a autora o primeiro tipo apenas observa exercendo um grau de interferência mínima no ambiente observado. O nome *lurker* vem da palavra de língua inglesa *lurking*, que se traduz ficar á espreita. O outro tipo de pesquisador, o *insider*, está n extremo oposto do *lurker*, este está inserido ou tem ligações com o objeto de pesquisa que podem interferir em como a pesquisa vai ser conduzida, tendo como um dos desafios apontados pela autora a dificuldade de estabelecer uma visão mais próxima da imparcialidade e uma facilidade maior de ser manipulado pelos participantes.

No que concerne minha participação enquanto pesquisador, seguindo o que é levantado por Polivanov, nesta pesquisa temos um pesquisador mais próximo do *lurker*. Já que apesar de entender que o simples movimento de leitura e interpretação desses dados implicam na interferência e na participação e da minha proximidade com o tema por ser também fã do programa, não faço comentários, não interajo diretamente com os participantes do fórum. A falta de interação se dá por motivos que fogem ao controle e agência que posso exercer, já que a página já estava fechada para novos comentários e interações quando a encontrei, apesar de aberta para visitaçã do público geral não sendo necessário nem mesmo um cadastro no Reddit para acessar.

1.2 “GENTLEMEN START YOUR ENGINES AND MAY THE BEST WOMAN WIN”⁸: UMA APRESENTAÇÃO DE RUPAUL’S DRAG RACE

C.U.N.T.⁹ - *charisma, uniqueness, nerve and talent*, esses são os requisitos necessários para se tornar uma *drag superstar* segundo RuPaul Charles. No ar desde 2009, atualmente em sua décima terceira temporada, *RuPaul’s Drag Race* é um *reality show* que elege todos os anos uma nova *drag superstar* seguindo esses preceitos básicos. Sob o comando de RuPaul, o programa apresenta uma série de desafios para testar as habilidades de suas concorrentes.

As candidatas normalmente são selecionadas por RuPaul e sua equipe, a partir de audições por vídeo. Na terceira temporada, excepcionalmente, além das audições em vídeo houve uma chamada aberta em que as *drag queens* interessadas fizeram audições ao vivo para RuPaul e um membro de seu júri. O número de candidatas selecionadas por temporada é variado. Na primeira temporada apenas nove *drag queens* foram selecionadas; na segunda e na oitava temporada foram doze; na terceira e na quarta, treze; na quinta, na sexta e na sétima, na nona e na décima, quatorze. Na primeira temporada *All Stars* doze *queens* retornam de outras temporadas para a competição, na segunda e na terceira temporada apenas dez.

Depois de selecionadas, as participantes são comunicadas pela produção e preparam as roupas e materiais que vão ser usados e são confinadas num hotel, sem conhecer as/os outras/os participantes até o dia em que o *reality* começa a ser gravado. O confinamento só acaba quando se é eliminada e, por fim, quando acaba o programa. É somente no primeiro dia de gravações que as *drag queens* participantes entram no ateliê¹⁰, sala de trabalho em que ficam as mesas de costura, as bancadas de maquiagem e onde se executam grande parte dos desafios, e se conhecem. A partir daí começam os desafios.

As gravações acontecem todas antes do programa ir ao ar, portanto, não há participação do público nas decisões e nas eliminações. Raras são as exceções em que há participação do público, como na escolha da *Miss Congeniality* (miss simpatia), e em alguns casos em que RuPaul pede a opinião dos espectadores sobre quem deveria ganhar, porém, deixando claro que a decisão final sempre será dela.

⁸ “Cavalheiros liguem seus motores e que a melhor mulher vença!” – frase utilizada por RuPaul ao início de todo o programa e presente na música tema.

⁹ Jogo de palavras criado com a sigla e a palavra da língua inglesa *cunt* que é uma maneira vulgar de se referir à vagina, equivalente a *boceta* em português. Carisma, singularidade, coragem e talento.

¹⁰ *Work Room* na versão original.

Os episódios seguem um padrão de cinco blocos: (1) Ateliê: volta do grupo ao ateliê após a última eliminação e mini desafio; (2) Ateliê: explicação e execução da prova principal; (3) Passarela: desfile das participantes na passarela e, se for o caso do episódio, apresentação de algum número musical e/ou de dança; (4) Passarela: avaliação das juradas; e (5) Passarela: decisão de RuPaul e dublagem das duas piores.

Figura 3 – RuPaul no Workroom com as participantes



Fonte: Draglicious, 2019¹¹.

Depois dos desafios completos e da apresentação de todas as concorrentes na passarela, um painel de jurados, constituído por dois jurados recorrentes, um ou dois convidados e a própria RuPaul, julga a performance de cada uma das concorrentes. Essa performance envolve o desafio e a passarela. Depois das críticas, os jurados escolhem a vencedora do desafio, que ganha prêmios e, em alguns casos, imunidade para o próximo desafio, ou seja, em alguns casos a vencedora do desafio não pode ser eliminada na próxima semana. Os jurados também avisam quem são as duas participantes que tiverem as piores performances da semana.

Figura 4 - Passarela principal de RuPaul's Drag Race

¹¹ Todos os direitos reservados a WOW Presents. Disponível em: <https://draglicious.com.br/2019/02/25/s11-previa-do-1o-episodio/rupauls-drag-race-season-11-draglicious-s11-s11e01-previa-sala-de-trabalhos-workroom/>. Acesso em: 05 mar. 2021.



Fonte: PopCrush¹².

O *bottom two*, as duas piores colocadas de cada desafio, têm que fazer uma performance de dublagem de uma música previamente selecionada e ensaiada para o quadro de jurados. No fim da performance, RuPaul anuncia sua decisão, a *drag queen* que fica ouve “*Shantay, you stay*” e, por último, é anunciado a participante eliminada, “*Sashay, away*”¹³.

O programa segue, desta forma, até a final em que a “*America’s Next Drag Superstar*”¹⁴ é coroada ganhadora do programa. A primeira colocada ganha um prêmio em dinheiro (20 mil dólares estadunidenses nas duas primeiras temporadas, 75 mil na terceira temporada e 100 mil da quarta temporada em diante, incluindo as duas temporadas *All Stars*) e um lugar no *Hall of Fame* do programa.

Com o objetivo claro desde o início de eleger uma ganhadora para ser a nova *drag superstar* para representar RuPaul durante o ano de seu reinado, o *reality show* é muito parecido com os concursos de beleza e de *miss* em que a vencedora mantém a coroa e as obrigações relacionadas a ela, como aparições em eventos e outras competições, por um ano.

¹² Todos os direitos reservados a WOW Presents. Disponível em: <https://popcrush.com/rupauls-drag-race-season-madonna-runway-snatch-game-flop/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

¹³ As expressões “*Shantay, you stay*” e “*Sashay, away*” fazem parte do vocabulário do programa e são usadas em todos os episódios por RuPaul. A origem da palavra *shantay* é um pouco controversa, alguns dizem que não significa nada, apenas é uma rima com a palavra inglesa *stay* (fica); outros dizem que é uma brincadeira com a palavra *enchanté*, encantada/o em francês. *Sashay* pode ser uma referência a um jeito de andar com um movimento exagerado dos ombros e dos quadris.

¹⁴ Próxima *drag queen superstar* americana.

Partindo deste princípio, os mecanismos são usados no programa para que se decida quem ganha e quem não ganha. Os desafios e as provas são as principais maneiras que RuPaul e o quadro de jurados usam para, durante as semanas, decidirem quem é ou não digno de ser considerada a nova *drag superstar* americana. Normalmente os episódios seguem um padrão. Nos minutos iniciais há um mini desafio que consiste numa prova menor e de execução mais rápida e simples; quem ganha esses desafios normalmente recebe algum tipo de vantagem para a prova principal. Geralmente, nos mini desafios são feitas provas cômicas e mais leves que as provas principais. Essas provas podem ser uma montagem rápida, em que as participantes têm um tempo reduzido para se montar, geralmente de maneira cômica; provas de dança; provas em estilo quis; montagem de fantoches; competição de gongadas¹⁵ entre as *drag queens* etc.

Quando a prova principal é temática e cada participante deve fazer uma coisa específica, fica a cargo de quem venceu o desafio designar o que cada um vai fazer. Por vezes, quem ganha o mini desafio tem a vantagem de minutos para escolher seu material de trabalho nos desafios de costura e/ou criação de *looks* para a passarela. Também é possível que a vencedora, nos episódios em que a prova principal envolve atuação e canto, designe os papéis e partes que cada participante vai executar. Outra possibilidade envolve provas em grupo, em que duas ou mais participantes ganham o mini desafio e se tornam líderes de equipes, selecionadas por elas para executar a prova. Há roteiro parecido nos episódios e desafios que são variações usadas em todas as temporadas. Contudo, no caso do *Snatch Game*, a prova é sempre imitar uma celebridade em aspectos visuais e comportamentais. Os mini desafios também seguem um mesmo padrão.

Com relação ao quadro de jurados, RDR possui alguns que são fixos:

- Santino Rice esteve presente da primeira à sexta temporada (2009-2014) e na primeira temporada *All Stars* (2012);
- Michelle Visage participa da terceira temporada (2011) até a presente, e nas três temporadas *All Stars*,
- Ross Matthews julgou a quarta temporada (2012), depois as temporadas regulares da sétima temporada (2015) até a presente, e ainda as três temporadas *All Stars* (2012) até o momento.

Os episódios ainda contam com convidados especiais fazendo parte do painel de jurados. Em alguns desafios, eles encenam performances de mentores ou treinadores das participantes do programa. Em outras palavras, durante a preparação para a execução de alguns

¹⁵ Gongar é o mesmo que ridicularizar, zombar.

desafios, as *drag queens* são acompanhadas pelos jurados, para que possam realizar tarefas como cantar, executar coreografias, posar para sessão de fotos, entre outras coisas.

Apesar das opiniões dos jurados serem vocalizadas em todos os episódios durante as avaliações e deliberações, RuPaul sempre explicita que a palavra final é dela. De outro modo, todas as decisões do programa são tomadas por RuPaul, desde a vencedora dos desafios e do programa, até as duas piores candidatas a dublar por sua permanência. Muitas vezes essas decisões quebram certos protocolos comuns no programa, como eliminar as duas que fizeram a dublagem ou não eliminar ninguém, eleger duas competidoras como ganhadoras de desafios e até mesmo reintegrar ao grupo *drag queens* eliminadas.

Em relação à participação do público, sua decisão é realmente mínima ao longo do show. Algumas vezes RuPaul pede para que a audiência opine sobre as possíveis vencedoras. Isto acontece geralmente no episódio especial de retrospectiva antes da final, mas sempre demonstrando que a decisão é sua. A única exceção a esse padrão foi a escolha da Miss Simpatia, que até a nona temporada era escolhida pelo público.

Apesar do diferencial em ser um *reality show* competitivo com *drag queens*, *RuPaul's Drag Race* é, muitas vezes, muito semelhante a outros *reality shows* de competição americanos, sendo apontado como tendo sido influenciado por programas como *America's Next Top Model* (2003 - presente) e *Project Runway* (2004 - presente).

1.2.1 Werq The World Tour e a relevância da cena drag no Brasil

RuPaul's Drag Race se tornou um fenômeno mundial, sendo transmitido para diversos países, alguns países inclusive possuem uma edição própria da franquia, como a Tailândia, o Canadá, o Reino Unido e a Austrália. Do programa se originou uma turnê mundial chamada Werq The World Tour entre 2017 e 2018, em que participantes de diferentes temporadas fazem apresentações individuais e em grupo. A turnê passou pela Europa, América do Norte e América do Sul totalizando 63 shows. No Brasil a turnê teve quatro datas, duas em São Paulo (24 e 25/02/2018), uma no Rio de Janeiro (23/02/2018) e uma em Porto Alegre (22/02/2018)¹⁶.

Além da turnê oficial do reality show, muitas participantes do programa vieram ao Brasil para shows solo, com passagens por diversos estados, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo. Duas das *drag queens* mais famosas que saíram do programa, Alaska Thunderfuck e

¹⁶ Fonte: PapelPop. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2017/11/sairam-os-precos-da-turne-de-rupauls-drag-race-no-brasil/>. Acesso em: 17/04/2021.

Katya Zamolodchikova, da quinta e sétimas temporadas respectivamente, possuem canções sobre o Brasil no seu repertório de músicas originais.

Outro fator que saliente a importância do Brasil para a cena drag mundial é o sucesso de drag queens brasileiras, nas redes sociais e na música pop com nomes como Gloria Groove que soma mais de dois milhões de seguidores no Instagram, e mais de 400 milhões de visualizações em seus vídeos e clipes musicais no Youtube, assim como a drag queen Pablllo Vittar que é a drag queen com maior número de seguidores no Instagram no mundo, superando RuPaul e todas as participantes de RDR com mais de onze milhões de seguidores no Instagram e mais de um bilhão de visualizações em seus vídeos e clipes musicais no Youtube.¹⁷

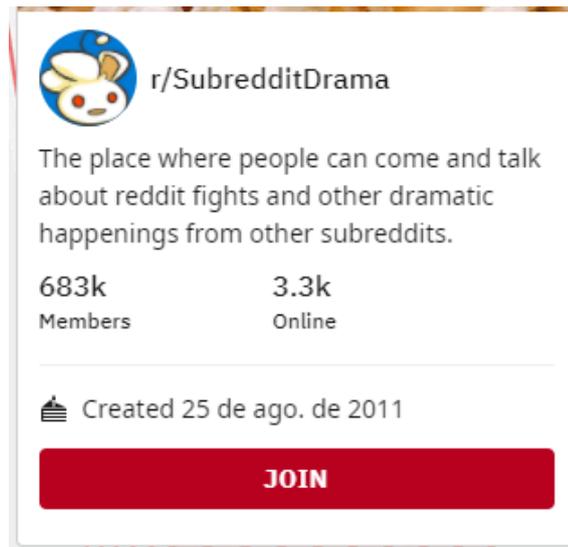
1.3 A REDE SOCIAL REDDIT

O *Reddit* é uma rede social online em que os usuários, por meio de comunidades, podem fazer publicações, votar positiva ou negativamente em publicações e comentar em publicações alheias. Comunidades também são comuns no site e são chamadas de *subreddits*, no caso dessa pesquisa passamos por dois *subreddits*, o *r/subredditdrama* e o *r/ruapaulsdragrace*¹⁸. O primeiro (Fig. 5) se define como “o lugar em que as pessoas podem discutir sobre brigas no *Reddit* e em outros *subreddits*”, o que apareceu na busca do Google e nos direcionou para o fórum em análise:

Figura 5: Descrição SubredditDrama

¹⁷ Informações retiradas dos perfis pessoais das artistas na rede social Instagram e em seus canais do Youtube.

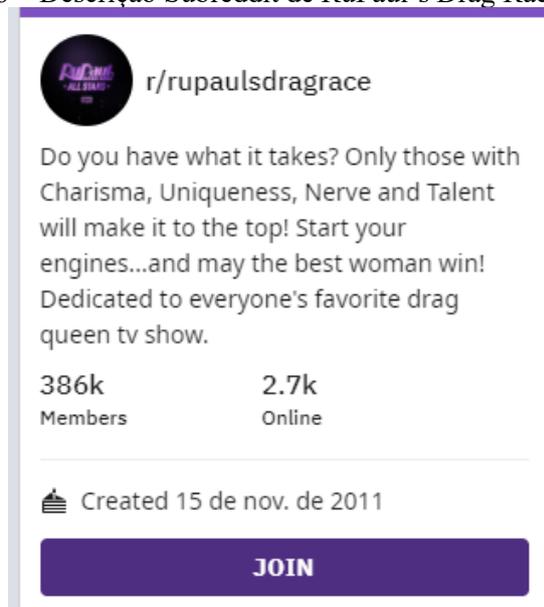
¹⁸ O *r/nome* é como são referenciados os *subreddits* na plataforma.



Fonte: Reddit, 2020¹⁹.

O segundo (Fig. 6) é o *subreddit* presente nos dados desta pesquisa que se define como um *subreddit* “dedicado ao programa de *drag queens* preferido de todo mundo”:

Figura 6 – Descrição Subreddit de RuPaul’s Drag Race



Fonte: Reddit, 2020²⁰.

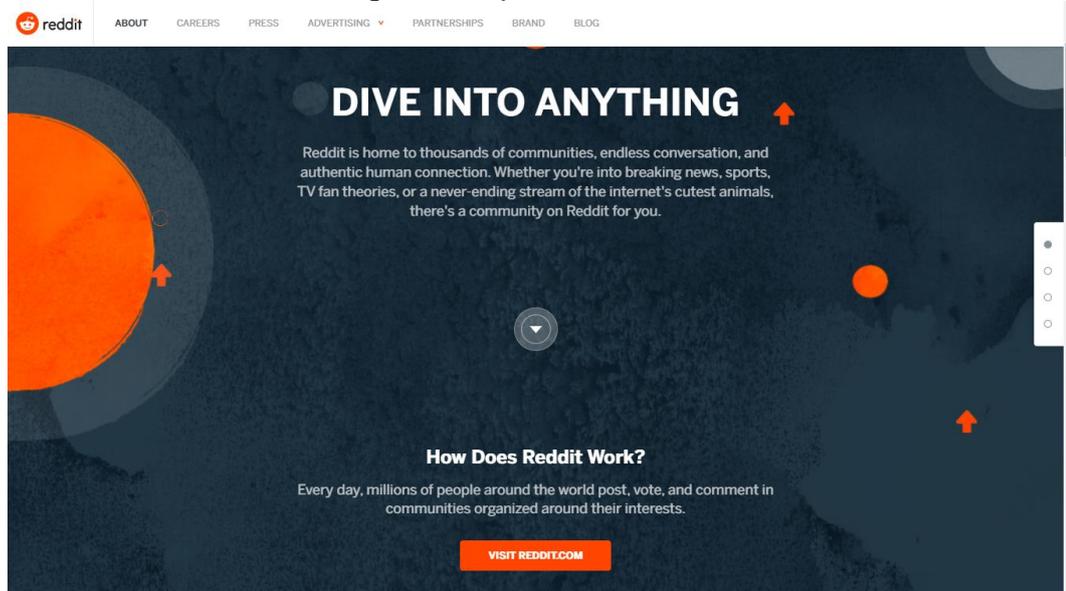
Na seção *About* do site (Fig. 7), a plataforma se autodefine como “o lar de milhares de comunidades”, afirmando que não importa em qual comunidade você se insere terá

¹⁹ Disponível em: https://www.reddit.com/r/SubredditDrama/comments/bhpulc/are_rupauls_drag_race_fans_racist_the_community/. Acesso em: 22 set. 2020.

²⁰ Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

um grupo no *Reddit* para que você possa se socializar. Eles explicam que o funcionamento do *Reddit* se dá da seguinte maneira: milhões de usuários publicam, votam ou comentam em tópicos organizados em comunidades de acordo com seus interesses.

Figura 7 - Seção About do Reddit



Fonte: Reddit, 2020²¹.

Ainda na página do *About*, a plataforma afirma ter mais de 430 milhões de usuários ativos mensalmente, mais de trinta bilhões de visualizações mensais e mais de 130 mil comunidades.

Figura 8 - Lista Alexa

Rank	Site
1	Google.com
2	Youtube.com
3	Amazon.com
4	Yahoo.com
5	Facebook.com
6	Zoom.us
7	Reddit.com
8	Wikipedia.org

Fonte: Alexa, 2020.²²

²¹ Disponível em: <https://www.redditinc.com/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

²² Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites>. Acesso em: 27 nov. 2020.

O sistema também afirma ser o quinto site mais visitado no território dos EUA, de acordo com a lista *Alexa* (Fig. 8), domínio que contém listas com um ranking de sites de acessos por países pertencente à empresa *Amazon*. Entretanto, ao visitar a lista citada pela plataforma no dia 27 de novembro de 2020, a posição da rede social era a sétima²³.

Por fim, vale dizer que o *Reddit* possui políticas de moderação e de conteúdo. A moderação das comunidades é realizada por usuários que são designados pelos criadores das comunidades. Esses moderadores, como podemos observar nos dados construídos para esta pesquisa, podem banir comentários ou usuários que, de alguma forma, violem a política de conteúdo do site. Quanto à política de conteúdo, o *Reddit* lista oito regras para o uso. A primeira fala sobre a necessidade de respeitar os outros usuários e não promover ataques ou atos violentos. A segunda regra é sobre a proibição de manipulação de dados e informações, incluindo *spam* e manipulação de eleições. A terceira é sobre consentimento e respeito à privacidade de outras pessoas. A próxima, proíbe a publicação ou o encorajamento de publicações de conteúdo sexualmente explícitos e sugestivos envolvendo menores. A quinta regra aponta que não há necessidade de o usuário usar seu nome real, porém, proíbe o uso de identidade de terceiros. A sexta regra vai versar sobre a necessidade de garantir que os usuários tenham uma experiência previsível fazendo as demarcações necessárias das comunidades e dos temas abordados por estas. A sétima regra vai apontar a necessidade de se manter as interações dentro das legalidades, não publicar, solicitar ou incitar publicações ilegais. E, por último, não quebrar o site ou fazer coisas que possam prejudicar o funcionamento do mesmo e o acesso dos usuários.

1.4 UM RECORTE PARA MICROETNOGRAFIA DE INTERNET NO FÓRUM DO REDDIT

Em 2017, a pesquisa se inicia no meu trabalho de conclusão de curso na graduação. Já acompanhava o *RuPaul's Drag Race* há alguns anos como fã, partiu da minha relação pessoal com o programa a ideia do trabalho. Inicialmente, não tinha delimitado quais seriam os caminhos a serem tomados do ponto de vista analítico, então, passei a reassistir as temporadas buscando por algo que pudesse ser analisado. Neste momento, observei que o programa se baseava em padrões para a tomada de decisões com relação à eliminação,

²³ Disponível em <https://www.alexa.com/topsites/countries/US>. Acesso em: 27 nov. 2020.

vencedora dos desafios e da temporada. Assim, passei a perceber as recorrências desses padrões.

Ao final, havia selecionado um dos padrões para analisar, o *male drag*. Este consistia em *drag queens* se montando com estilização masculina, ou seja, com caracterização tipicamente masculina segundo padrões cisheteronormativos. Para essa análise, passei por três temporadas, da quinta à sétima temporada, e três *drag queens* diferentes, uma de cada temporada. Nesse momento, os preceitos dragnormativos eram baseados exclusivamente nas concepções de gênero como performance de Judith Butler (2003 [1990]) e na construção do sujeito *outsiders* em Howard Becker (2008). Concluí o TCC apresentando os preceitos do funcionamento da dragnormatividade a partir dos padrões sobre o *male drag*, apresentando a maneira como a regra foi perdendo força a partir da repetição da prática por meio das participantes do programa quase como uma forma de resistência ao poder imposto sobre elas. Isto era previsto em Becker, já que o sociólogo aponta que regras e leis oficiais podem cair em desuso de acordo com a força de sua aplicação.

Neste momento, deparei-me com algumas outras questões com relação à dragnormatividade, com o trabalho já finalizado, inclusive comentei nas considerações finais que outras questões surgiram naquela altura da pesquisa. Entre elas, a questão racial com a vitória de Bob *The Drag Queen*, uma *drag queen* negra de Nova York, na oitava temporada do programa, e a possível participação da opinião do público sobre dada vitória. Se tornou então um ponto de interesse para a pesquisa a expansão da dragnormatividade para incluir questões raciais e para analisar a dragnormatividade a partir do público do programa. A partir de então, inicia-se o trabalho atual.

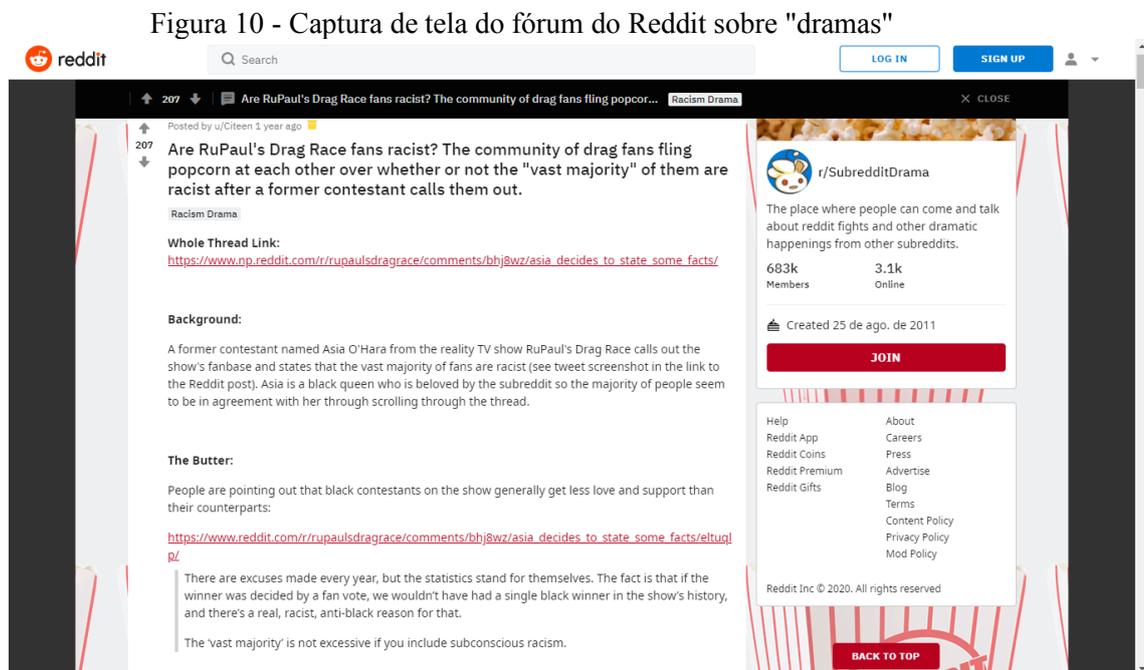
Em abril de 2019, a *drag queen* Asia O’Hara publica um *tweet* afirmando que a grande maioria dos fãs de RDR é racista. Eu, que no momento a seguia no Twitter, como faço com a maioria das participantes de RDR das quais sou fã, salvei a publicação para posteridade e em setembro de 2019 a revisei. Neste momento, cursava “*Tópicos Especiais em Memória Social 5 – Performatividades discursivas-corpóreas raciais e interseccionais em contextos de alta reflexividade*”, o que possibilitou aprofundar meus conhecimentos e ter meu primeiro contato com o conceito de branquitude e estudos críticos de branquitude, que tomam posição central neste trabalho.

A partir disso, iniciei uma busca no Google, no dia 11 de outubro de 2019, com o seguinte texto: “*Asia O’Hara RuPaul’s Drag Race Majority Racist*”.



Fonte: Google, 2020.²⁴

Um dos links que apareceram na busca me direcionavam para o *Reddit*, que apesar da pouca familiaridade que tinha com a plataforma, sabia que se tratava de um tipo de rede social que formava fóruns para discutir alguns temas. O *link* me levou para um fórum criado para discutir “dramas” de outros fóruns (Fig. 10):



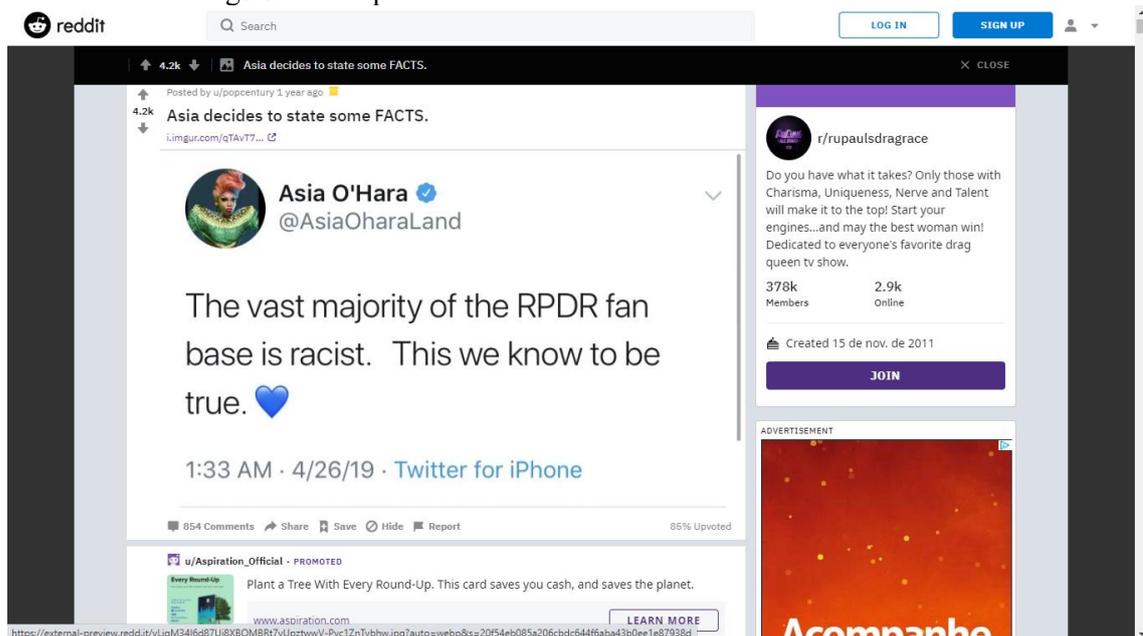
Fonte: Reddit, 2020.²⁵

²⁴ Disponível em: encurtador.com.br/kzFJM. Acesso em: 11 out. 2020.

²⁵ Disponível em: https://www.reddit.com/r/SubredditDrama/comments/bhpulc/are_rupauls_drag_race_fans_racist_the_community/. Acesso em: 22 set. 2020.

Nesse fórum específico, que contava com 70 comentários, o tema discutia a publicação de Asia O'Hara no *Twitter* (Fig. 11). Seguindo o link para o fórum, encontrei-o, mas já encerrado para contribuições. Neste acesso, realizado em 22 de setembro de 2020, ele contava com 852 comentários em língua inglesa. O primeiro acesso se deu no dia 11 de outubro de 2019 às 13 horas e 27 minutos. Os dados são construídos com base nesse fórum até 22 de setembro de 2020, data do último acesso.

Figura 11 - Captura de tela fórum sobre o tweet de Asia O'Hara



Fonte: Reddit, 2020.²⁶

Inicialmente, este trabalho partia de um projeto que previa outros caminhos a serem tomados, incluindo a reverberação da dragnormatividade em territórios e ambientes virtuais brasileiros e como se dava a relação da cena *drag* do Brasil com a cena *drag* estadunidense. Contudo, a empreitada tornou-se inviável devido ao tempo e à quantidade de dados. Neste sentido, optei pelo fórum previamente mencionado no *Reddit*, já que em alguns comentários emergem memórias do Brasil como um país racista. Neste momento começa a tomar forma o trabalho que está sendo desenvolvido com essa pesquisa.

Outro fator relevante é que passo a olhar para meus dados com a perspectiva contaminada pelos textos e aulas da disciplina supracitada, percebendo de maneira muito evidente as forças da branquitude agindo na tentativa de negar a existência de racismo e de se excluir da problemática racial, principalmente para os dados presentes no *Reddit*.

²⁶ Idem.

Pela natureza da rede social *Reddit* e de seus fóruns, limitações de controle de números da plataforma que nos impedem de determinar exatamente o número de *upvotes* e *downvotes*²⁷ na página principal e impossibilidade de determinar exatamente as datas postagens, o material de análise se concentra no comentário inicial (Fig. 11), e nos comentários que dialogam com ele. Além disto, outro critério escolhido para seleção de comentários está relacionado a articulação entre raça, gênero, sexualidade e *drag*. Por fim, faz parte também do material, comentários que abordam o fenômeno em estudo, mesmo que brevemente, na América Latina e no Brasil. Assim, o material de análise são os comentários presentes no fórum do *Reddit* intitulado “*Asia decides to state some facts*” que sigam os aspectos mencionados.

Para realizar as análises das memórias de racismo e branquitude, embasamo-nos no conceito teórico-metodológico-analítico de pistas indexicais formulado por Wortham (2001) a partir das pistas de contextualização de Gumperz (2002[1982]), apesar de não nos debruçarmos profundamente no trabalho de Wortham (2001). Assim como Melo e Moita Lopes (2016), nesta pesquisa as pistas indexicais não serão utilizadas como propostas originalmente, já que não analisamos interações, mas sim para estabelecer uma relação entre as práticas discursivas presentes nos dados e os Discursos de racismo e branquitude vigentes na sociedade.

Partindo de teorias de Mikhail Bakhtin, Wortham (2001) apresenta uma lista de possíveis pistas indexicais que fariam com que sua aplicação em uma análise se desse de maneira mais satisfatória. Não exploramos a lista em sua totalidade, mas destacamos aqui algumas delas. Dessa maneira as pistas indexicais analisadas nesta pesquisa são, principalmente, referência e predicação. A referência ocorre quando o narrador escolhe *objetos* no mundo para referenciar e predicação é a caracterização feita sobre este *objeto*.

²⁷ Cf. seção sobre o *Reddit* a explicação do funcionamento da plataforma.

2 MEMÓRIAS DE RACISMO E BRANQUITUDE

Neste capítulo, visamos a articular linguagem e memória, para tal, primeiro apresentamos a concepção de linguagem como ação e depois apresentamos a articulação entre memória e linguagem. Para tal, inicialmente trato dos principais conceitos desta teoria, tais como, atos de fala performativos e constativos, as chamadas condições de felicidade destes atos e os conceitos de atos locucionários, ilocucionário e perlocucionários.

Segundo, considero as críticas e contribuições feitas por Jacques Derrida à teoria dos atos de fala e a reformulação e adaptação da teoria feita por Judith Butler. Passamos pela perspectiva de memória, baseando-nos em Gondar (2006; 2016) e Maurice Halbwachs (2006). Por fim, trabalhamos com os conceitos de raça, gênero, sexualidade e *drag* como performance e como memória, portanto, como ação interseccionalizando as categorias supracitadas através de conceitos de interseccionalidade (CRENSHAW, 2004) e *queer race* (BARNARD, 2004).

2.1 MEMÓRIA E LINGUAGEM COMO AÇÃO

A perspectiva linguística presente nesta pesquisa é baseada inicialmente na teoria dos atos de fala de John Langshaw Austin (1911-1960), filósofo inglês que, na primeira metade do século passado, revolucionou a filosofia da linguagem propondo os atos de fala performativos e constativos. O autor questiona o positivismo lógico que era uma forte corrente filosófica, retira a linguagem estudada na academia de seu encarceramento científico, focando na linguagem cotidiana e seus efeitos no mundo para o centro dos estudos linguísticos na época.

Em seu livro *Quando dizer é fazer* (1990[1962]), organizado por seus alunos, Austin postula dois tipos de atos de fala: *constativos* e *performativos*. Os primeiros seriam atos de fala que descrevem o mundo “real” e, portanto, poderiam ser considerados verdadeiros ou falsos. Já os segundos fazem ações no mundo e as condições de efetividade desses atos de fala são denominadas *condições de felicidade*, sendo *felizes* quando há êxito e *malogrados (infelizes)* em situação contrária. Um exemplo desta perspectiva teórica pode ser observado no *reality show* RDR quando RuPaul diz para uma das candidatas “Você não está montada!”. No caso dos atos de fala constativos, ele estaria descrevendo a condição de uma das participantes. Já no

caso dos atos de fala performativos, RuPaul poderia, ao enunciar, estar fazendo a ação de advertir uma das *drag queen*, dentre outras diversas ações possíveis no momento do proferimento. Em outras palavras, os atos de fala performativos não estariam ligados à verdade ou falsidade, por não constatarem um estado no mundo, mas sim praticam uma ação propriamente dita. Por não estarem ligados a uma possibilidade de verdade ou de falsidade não poderiam ser classificados como verdadeiros ou falsos. Austin, desta forma, pontua que esses atos são bem-sucedidos ou malsucedidos na ação intencionada pelo falante.

Para que se pudesse diferenciar os dois atos mencionados, ele propôs uma série de postulações sobre o que possibilita o sucesso do ato de fala performativo, as chamadas *condições de felicidade*. De acordo com filósofo da linguagem, para que um enunciado seja *feliz* é necessário que ele se enquadre em uma série de regras que considera o contexto da enunciação. Dentre elas, o enunciado deveria ser proferido em um certo contexto, por uma certa pessoa, seguindo convencionalmente um proferimento de certas palavras. Outro ponto importante nesse momento da teoria é a *intenção* dos interlocutores considerada por Austin aspecto de importante para o sucesso ou ao fracasso do ato de fala.

Vejamos outro exemplo: em uma das cenas de RDR será anunciada a vencedora do desafio da semana, considerando as condições de felicidades dos atos de fala performativos, somente uma pessoa autorizada pode anunciá-la, usando certas palavras e nas circunstâncias adequadas. Neste caso, RuPaul é a pessoa autorizada, as palavras são “[...] *You’re a winner baby*” e a circunstância é a avaliação que acontece após o desfile de *looks* na passarela. Ele precisaria fazer o proferimento correto e completo e ter a intenção, ou seja, os sentimentos e os pensamentos, de realizá-lo de fato. Caso uma dessas regras seja quebrada, o enunciado seria considerado *malogrado*, ou seja, a ação não é considerada válida, ela é infeliz.

Ainda em seus estudos sobre os atos de fala, Austin afirma que são compostos de três partes que ocorrem simultaneamente no momento do proferimento: os atos *locucionários*, *ilocucionário* e *perlocucionários*. Os atos locucionários se referem diretamente ao ato de falar, ou seja, as palavras, sua organização sintática, semântica, o que a sentença diz de fato. Os atos ilocucionários se referem à ação que o falante exerce ao fazer tal proferimento. Por fim, os atos perlocucionários se referem ao efeito que tal ato de fala tem após seu proferimento. Na situação a seguir, antes de dizer quem ganhou o desafio, RuPaul normalmente faz o seguinte proferimento:

“*I’ve made my decision!*”

O ato locucionário deste proferimento é a informação que ele nos dá:

- O agente: eu

- A ação: tomar decisão
- Tempo: pretérito perfeito (tomei)

O ato ilocucionário se refere à ação de RuPaul ao proferir o enunciado, que seria anunciar um veredito com relação ao desafio. Um dos efeitos possíveis deste ato de fala sobre os participantes da situação, em outras palavras, o ato perlocucionários, poderia ser a audiência se voltar para RuPaul para ouvir o veredito, ocasionar um burburinho entre as participantes etc. Vale dizer que, posteriormente Austin revistou seu próprio trabalho e reconheceu que a dicotomia *constativo x performativo* não era factível, já que mesmo quando estamos descrevendo alguma coisa, uma ação é realizada em linguagem. Sendo assim, ele considera em um segundo momento de sua teorização sobre a linguagem ordinária, que todos os atos de fala são performativos, exceto as estiolações, ou seja, os atos de fala ficcionais.

A teoria de atos de fala austiniana, apesar de inovadora e revolucionário para o campo dos estudos da linguagem, sofreu críticas apontadas por Jacques Derrida e Judith Butler. O primeiro, em seu texto intitulado “*Assinatura Acontecimento Contexto*” presente no livro *Limited Inc* (1991 [1988]), inicia a discussão se voltando para o conceito de “comunicação” para chegar aos conceitos de *iterabilidade* e *citacionalidade*. No primeiro momento do texto, Derrida aborda a polissemia do conceito de comunicação e seus possíveis desdobramentos. No segundo momento, se volta especificamente para o texto de Austin sobre os atos de fala, tecendo suas críticas e contribuindo para uma releitura da teoria dos atos de fala. Nesta investigação, interessa-me a crítica de Derrida que considera todos os atos de fala performativos incluindo os estiolamentos, o conceito de *iterabilidade* e de *citacionalidade*.

Ao considerar todos os atos de fala performativos, compreendemos que nos programas de *reality show*, os atos de fala ali proferidos fazem ações e têm efeitos, como candidatas serem coroadas a *queen* da temporada ou serem desclassificadas do programa. Os efeitos de tais atos podem reverberar em outros espaços, como é o caso do fórum em análise, neste estudo, que nasce do fato de uma das participantes negras do programa apontarem para o racismo presente na comunidade de fãs do *reality show*.

Os processos de iterabilidade e citacionalidade, propostos por Derrida (1991 [1988]), nos ajudam a compreender como certos atos de fala se naturalizam como verdades nas práticas sociais. Na iterabilidade, o estudioso aponta para a possibilidade de repetição dos signos em diferentes contextos, possivelmente esvaziados de seu referente, sentido e intenção, ou seja, os signos são iteráveis ou “repetíveis”. Neste processo de repetição, iterabilidade, pode-se repetir o ato de fala, performativo, que naturaliza certos discursos e/ou verdades ao se repetirem. Em cada *reality show* em que RuPaul repete, em anos diferentes, para participantes diferentes: *I’ve*

made my decision!, ele naturaliza uma forma de anunciar a vencedora de cada desafio, por exemplo. Este enunciado se repete por temporadas e aponta, por exemplo, para uma naturalização de como dar o veredicto. Esta face da iterabilidade é o performativo.

Também no processo de iterabilidade, na repetição há a *força de ruptura*, a possibilidade de falha na repetição deste performativo, emergindo dali a performatividade, a criação, o novo, a transformação. Para que o signo seja legível, transmissível, ele rompe com o contexto de sua produção, com os sentidos construídos para surgir dali a transformação. Rompe-se com o contexto de origem (emissor, destinatário, sentido etc.). Sem ao longo do programa, RuPaul no momento de anunciar o veredicto, dissesse *I've made my decision* e não apresentasse uma vencedora finalizando o programa, teríamos aqui a performatividade, o novo, ou seja, aquela temporada não teria uma vencedora. Em ambos os exemplos, os efeitos são incalculáveis.

Podemos dizer que, a partir da iterabilidade do signo que pode ser repetido, carregando consigo parte de suas estruturas significativas e contextuais do momento de sua produção ou não, a *força de ruptura* permite que esse signo seja repetido esvaziado de seu significado prévio, ou seja, permite que a repetição seja também uma ruptura de sentido do ato de fala. A iterabilidade é, assim, o que permite a citacionalidade de um signo e a ruptura de sentido.

De acordo com Derrida (1988), Austin parecer reduzir os *atos de discurso* a atos de comunicação, produzidos e, de certa maneira, condicionados a determinado contexto em que encontram seus interlocutores. A segunda consideração é a de que um ato de fala performativo é um ato de comunicação que não pretende informar ou transmitir uma mensagem, mas sim “a comunicação de um movimento original (por ser definido numa teoria geral a ação), uma operação e a produção de um efeito” (DERRIDA, 1991 [1988]). O terceiro ponto é que, diferentemente do ato de fala constativo, o performativo não tem referente fora de si, não está descrevendo algo que esteja fora da linguagem. Por último, Derrida diz que Austin retirou o ato performativo do binário verdadeiro/falso. Além disto, um dos problemas apontados por Derrida a respeito dos atos de fala austinianos é a intencionalidade do falante, não há nada pré-discurso.

Na mesma perspectiva de tecer críticas e contribuir com a concepção de linguagem como ação, Judith Butler, em vários de seus trabalhos (2003; 1993; 1997) partiu desta perspectiva e da releitura sugerida por Derrida, para pensar os processos de construção de gênero. Para tal, a filósofa diz que Austin ainda apresenta uma perspectiva instrumentalista da linguagem, o instrumento para se realizar a ação. A pesquisadora, no entanto, afirma que a linguagem é a própria ação. Em outras palavras, a linguagem não é só um meio pelo qual uma ação é realizada, ela é, em si, uma ação. Adiciona-se a isto, a perspectiva da autora de

compreender o corpo como uma materialidade imbuída de significado, portanto, reconhecível (ou não) pela e na linguagem e produzida com base em performatividade.

Partindo da perspectiva de linguagem aqui apresentada, nesta investigação, entendemos a memória social como performativa. Quando ela emerge nos atos de fala, emerge também uma ação, cujos efeitos marcam os corpos e as práticas sociais.

De acordo com Jô Gondar (2006), a polissemia da palavra "memória" tende a criar certos problemas em sua conceituação. Para a autora, há instâncias distintas entre memória individual, coletiva e social, mas com fronteiras opacas que torna complexo delimitá-las. Conceituar memória coletiva e social depende das articulações teóricas e das áreas de atuação.

Apesar das distintas concepções de memória social e de suas contradições, a estudiosa traz um aspecto que dialoga com a perspectiva aqui adotada, a criação ou invenção da memória social tanto no coletivo como no individual:

Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. Ou, de outro modo: abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais. (GONDAR, 2008, p. 5).

Considerando a possibilidade de invenção da memória e seus sentidos, a linguagem é relevante neste aspecto já que ela exerce o ‘papel’ de construir a memória e, na perspectiva de uma memória social performativa, ações são realizadas na imersão de memórias, sejam elas quais forem.

Nos voltaremos agora para a compreensão de memória coletiva e individual através de Maurice Halbwachs (2006). Para o autor, a memória é coletiva, construída em grupos ou comunidades afetivas, a memória individual seria apenas um ponto de vista da memória coletiva, no processo de rememoração as lembranças dos indivíduos devem estar em concordância. As lembranças dos indivíduos são, segundo Halbwachs, um compilado das lembranças dos grupos sociais em que participou (família, escola, igreja etc.). A questão que motiva Halbwachs na formulação do campo da memória social não é “o que lembramos?” e nem “por que lembramos?”, mas sim “como lembramos?”. É necessário ressaltar alguns pontos principais do pensamento do autor que são relevantes para esta pesquisa. Para Halbwachs a memória sempre é coletiva, a memória é construída através da linguagem e circunscrita nos quadros sociais.

O fio que liga a memória coletiva e a individual é a linguagem. A linguagem para Halbwachs é um sistema de convenções através do qual se cria lembranças, é a linguagem que

possibilita a criação de memórias. A linguagem coloca em sequência narrativa as lembranças (sejam individuais, coletivas ou sonhos) e essa sequência narrativa é informada (constrangida e potencializada) pelos quadros sociais. Sendo a linguagem, na concepção do autor, uma convenção social, mesmo que uma lembrança ocorra de maneira que se possa acreditar isolada, não há linguagem em isolamento, portanto não haveria lembrança, dessa forma mesmo a memória que se pode caracterizar como individual é na verdade coletiva

Os quadros sociais são um conceito fundamental para a fundação da memória social enquanto campo do saber por Halbwachs. Para o autor, os quadros sociais são os pontos de referência do passado que constituem os grupos sociais, são experiências coletivas (externas) interiorizadas nos indivíduos (internas). Segundo Namer, em *Les cadres sociaux de la mémoire* (HALBWACHS, 1925) o uso dado ao conceito de quadros sociais por Halbwachs é de “portador e organizador da hierarquia da representação geral da sociedade, caracterizadas por necessidades e valores” (2004[1994] p. 375). Sendo assim, para Halbwachs, a memória é criada na linguagem, circunscrita numa série de pontos de referências dentro de grupos sociais, não pode ser individual pois sua existência se baseia na necessidade de convenções sociais que dão conta dessas memórias.

Para Gondar (2005, 2008, e 2016), a memória social é fluída, ou seja, o conceito se molda a partir do que é mobilizado ao seu redor, assim como a memória em si funciona nas práticas sociais, sendo móvel e criativa, envolvendo lembrança e esquecimento. Com base na autora, podemos dizer que o único aspecto fixo da memória é a sua “reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis” (GONDAR, 2016. p. 19). Outro ponto importante é que o conceito de memória social não é definido por nenhuma área de conhecimento de maneira unívoca. Outro aspecto importante para a concepção de memória é o diálogo da memória social com outros campos, sendo ela é transdisciplinar, ou seja, mobilizada por várias áreas do conhecimento. Memória social implica lembrança e esquecimento numa relação paradoxal, não há um sem o outro, e em eras digitais os processos de lembrança e de esquecimento se entrelaçam fortalecendo o paradoxo.

Pensar memória enquanto um processo coletivo nos aproxima de uma possibilidade de agência no que tange a questões de transformações sociais. Outro ponto importante da memória enquanto construção coletiva é o entendimento de que, se algumas falas e violências acontecem, é porque coletivamente se criam condições para tal, ou seja, ao tratar de branquitude, racismo, sexismo e LGBTQIA+fobia, estamos apontando, também, que coletivamente condições foram estabelecidas para que esses atos violentos sejam praticados.

Entender memória enquanto processo não pode ser uma posição que exclui o caráter criativo e inovador da memória.

Conceber a memória como processo não significa excluir dele as representações coletivas, mas, de fato, nele incluir a invenção e a produção do novo. Não haveria memória sem criação: seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa; ao reduzi-la a qualquer uma dessas dimensões, perderíamos a riqueza do conceito. (GONDAR, 2016, p. 40)

Associando à ideia de construção de memória juntamente ao processo de citacionalidade e iterabilidade e, entendendo que memórias são construídas na e pela linguagem, memórias são também performativas e, ao mesmo tempo que a performatividade abre espaço para uma agência progressista, ela também possibilita uma agência conservadora como poderemos observar na análise presente nesta pesquisa.

Considerando todos os aspectos mencionados, compreendemos que na articulação entre memória e linguagem como ação, o conceito de iterabilidade proposto por Derrida (1988), torna-se relevante aqui. Como mencionado anteriormente, os atos de falas são iteráveis e na repetição temos a possibilidade de naturalizar o performativo ou desconstruir discursos na performatividade. Nessa perspectiva ao abordarmos memórias de branquitude e racismo, estamos apontando, também, para os discursos da branquitude e do racismo que são suscitados na construção dessas memórias. Memória e linguagem são indissociáveis.

2.2 MEMÓRIAS DE RACISMO E BRANQUITUDE

De acordo com Silvio Almeida (2019), em *Racismo Estrutural*, ao traçar um breve histórico do conceito de raça, afirma que ela passa pelas expedições coloniais da Europa iluminista, pelos impulsos cartesianos, pelo surgimento das ciências e transmutação do “homem” de objeto filosófico a objeto científico no século XIX. Segundo o autor, raça não é um conceito fixo, depende de contextos políticos e sociais, além disso, é um conceito *relacional e histórico*, ou seja, opera seguindo uma lógica de relação entre os seres humanos e baseado na história do próprio conceito e de seus usos. A utilização de dado conceito para designar grupos de seres humanos remonta ao século XIX e se deu a partir da expansão colonial da Europa e do mercantilismo, visto que a diferenciação entre seres humanos anteriormente era feita com base em outros marcadores. Sendo assim, raça não é um conceito que surge da naturalidade, mas sim um espaço de disputa de poder, como bem colocado por Mbembe em *Crítica da razão negra*:

A raça não existe enquanto facto natural físico, antropológico ou genérico. A raça não

passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projeção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verossímeis – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. Em muitos casos, é uma figura autónoma do real, cuja força e densidade podem explicar-se pelo seu carácter extremamente móvel, inconstante e caprichoso (MBEMBE. 2014. p. 26-27).

A qualidade ficcional e “útil” do conceito de raça, é o que Mbembe apresenta como uma via de desvio de problemas que seriam mais verossímeis como classe e gênero, porém, vivemos em uma sociedade que se tornou extremamente pautada pela questão da raça. Contudo, ao dizer que raça é um conceito ficcional e que classe e gênero seriam mais verossímeis, Mbembe não está afirmando que a questão racial não é real, a questão racial existe e é crucial para o entendimento da sociedade ocidental e de suas relações de poder, a questão é mais sobre o cerne da criação do problema.

Em seu texto, *A questão multicultural* (2003), Hall nos apresenta a diferença entre raça e etnia e como os dois conceitos agem em conjunto na construção de racismo. Citando o contexto britânico, o autor desenvolve uma discussão a partir das noções que o reino Unido, enquanto sociedade, estabelecem com os conceitos de raça e etnia. Raça, neste contexto, seria atribuída às pessoas afro-caribenhas, baseada principalmente em aspectos biológicos como cor da pele. Já a definição de etnia está relacionada, normalmente, ao grupo de pessoas asiáticas, focando em aspectos culturais, mesmo com a multiplicidade étnica e cultural desse grupo. Ainda embasado no estudioso, é possível dizer que o conceito de raça, apesar da derivação dita biológica, não é um conceito científico, mas sim social e político, como também apresentado por Mbembe em trecho supracitado. Ambos pontuam que o conceito de raça não deriva de um fato da natureza, mas sim de relações políticas e sociais.

Conforme Hall raça “[é] a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo” (2003 p. 69). Por ser discursiva, raça se constrói na e pela linguagem, na perspectiva aqui em discussão, raça é também performativa como afirma Melo (2020), ou seja, ela está no campo da performatividade já que ao enunciarmos atos de fala performativos raciais, ações raciais ocorrem e os efeitos afetam as práticas sociais e os corpos. A linguagem é fundamental nas construções sociais humanas, com relação à raça não poderia ser diferente. Como podemos perceber na seção anterior desta dissertação, o mundo é construído na e pela linguagem, linguagem faz raça e linguagem é raça. A partir de um carácter performativo da linguagem, categorias políticas são (re)inventadas, mantidas e alteradas, dada a possibilidade de agência e rompimento presente na performatividade. Sobre tal aspecto da língua, cito Grada Kilomba:

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, em também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (KILOMBA, 2019, p. 14).

Na perspectiva de raça como uma invenção eurocêntrica, negro, segundo Mbembe (2014), é também uma invenção. Partimos então desta lógica para discutir branquitude, entendendo-a como sistema de privilégios raciais materiais e simbólicos de pessoas brancas. Considerando Grada Kilomba ao tratar das memórias da plantação, neste estudo, compreendemos raça como parte de uma memória colonial, inventada e construída a partir do Ocidente, ou seja, de brancos europeus, que constroem sua autoimagem como centro civilizatório do mundo, lugar onde se firmaram os homens de mentes elevadas, que também pensaram conceitos abrangentes de direitos e humanidade. Como centro da invenção, a branquitude se coloca como positiva e posiciona as outras raças em escalas de negatividade, sendo que, no lugar de negatividade, segundo Mbembe (2014), está a ideia do negro. De acordo com o autor, alguns pensadores europeus, tais como Hegel, negam a humanidade do Negro e o descrevem como um ser animalesco desprovido de linguagem e consciência de si. Paul Valéry, por sua vez, dizia que a humanidade estava adormecida nesses seres. Assim, se justificava a empreitada colonizadora, com um argumento de ser uma missão civilizatória e humanitária.

Outro aspecto relevante a ser mencionado sobre as memórias coloniais é a dinâmica de poder em territórios colonizados, que deixa marcas e, mesmo depois de se tornarem independentes, esses países mantêm certa relação de colônia x metrópole, já que, a partir de uma relação constituída na linguagem, quanto mais próximo da metrópole mais “branco” é o indivíduo colonizado. Em uma sociedade em que o poder está sobretudo concentrado na branquitude, tal aspecto se torna uma prática de desejo comum entre colonizados. Como podemos observar na seguinte citação de Fanon:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (FANON, 2008, p. 34).

Partindo dos aspectos mencionados sobre raça, temos o racismo. Segundo Hall (2003), há uma particularidade do racismo enquanto prática discursiva, o “efeito de naturalização” das categorias de raça, já que o racismo, assim como o sexismo e o antissemitismo, diferente da luta de classes, por exemplo, se apoia na genética e na biologia

para justificar a exclusão racial baseada nas distinções raciais e culturais, fazendo com que as categorias de raça, através deste dito “efeito de naturalização”, se tornem um “fato fixo”. Contudo, no caso do racismo, as diferenças genéticas não são visíveis então, o fator determinante para sua ação se baseia nos traços visíveis, tais como cor da pele e características físicas.

Silvio Almeida (2019) discorre sobre três concepções de racismo: o racismo individual, institucional e o estrutural. Nesse sentido, o racismo se daria de três formas diferentes, primeiro da relação entre racismo e subjetividade, segundo na relação de racismo com o Estado e, por último, na relação entre racismo e economia. O autor explica em sua obra que o racismo estrutural e institucional são coisas diferentes, visto que do ponto de vista sociológico os termos “instituição” e “estrutura” apontam para significados diferentes. Na concepção individualista, o racismo é visto como um problema comportamental, ético, uma “patologia” de um indivíduo ou um grupo racial direcionado a outro indivíduo ou grupo. Nela, o problema se centraria nas relações interpessoais. Para Gomes (2005), na forma individual, o racismo se manifesta por meio de ações de indivíduo contra indivíduo. Almeida aponta que entender o racismo como individual não é suficiente, já que não se pode apagar o fato de que o racismo já foi chancelado pelo Estado e pelas leis.

No fim das contas, quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais deixa-se de considerar o ato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem” (ALMEIDA, 2019, p. 26).

De acordo com Gomes (2005), no racismo institucional ocorrem práticas discriminatórias institucionalizadas e sistematizadas, que se manifestam politicamente através de instituições como escolas, hospitais, prisões, justiça, assim como através das mídias que atuam numa dinâmica que privilegia e dificulta experiências de vida de determinadas pessoas baseadas no grupo racial ao qual estes indivíduos pertencem. Segundo Almeida (2019), nessa concepção, o poder é fundamental e o racismo seria baseado em dominação. Grupos hegemônicos retêm o domínio político e econômico e, com base nisso, constroem regras e normas sociais que apontam que seu grupo racial é o “normal”, o padrão de humanidade ao qual se comparam os outros grupos. Para que esse poder seja mantido é necessário que, por meio dessas regras, se institucionalize o que a “normalidade” do grupo dominador.

Quanto à concepção estrutural do racismo, entendemos que ele vai além de práticas individuais e do racismo institucional. Entender racismo como estrutural implica em

duas questões principais, a primeira delas é que a existência de instituições racistas implica que a própria sociedade é racista, o racismo é parte da ordem social. A segunda questão diz respeito a representatividade. De certo que representatividade é importante para que se combata o racismo, mas apenas ela não consegue ruir as bases de uma sociedade estruturada em racismo. Nela, compreendemos que o racismo é um problema da sociedade como um todo, gerando instituições racistas e comportamentos individuais racista, já que socialmente o racismo não é exceção, é a regra. Para que a ordem social que opera em uma lógica racista sofra mudanças e se reestruture, torna-se relevante ir para além da representatividade e se promova movimentos, de fato, antirracistas.

Ainda a respeito dessa perspectiva de racismo, o autor a subdivide em *racismo como processo político* e *racismo como processo histórico*. O primeiro aponta para a condição política inerente ao racismo que, por ser sistêmico, depende de um poder político para sua existência. O autor ainda ressalta que tal característica inviabiliza o discurso do *racismo reverso* pois, para que ele ocorra, há necessidade sistêmica e política, já que há jogo de poder e nele os grupos raciais minoritários podem ser discriminatórios e preconceituosos com grupos majoritários, mas isso não significa que as relações de poder e de opressão mudem. Outro ponto a ser considerado é o emprego do termo racismo “reverso”, pois é possível inferir que há um racismo “normal”, no caso aquele exercido contra pessoas negras, indígenas e asiáticas, no caso do Brasil.

Já a segunda subdivisão, Almeida aponta que o racismo por ser estrutural é, também, histórico visto que não ganha existência apenas pela economia e pela política. A constituição histórica de cada Estado, enquanto sociedade, também atravessa o racismo. Em outras palavras, a dinâmica estrutural do racismo tem relação com “às peculiaridades de cada formação social” (ALMEIDA, 2019, p. 37). De acordo com Nogueira (2008[1954]), o racismo se manifesta de maneira circunstancial e específica, mas também em relação paradigmática com todas as transformação e processos de construção social. Exemplo disso são as diferenças entre o racismo no Brasil e nos EUA, países que passaram por diferentes construções históricas e sociais de organização de Estados no que diz respeito às hierarquias de classe, gênero e raça.

Em resumo, o racismo pode ser, segundo Gomes (2005), uma ação que se oriunda da aversão em relação a pessoas que possuem características raciais diferentes do que se tem como norma, e um conjunto de ideias que apontam para a crença de que existem raças superiores e inferiores, no caso do Ocidente, pautado na ideia de supremacia branca.

Sendo branquitude e racismo duas memórias coloniais úteis para a manutenção de poder de um grupo que se privilegia de seus efeitos, parto da perspectiva, assim como Bento

(2002); Schucman (2014); Melo, Melgaço & Marques (2020), da necessidade de se considerar branco como raça, inserindo-a no centro do debate, desconstruindo assim o outro, e colocando-a na arena racial como aquela que atua para ser ‘esquecida’, mas sempre presente.

Observamos séculos de escravização e exploração de mão obra dos povos indígenas e negros, bem como processos de abolição da escravatura que ocorreram de modo a favorecer os senhores brancos sem qualquer tipo de reparação às populações escravizadas. Tal fato criou e solidificou um abismo econômico e social que se arrasta até os dias atuais como herança desse período. Em resumo, desses processos há dois tipos de saldos para distintos grupos na sociedade, enquanto negros e indígenas tiveram um saldo negativo, brancos saíram desse período com o saldo extremamente positivo, com riquezas materiais e/ou simbólicas.

Para manter seu saldo positivo intacto e não renunciar seus privilégios, a branquitude se utiliza de algumas estratégias, tais como o pacto narcísico de favorecimento entre si apontado por Bento (2002), a negação do racismo e da experiência de vida pelas pessoas negras, indígenas e asiáticas, além de uma tendência da crença e manutenção em uma lógica da meritocracia, justificativa perversa que aumenta os abismos sociais e econômicos.

A branquitude é aquilo que constitui as particularidades da raça branca, e marcá-la é de extrema importância para estudos antirracistas. No Brasil, há uma relação racial e racista que provém de mais de três séculos de escravização, como dito anteriormente, o processo de abolição não foi simples e, por si só, deixou marcas de extrema desigualdade social fundamentalmente ligados a questões de raça, já que “[a] pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la” (BENTO, 2002, p. 7).

Ao pesquisar sobre raça tratando somente sobre negros e negritude estamos, de certa, maneira afirmando que o problema racial se concentra nessa parcela da população, quando não é esse o caso. Essa ausência de ligação do problema racial com a branquitude parte de alguns pontos levantados por Bento (2002), tais como o fato de a branquitude ter saído do processo de escravização com uma herança extremamente positiva, quando o contrário aconteceu com os povos negros. Portanto, existe um movimento de preservação de privilégios por parte da branquitude.

Segundo Grada Kilomba (2019), a branquitude utiliza diferentes maneiras para exercer seu poder e privilégio. O *Outro*, que neste caso é o negro, é construído através de um ponto de normalidade e apagamento da branquitude, nesse *Outro* é projetado tudo aquilo que o branco não quer ver em si considerando-os negativos, aspectos como selvageria, violência, primitivismo, luxúria, sujeira, entre muitos outros. Seguindo essa lógica, branco reprime

aspectos considerados negativos sobre si enquanto sujeito e projeta no *Outro*. Isso ocorre num processo violento de discriminação. De acordo com Maria Aparecida Bento (2002), a branquitude se vale da discriminação e de um acordo narcísico tácito para manutenção de privilégios de um grupo em detrimento do outro, numa sociedade supremacista branca o poder e os privilégios se concentram na branquitude. Além da manutenção de privilégios a branquitude se exclui da equação social ao se marcar como a normalidade de onde partem todas as diferenças.

Sujeitos negros só se tornam o *Outro* num processo longo e violento de negação da branquitude. O processo de *negação*, que consiste em uma recusa de reconhecer a verdade, segundo Kilomba, é seguido de outros dois processos, a *cisão* e a *projeção*. Sendo assim, a partir da negação, a branquitude transforma “nós somos racistas” em “eles são racistas” projetando sobre o *Outro* coisas que não deseja ver em si, invertendo, dessa forma, a lógica de como a dinâmica racista ocorre.

O silenciamento, representado no texto de Grada Kilomba a partir da máscara de Anastácia²⁸, aponta para um medo do colonizador ouvir o colonizado e suas verdades. Esse medo branco parte de um processo de repressão que, para Freud, seria o processo pelo qual se evita falar de algo e, dessa forma, manter este algo longe do consciente. Outro processo importante levantado por Grada Kilomba, é processo que torna esse *Outro* da branquitude diferente. Para a autora não se é diferente, se torna diferente, e só se torna diferente porque algum indivíduo que se coloca no lugar de norma diz isso, e o que o permite fazer isso é poder. A diferença ocorre a partir de um processo de discriminação e esta é usada como marca para invasão.

Quando pensamos, na representação da raça branca e a necessidade de marcar o branco enquanto raça para tirar a problemática do negro, podemos observar o que diz hooks (2019 [2014]) sobre o imaginário constituído sobre o que é ser branco por parte de pessoas negras:

Embora nunca tenha existido um grupo oficial de pessoas negras no Estados Unidos que se reunissem como antropólogos ou etnógrafo para estudar a branquitude, pessoas negras, da escravidão até hoje, vêm compartilhando em conversas um conhecimento “especial” sobre a branquitude, reunindo a partir de uma observação atenta das pessoas brancas. Especial porque não é um modo de conhecimento que foi totalmente registrado por escrito; seu objetivo era ajudar as pessoas negras a lidar com e sobreviver em uma sociedade supremacista branca. Durante anos, empregados

²⁸ Anastácia foi uma mulher escravizada por portugueses que era obrigada a usar uma máscara e se tornou símbolo dos horrores e da luta contra a escravização. Grada Kilomba utiliza uma gravura dela em seu livro *Memórias da Plantação* (2008) para ilustrar uma metáfora sobre o silenciamento que a branquitude exerce.

domésticos negros, trabalhando em lares brancos, agindo como informantes, trouxeram conhecimento para as comunidades segregadas – detalhes, fatos e leituras psicológicas do Outro branco (hooks, 2019, p. 294).

Enquanto brancos se apagam do discurso racial e se marcam como não raça, mas sim como normalidade de onde todas as alteridades surgem, a realidade nos leva para o caminho contrário, ou seja, na prática, essa raça é marcada por traços próprios e particularidades. Grande parte dessas particularidades estão baseadas nos privilégios materiais e simbólicos da branquitude em favor de sujeitos brancos. Como podemos observar a partir do trecho a seguir:

Assim, a branquitude é entendida como a posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. (Shucman: 2014 ,p. 57)

Sendo assim, nesta pesquisa de mestrado, estamos interessados em entender brancos enquanto raça, que tem suas particularidades delimitadas nos privilégios materiais e simbólicos presentes na branquitude que são resultado do saldo positivo que brancos obtiveram durante o período de escravização e mantiveram após a abolição.

2.2.1 Memórias Raciais: Breve Considerações sobre a questão de raça no Brasil e nos Estados Unidos

Tratar da questão racial no contexto brasileiro requer certo cuidado e rememorar parte da história racial no e do país, especificamente, porque o Brasil é um país sul-americano colonizado por Portugueses, durante muitos séculos; além disso, foi o último país a abolir o processo de escravização. Ela aconteceu no Brasil em 1888 de forma oficial depois de um longo processo. Ainda assim, na prática, não houve uma emancipação real do povo negro escravizado, já que ao serem libertos essas pessoas não tinham meio de se manter, não tinham terras para plantar ou produzir e acabavam muitas vezes tendo que se submeter aos seus antigos senhores para realizar trabalhos sub-humanos, em troca de comida e moradia, o que é uma situação análoga à escravização. Sendo assim, a população negra do Brasil trabalhava para enriquecimento dos brancos e ficava cada vez mais empobrecida, fenômeno este que se reflete na sociedade brasileira até hoje.

Segundo Lilia Shwarcz (1993), ao longo da construção da república e do estado-nação, podemos perceber que no exterior o Brasil era visto como um país que lidava com a

questão racial de maneira diferente, muito por consequência da miscigenação. Sendo assim, políticos e cientistas construíram, aliados às ciências da raça, um discurso de evolução, no qual apontavam a raça branca como aquela que era mais forte dentre as raças humanas, seguindo uma tendência do Ocidente. Com base nisto, Segundo João Baptista Lacerda (1911) afirma durante O Congresso Universal de Raças, realizado em Londres que em alguns anos, mais especificamente em cem anos, a miscigenação faria com que a população brasileira se tornasse completamente branca. Aliado a este discurso, havia algumas políticas públicas de embranquecimento da população foram estabelecidas, dentre estas um acordo com países da Europa para que imigrantes italianos, espanhóis, alemães viessem morar no Brasil, com promessas de trabalho e riquezas. Este projeto de embranquecimento do Brasil foi cancelado pela política, ciência e pelas leis conforme as autoras.

Na década de 1930, segundo Sales Jr. (2006), toma conta do país um discurso de miscigenação e o mito da democracia racial; de outro modo, uma suposta “nacionalidade morena”. Neste momento o discurso racial que domina a sociedade é o discurso das injúrias raciais, do não-dito, que apontam para crenças de inexistência do racismo, pois ao não se falar sobre o racismo, ele, então, não existiria, por sua vez, circula pelo país o ato de fala performativos da cordialidade brasileira que mobilizaria ideologias, crenças de um país que conseguiu implantar uma harmonia entre as raças (brancos, indígenas e negros). Essa cordialidade contribuía para a solidificação da situação racial no Brasil, especialmente, da miscigenação e da igualdade racial, em uma também tentativa de apagar as memórias coloniais da escravização e suas dores. Como diz Lélia Gonzalez (1984, p. 226)

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.

Durante o regime militar que governou o Brasil de 1964 a 1985 o discurso que dominava a questão racial retomava uma ideia de democracia racial, que afirmava que no Brasil não há racismo, mas sim uma harmonia social entre as raças. Numa inversão de papéis o problema do racismo era atribuído às pessoas que o denunciavam. Durante a ditadura pessoas que participam de grupos de movimento negro, que lutavam contra as mazelas do racismo eram colocadas em listas de pessoas suspeitas, classificados como terroristas que incitavam a disputa racial e o racismo. Além do interesse interno em não levantar essas questões para que não houvesse um movimento de não conformação grande, existia também um interesse de preservação de uma imagem de democracia racial internacionalmente, principalmente para que

se evitasse interferência externa de defensores de direitos humanos (PIRES, 2018).

Com a redemocratização do Brasil a questão racial toma uma outra direção no cenário nacional, principalmente a partir de leis de criminalização do racismo (LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989) e das políticas ações afirmativas que são articuladas e entram em vigor nos governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2016), que entre outras coisas, institui políticas de cotas raciais em universidades através da LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012.

Com a crise econômica e política que se instaura no Brasil com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), começa entrar em ação uma guinada de movimentos e partidos políticos de direita e extrema direita que culminam na eleição de um representante da extrema direita à presidência do Brasil em 2018, com uma campanha extremamente violenta contra movimentos sociais, dentre eles, o movimento negro, as comunidades LGBTQIA+, movimentos feministas e comunidades indígenas, um grande apelo ao conservadorismo e exaltação da ditadura militar, com discursos que assim como no regime ditatorial brasileiro negam problemas como o racismo.

Em relação à questão racial nos EUA ocorre de forma distinta da perspectiva brasileira de raça. Se aqui o que importa são os traços fenotípicos do indivíduo quando é racializado, lá o que se leva em conta é a herança sanguínea do indivíduo. No Brasil além das diversas construções de raça possíveis e variações de possibilidades de performances, seja por questões regionais, sociais ou econômicas para um indivíduo ser considerado negro é necessário que seja detectável fisicamente características associadas a este grupo. Nos EUA basta apenas que se tenha uma gota de sangue negro, seguindo a *one drop rule*²⁹, a simples desconfiança de que o indivíduo tenha sangue negro já é o suficiente para racializá-lo nesse grupo.

Por exemplo, nos EUA, illogicamente, acreditamos que a prole de uma pessoa “branca” com uma pessoa “negra” necessariamente será “negra”, devido à aderência a uma regra de hipodescendência aplicada a pessoas com qualquer grau de “negritude” – exceto se tal indivíduo for “branco” o suficiente e viver de modo a evitar sua detecção como uma pessoa negra (MORRIS e TREITLER, 2019, p. 17).

Oracy Nogueira (2008 [1954]) nomeia estes dois fenômenos de construção racial como preconceito de raça por marca e preconceito de raça por origem. Apesar de acreditar que seu texto carece de certas atualizações por se tratar de um texto do século passado, tais como a necessidade de considerar os avanços das discussões sobre questões raciais no Brasil, sobretudo

²⁹ Regra de uma gota [de sangue].

em comunidades negras e indígenas, a grande influência norte americana nos círculos de discussão e a ascensão da internet como veículo de comunicação global em massa, suas definições das diferenças do racismo de um país para o outro nos ajudará a entender algumas questões presentes nos dados desta pesquisa.

A questão racial nos EUA, enquanto território de diáspora, se dá de maneira particular. Assim como no Brasil, nos EUA existiu um sistema de escravização de povos negros africanos que resultou no problema racial que perdura até os dias atuais. Brancos europeus escravizavam povos africanos e os levavam para suas colônias de exploração na América, entre essas colônias se encontravam os EUA. Os colonizadores europeus criaram raças para si e para os outros para estabelecer uma supremacia e excluir os não desejados desse sistema de privilégio e assim surge a supremacia branca.

[...] eles passaram a chamar a si mesmos de brancos e a criar raças para os outros, cuja exclusão de seu regime desejavam. Além disso, africanos foram transformados em negros ao serem retirados de seu continente e transportados para a América em navios negreiros, acorrentados e forçados a trabalhar como escravos sem qualquer compensação – e isso continuou por dois séculos e meio. A riqueza da nação foi constituída à medida que as elites brancas exploravam econômica, social e politicamente aqueles definidos como não brancos (MORRIS e TREITLER, 2019, p. 15).

O primeiro grande conflito oficial dos EUA em que a questão da raça foi fundamental foi a Guerra de Secessão que se estendeu de 1861 a 1865, tendo seu início após a eleição de Abraham Lincoln para a presidência, numa tentativa falha dos estados sulistas (Confederação) de se tornarem independentes dos estados nortistas (União). Os estados nortistas da União saíram vitoriosos dessa guerra e com isso a escravidão se torna inconstitucional e ilegal no território estadunidense, mas, assim como no Brasil, muitos desses escravizados se tornaram livres em um sistema que não deu assistência alguma para essa população, não tinham terras, dinheiro, nenhum meio de produção e, dessa forma, precisaram se sujeitar a condições sub-humanas de trabalho, baseadas em um esquema que sempre os deixariam em dívida com os senhores de terras brancos, dando continuidade ao grande abismo social e econômico entre brancos e negros nos EUA.

Pouco tempo depois do fim da guerra civil americana começa o período da Reconstrução em que os estados Confederados passam a ser reintegrados aos EUA, nesse período as tropas federais ficam presentes em territórios confederados, fazendo com que, entre outras coisas, as leis que reconheciam negros como cidadãos americanos livres fossem cumpridas. Com a saída das tropas dos EUA dos estados sulistas se dá início um sistema de leis segregacionistas que ficaria conhecido como leis de Jim Crow.

As leis de Jim Crow, segundo Brown e Stentiford (2008) foram leis de segregação racial que entraram em vigor com a retomada do poder por democratas brancos nos estados do sul dos EUA por volta década de 1880. Essas leis previam que brancos e negros não poderiam frequentar os mesmos espaços públicos, como restaurantes, banheiros, escolas, ônibus e trens. Às pessoas de cor, como era designada a população negra, eram destinados espaços específicos muitas vezes precarizados pela falta de investimento.

As leis segregacionistas também eram praticadas em alguns territórios do norte dos EUA até que passou a ser uma marca distinta do sul do país. Existiam duas formas exercício das Leis de Jim Crow, as leis *de jure* e as leis *de facto* (RING, 2008, p.417). As leis *de jure* eram baseadas em legislação oficial, as leis *de facto* se baseava em costumes e tradições para sua manutenção. No período entre 1890 e 1915 a legislação se tornou mais rígida com relação a segregação, porém seguindo a ideia de leis *de facto*, depois disso não era tão necessário a imposição de leis oficiais, já que a sociedade branca praticava a segregação racial baseada na tradição e nos costumes.

Além dos atos segregacionistas promovidos pelas leis de Jim Crow, como placas indicando nos locais públicos “*for whites*” ou “*for colored*”³⁰, separação dentro do sistema educacional e o aumento do abismo socioeconômico em prejuízo das comunidades negras, o terror e o genocídio de pessoas negras se tornaram características do período. Práticas de linchamento de negros, manipulação judicial, eliminação do sufrágio negro estavam em vigor durante o período de Jim Crow, outro elemento importante desse período foi a ascensão da supremacia branca tendo como representante principal a organização terrorista racista Ku Klux Klan, que patrocinava, executava e incitava a grande maioria dos ataques a comunidades negras no sul. Em 1896 no caso *Plessy v. Ferguson* a suprema corte norte americana decide a favor das leis segregacionistas no estado da Louisiana com o argumento de que os cidadãos eram “iguais, mas separados”, tornando dessa maneira constitucional a segregação racial.

Houve também neste período um fenômeno de migração por volta dos anos 1920 nos EUA, já que grandes grupos de populações negras migraram para o norte dos EUA a fim de fugir do forte racismo sulista e em busca de oportunidades de uma vida melhor, dessa forma surgem os guetos negros de grandes centros urbanos como Nova York, Detroit, Chicago e Boston. Nesse período também surgem diversas lideranças negras, alguns integracionistas e outros não, como é o caso de Marcus Garvey, que entre outras coisas defendia que negros renunciassem suas cidadanias estadunidenses e migrassem e “retornassem” para o continente

³⁰ “Para brancos”; “para pessoas de cor”.

africano. A resistência negra sofre ainda influência dos soldados negros que retornaram da primeira guerra mundial, já que os veteranos experimentaram maior liberdade no exterior e estavam menos inclinados a aceitar as amarras racistas e segregacionistas.

O mesmo ocorre com o fim da Segunda Guerra Mundial e o retorno de soldados negros que lutaram para defender os EUA, concomitante a algumas vitórias judiciais do Movimento de Direitos Civis. Em 1964, o então presidente John B. Lyndon decreta que a discriminação racial se torna ilegal nos Estados Unidos, devido grande pressão feita pelo movimento de direitos civis nos anos anteriores, dando assim fim às leis de Jim Crow em território nacional.

Apesar disso, o abismo social e econômico nos EUA ainda é marcado racialmente, como podemos observar no texto de Morris e Treitler (2019). A grande maioria dos encarceramentos estadunidenses é composto por jovens negros e negras, bem como os crimes e assassinatos cometidos pela polícia se direcionam de maneira muito mais expressiva para pessoas negras. A desigualdade já pode ser observada partir do começo da vida já que os índices de mortalidade infantil são muito mais altos para crianças negras e pobres.

A cada ano, 23.000 recém-nascidos morrem nos EUA, antes de seu primeiro aniversário. Os resultados têm influência de questões raciais, uma vez que a maior parte dessas mortes envolve não brancos. Na capital do país, Washington DC, o distrito mais pobre (Ward 8, onde residentes negros são maioria) tem uma taxa de mortalidade infantil que é 10 vezes maior que aquela observada no distrito mais rico (Ward 3, com residentes predominantemente brancos). Na costa oposta, em São Francisco, mães negras têm 8 vezes mais chances de sofrer com a morte de seu filho recém-nascido do que as mães brancas. Tem se tornado claro que a razão de tal disparidade se vincula a uma questão de racismo, não sendo apenas decorrente do fato de elas se situarem em classificações raciais distintas. (MORRIS e TREITLER, 2019, p. 18).

Essas disparidades se estendem a vida adulta, um homem negro com idades entre 18 e 34 anos tem seis vezes mais chances de ser assassinado, uma em cada quatro mulheres nos EUA tem um ente querido encarcerado. Com o encarceramento em série outros problemas sociais e econômicos surgem como a dificuldade de manter a renda satisfatória, de conseguir emprego com uma ficha criminal, entre outras coisas. O exercício do privilégio branco em todas as áreas que implicam a qualidade de vida das pessoas aponta para a diferença gritante entre brancos e negros, o que nos leva a teorias como a de Michelle Alexander de o que se vive agora nos EUA é um “novo Jim Crow” (ALEXANDER, 2011).

Tudo isso fica evidente quando nos voltamos para os EUA nos últimos anos, mais especificamente desde 2016, após a eleição de um governo de extrema direita que, entre outras coisas, faz apologia a movimentos de supremacia branca como os grupos terroristas

extremistas Ku Klux Klan e *Proud Boys*³¹. A eleição do 46º presidente estadunidense nessas circunstâncias incitou brancos racistas a ressurgirem e dificultar ainda mais a luta contra as desigualdades raciais que são reflexo e memória viva de um longo processo de escravização, segregação e tentativa de subjugação de povos negros nos EUA. A discussão fica ainda mais tensionada quando em 2019 e 2020 o movimento *Black Lives Matter* ganha força denunciando a ação racista das polícias estadunidenses, precedendo a corrida eleitoral e se tornando, dessa maneira, um dos assuntos mais comentados pelos candidatos à presidência em 2020.

2.2.2 Drag, racismo, branquitude e *queer race*

Nesta seção iremos discutir sobre a concepção de gênero como performance seguindo principalmente as concepções de performatividade de gênero, algumas preposições de teorias queer e definições do que pode ser arte *drag*. Entendemos aqui que não há identidade *a priori*, mas sim uma construção performativa da de identidade. Os atos constroem a identidade e não o contrário. Portanto quando falamos de gênero, sexualidade, desejo, raça etc. estamos falando de marcadores socio-corporais construídos na performance baseados em uma performatividade.

Nesse ponto considero ser importante entender o que é *drag*, como se dá esta prática e de que maneira eu pretendo analisar o que considero como *drag*. Para tal, num momento inicial é necessário compreender conceitos como performance de gênero e paródia de gênero de Butler (2003) que são a base de todo o trabalho.

Butler usa em seu o texto uma citação de *Vigiar e Punir* de Foucault para elucidar, através do pensamento do filósofo francês, a relação entre alma e corpo. Para Foucault a alma não está contida, presa no corpo, mas é produzida de maneira permanente “[...] *em torno, sobre e dentro do corpo*” (FOUCAULT, 1979, p. 29 apud BUTLER, 2003, p. 193, grifos da autora). Há também uma subversão a partir de Foucault da relação corpo x alma do pensamento comum cristão de que o corpo aprisiona a alma.

Nesse sentido o corpo é uma significação de superfície que contesta e desloca a própria distinção interno/externo, imagem de um espaço psíquico interno inscrito *sobre* o corpo como significação social que renuncia perpetuamente a si mesma como tal. Nos termos de Foucault a alma não é aprisionada pelo ou dentro do corpo, como sugeririam algumas imagens cristãs, mas “a alma é a prisão do corpo” (BUTLER, 2003, p. 193, grifo da autora).

³¹ <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-01/proud-boys-o-grupo-de-ultradireita-so-de-homens-que-trump-se-negou-a-condenar.html>

Butler (2003, p. 194), logo nos parágrafos seguintes, propõe duas questões para movimentar a discussão: “Mas o que determina o texto manifesto e latente da política do corpo?” e “Qual é a lei interditora que gera a estilização corporal de gênero, a representação fantasiada e fantasiosa do corpo?”, ou seja, por quais regras funcionam a representação de uma identidade de gênero através da superfície do corpo? Butler (2003, p. 194) explica que socialmente se produz a partir de uma disciplina de gênero o falso efeito de uma estabilização do gênero voltado para a “construção e regulação” heterossexuais da sexualidade.

A partir da subversão da ideia de que o corpo possui determinado gênero e, conseqüentemente, determinada sexualidade, se pode observar como a coerência heterossexual é uma construção social normativa e ficcional que se passa por natural a fim de regular o campo sexual. Butler diz que, se os gêneros não são verdadeiros ou falsos, se são uma manifestação fantasiosa produzida no corpo, os gêneros são apenas um efeito de verdade produzido a partir de uma ideia de identidade primária e estável. Para exemplificar essas afirmações Butler utiliza uma citação da antropóloga Esther Newton que explicita o *drag* como uma contradição subversiva da ideia de uma verdadeira identidade de gênero.

Em sua expressão mais complexa, [o *drag*] é uma dupla inversão que diz que “a aparência é uma ilusão”. O [drag] diz [curiosa personificação de Newton]: “minha aparência ‘externa’ é feminina, mas minha essência ‘interna’ [o corpo] é masculina.” Ao mesmo tempo simboliza a inversão oposta: “minha aparência ‘externa’ [meu corpo, meu gênero] é masculina, mas minha essência ‘interna’ [meu eu] é feminina”. (NEWTON, 1972, p. 103 apud BUTLER, 2003, p. 195-196).

Seguindo o exemplo anterior, Butler inicia uma discussão sobre a ideia de um gênero original, usando além do exemplo já citado, o exemplo do *drag*, que traz em sua performance uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero; e gênero e performance. Ou seja, o artista *drag*, além de performar um gênero que segundo a coerência heterossexual não necessariamente condiz com seu sexo, também traz em si um gênero que não necessariamente condiz com sua performance.

Butler também explica que a paródia do *drag* não é com relação a um gênero, mas é uma paródia denunciativa, pois o objeto parodiado é justamente a própria inexistência de um gênero original. Butler termina essa parte do texto explicando como a paródia de gênero funciona, e se questionando qual forma de performance de gênero pode ser subversiva e explicitar por meio da paródia “o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo” (2003, p. 198).

Butler conclui o texto elucidando como a performatividade de gênero não parte

de uma identidade de gênero interior e que a ideia de uma identidade plena e original é ficcional e criada a partir de uma matriz reguladora, sendo que as performatividades e performances de gênero são ocultadas como parte da estratégia dessa dominação heterossexual e masculinista.

Temos, então, os conceitos iniciais para entender como funciona a performance e a performatividade de gênero e a paródia de gênero segundo Butler, presente na performance *drag*. O presente trabalho discutirá e entenderá a performance *drag* a partir do que a autora propõe como paródia de gênero, mais especificamente paródia de uma ideia comum da existência de um gênero original. Para tal é necessário definir o que é *drag* e no que consiste a performance, para depois entender como isso se faz presente em RDR.

Segundo Borba (2014), para Butler, a *drag queen* é o exemplo paradigmático da performatividade de gênero já que a performance *drag* desmantela a linearidade sexo-gênero-sexualidade, uma vez que no palco a *drag queen* performa um gênero que, seguindo a matriz heteronormativa de inteligibilidade de gênero, não condiz necessariamente com seu gênero, sua biologia e sua sexualidade. Para a filósofa, a performance *drag* é a representação da possibilidade de transformação na repetição presente performatividade de gênero. É a potência transformadora e a revelação de pretensas linearidades entre identidade e linguagem, como vemos em Borba (2014) ao citar Barrett com sua investigação de *drag queens* que desafiavam, através da linguagem, essencializações que poderiam ser feitas sobre suas identidades, baseadas em raça, região e classe.

Em seu texto “*Gender is bruning: questões de apropriação e subversão*” presente no livro *Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo* (2019 [1995]) Judith Butler discute alguns pontos importantes sobre a concepção de *drag*. A autora apresenta revisita seu livro *Problemas de Gênero* (2003) para dizer que, ao contrário do que se pode concluir com a leitura deste, o *drag* não implica necessariamente subversão e, dessa forma, por vezes é uma reiteração hiperbólica de normas de gênero heteronormativas. Porém, *drag* é normalmente um espaço de ambivalência em que há reiteração e subversão operando conjuntamente.

Seguindo a lógica de não naturalidade do gênero, todo gênero seria de certa forma *drag*, ou seja, uma imitação de suposto gênero original que está intrinsecamente ligado com as postulações da matriz heteronormativa, dessa forma o *drag* não seria a “imitação”, mas sim exporia que estar presente na fundamentação de normas e práticas reguladoras impostas pela matriz heteronormativa. Sendo assim, o “travestismo” seria, nesse ponto, subversivo já que espelharia o caráter ficcional do gênero heterossexualizado. Como podemos ver no trecho a seguir:

Afirmar que todo gênero é como se montar, ou como ser drag, é sugerir que a imitação está no cerne do projeto heterossexual e de seus binarismos de gênero que o travestismo não é uma imitação secundária que pressupõe um gênero anterior e original, mas que a heterossexualidade hegemônica é em si um esforço constante e reiterado de imitação de suas próprias idealizações (BUTLER, 2019, p. 215).

A autora vai apontar para um ponto de divergência na produção do efeito de verdade do gênero, já que para ela o privilégio heterossexual opera de duas maneiras principais que são a naturalização do gênero e o estabelecimento do gênero heteronormativo como norma e padrão. A partir disso, performances de gênero, sexualidade e desejo que escapem ao que está contido na concepção heterossexual se tornariam menos reais.

Para melhor exemplificar, Butler traz críticas de algumas autoras feministas sobre o filme documentário *Paris is Burning* (1991), segundo as quais o *drag*, o *crossdressing* e transexualidade são vistos como continuidade e como maneiras de expressar o ódio e repulsa contra mulheres. Dessa forma, essas críticas situam de maneira equivocada o *drag*, o *crossdressing* e a transexualidade como iguais e necessariamente ligados a homossexualidade masculina, o que nem sempre é o caso.

Nesse ponto, Butler expõe algumas incoerências dessa perspectiva uma vez que apontar que a homossexualidade masculina existe como uma representação de misoginia é uma colonização ao contrário, já que nesse sentido as mulheres estão sendo colocadas como centrais na homossexualidade masculina. Outra questão apontada pela autora é a brecha que se abre com essa concepção do *drag* e da homossexualidade masculina como misoginia para a legitimação de discursos que atribuem que a causa e o motivo do lesbianismo é a “misandria”, colocando-o assim como desejo falso, já que o verdadeiro desejo deve ser heterossexual.

Pensando em *drag* como performance artística ou de entretenimento, e na tentativa de contemplar todas as *drag queens* presentes na análise, uma definição do termo *drag* se mostrou mais satisfatória para a discussão, a que é feita por Ramey Moore no artigo “*Everything else is drag: linguistic drag and gender parody on RuPaul’s Drag Race*” e define *drag* como:

Para manter um diálogo com a especificidade/multiplicidade de práticas *drag* eu definirei *drag* como um ato performativo que tenta re-inscrever novas, alteradas, transgressivas, e mais importante, paródicas identidades de gênero dentro do contexto da performance. Essa definição, mesmo que imperfeita, é uma tentativa de levar em consideração o argumento de Judith Butler de que “gênero é performativo” e é “fabricado através de um conjunto de atos contínuos, postulados através da estilização de gênero no corpo (2013, p. 19 - tradução minha).

Portanto, diferentemente do que poderia ser tido como *drag* por um público

geral, ou seja, apenas performances de feminilidade exagerada feitas principalmente por homens gays, *drag* é o ato performativo que, de certa maneira, transgride as postulações heteronormativas. Não há restrição quanto ao gênero do performer, não importa aqui se o performer é homem ou mulher, trans ou cis, gay ou heterossexual desde que sua performance contemple o caráter de paródia da ideia de gênero original.

Outro conceito que acredito ser pertinente neste ponto do trabalho para nos ajudar a articular os estudos de raça e os estudos críticos da branquitude, em conjunto com os estudos das teorias queer, é o conceito de *queer race* de Ian Barnard. Em seu texto *Queer race: cultural interventions in the racial politics of queer theory* (2004), Barnard faz uma crítica às teorias *queer* tradicionais pela falta de importância dada a questão racial, fazendo também outras proposições que creio serem de extrema relevância para o presente estudo, já que o autor afirma que as identidades dos indivíduos não são constituídas separadamente, mas sim em conjunto, ou seja, um homem gay negro, não se constrói cada um desses marcadores individualmente, mas todos ao mesmo tempo. E outra proposição importante do texto é a de que raça é um marcador fluido assim como gênero e sexualidade.

Partindo para o que será tratado na análise presente neste trabalho, podemos resgatar o ensaio intitulado “*Paris está em Chamas?*” Presente em seu livro *Olhares Negros: raça e representação* (2019) em que bell hooks faz uma análise a partir do documentário *Paris is Burning* (1991) e intersecciona uma série de categorias e marcadores sociais e corporais que são muito caros neste trabalho. A análise de hooks vai movimentar uma discussão que envolve gênero, raça, sexualidade e classe em sua relação com a performance *drag*, já que o documentário trata da cultura dos *ballrooms* de comunidades LGBT negras e latinas de Nova York na década de 1980 e início de 1990.

De todas os temas tratados no texto, que abordam temas como a diretora branca e lésbica com uma criação de classe média estadunidense vai retratar essas comunidades negras e latinas no filme com um olhar que não deixa de ser impregnado pela sua branquitude. A autora aborda também como *drag* é uma “brincadeira” com uma relação de poder de gênero presente numa sociedade patriarcal supremacista branca, uma delas me chama mais atenção e se mostra como essencial para esta pesquisa. A relação entre masculinidade negra, branquitude e a performance *drag* como uma tentativa de aproximação de uma feminilidade típica de mulheres brancas de classes altas.

É importante ressaltar que *Paris is Burning* é uma das principais referências de RDR, sendo citado diversas vezes durante os episódios, sendo assim reiterado e atualizado dentro do programa e na comunidade de fãs. Com este ensaio bell hooks nos ajuda a estabelecer

uma relação lógica entre um passado que está sendo reconstruído e ressignificado a cada enunciado feito no momento presente sobre branquitude enquanto condutora fundamental de uma ideia de performance *drag* e de memórias que emergem e que podem ser entendidas como racistas, impregnadas em um sistema de supremacia branca e de branquitude.

3 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo são analisados os dados. Com base nas discussões apresentadas nos capítulos anteriores vamos buscar responder às questões apresentadas na introdução desta dissertação. Para fins organizacionais, o capítulo é dividido em duas seções, cada uma motivada por uma parte da questão, a primeira seção sobre memórias de branquitude e a segunda sobre memórias de racismo. Analisamos os dados a fim de entender que memórias de racismo e branquitude emergem nos comentários. Como foi discutido no capítulo 2 desta dissertação, a construção de raça, por ser não natural, é realizada através de performance, portanto, a branquitude tem suas particularidades e segue uma performatividade que a define enquanto sistema de privilégios.

Aqui apontaremos quais as possíveis memórias de racismo apresentadas nos dados e de que maneira elas contribuem para a construção da branquitude como normalidade e para uma ideia de supremacia branca e, ainda, como essas memórias se alinham historicamente às memórias de branquitude e de racismo. Portanto, neste ponto responderemos, em duas partes, à pergunta: como as memórias de branquitude e racismo são construídas nos comentários do fórum do Reddit sobre o programa RDR?

Partindo da publicação no Twitter feita pela *drag queen* Asia O'Hara, os comentários analisados aqui foram publicados em um fórum do site *Reddit* que se propunha a discutir o racismo presente na comunidade de fãs de RDR.

Figura 12 - Tweet de Asia O'Hara



Fonte: Twitter pessoal de Asia O'Hara, 2019.

Vale dizer que as traduções dos comentários foram realizadas por mim e estão nas notas de rodapé ao longo do capítulo de análise.

³² “A grande maioria dos fãs de RPDR é racista. Isso sabemos que é verdade”. Disponível em: <https://twitter.com/asiaoharaland/status/1121663522742517761>. Acesso em: 13 out. 2020.

3.1 “THE VAST MAJORITY?”³³: MEMÓRIAS DE BRANQUITUDE CONSERVADORISMO E TRANSFORMAÇÃO

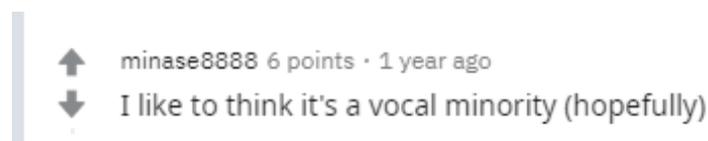
Nesta seção nos voltaremos para as memórias de branquitude presentes no fórum do site *Reddit* a fim de responder à primeira parte da pergunta: como as memórias de branquitude e racismo são construídas nos comentários do fórum do *Reddit* sobre o programa RDR?

As memórias de branquitude que emergem no fórum variam entre si. Existem dois grupos principais de branquitude sendo performadas, um que nega a existência do racismo, exercendo seu pacto narcísico a fim de dizer que o racismo na comunidade de fãs ou não existe ou também é exercido contra brancos; o outro tipo de branquitude performando é a branquitude consciente de seus privilégios. Memórias são mobilizadas para que essas performances sejam possíveis, movimentando ações de transformação ou de conservadorismo.

Começemos pelas memórias de branquitude que emergem dos comentários em análise e negam ou deturpam a ideia de racismo dentro da comunidade de fãs. É importante ressaltar a grande dificuldade que se instaurou na empreitada pela busca desse tipo de comentário dado que o fórum é moderado e publicações consideradas violentas e racistas são excluídas. O apagamento desses comentários, no entanto, também é um dado importante para ilustrar a quantidade de comentários considerados explicitamente violentos e racistas, dadas as circunstâncias e o tema debatido no fórum, que foram realizados.

Os comentários a seguir dizem respeito diretamente a declaração de Asia O'hara de que a grande maioria da base de fãs é racista, esses comentários se repetiram diversas vezes e eles questionam, negam ou se opõe à veracidade da publicação da *drag queen*, seja parcial ou totalmente.

Figura 13 - Comentário de minase8888



Fonte: Reddit, 2020.³⁴

³³ A grande maioria.

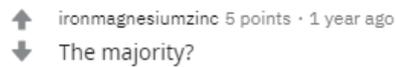
³⁴ Minase8888: Eu gosto de acreditar que é uma minoria vocal (tomara). Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

Figura 14 - Comentário de rumourhasit123



Fonte: Reddit, 2020.³⁵

Figura 15 - Comentário de ironmagnesiumzinc



Fonte: Reddit, 2020.³⁶

Figura 16 - Comentário de mucha001



Fonte: Reddit, 2020.³⁷

Figura 17 - Comentário de ceejayyyy



Fonte: Reddit, 2020.³⁸

Nos comentários de rumourhasit123 (Fig. 14), ironmagnesiumzinc (Fig. 15), mucha001 (Fig. 16) podemos observar através dos pistas indexicais “*vast majority?*”, “*the majority?*”, “*the vast majority?*”, várias tentativas de questionar parcialmente a veracidade da afirmação de Asia O’Hara. Neste caso, a questão colocada por estes usuários é a afirmação de que é a **grande maioria**. Ainda no comentário de rumourhasit123, podemos observar como a palavra “**maioria**” presente na publicação de Asia O’Hara é vista como errada e equivocada como podemos observar nas pistas “*Girl i know the racism in the fanbase is toxic and has gone way too far but the it’s not the VAST MOJORITY?*”, o posicionamento contrário do usuário fica mais evidente quando levamos em conta a ênfase dada às pistas “*VAST MAJORITY?*” com o uso de caixa alta.

No comentário de ceejayyyy (Fig. 17), há também um questionamento sobre o peso da palavra **maioria**, como podemos observar a partir das pistas indexicais “*majority is a strong word?*”. Em outro comentário, do usuário minase8888 (Fig. 13), a questão do uso do índice linguístico “**maioria**” por O’Hara, dessa vez através das pistas “*i like to think it’s a vocal*

³⁵ Rumourhasit123: A grande maioria? Garota eu sei que o racismo na comunidade é tóxico e já foi muito longe, mas não é da GRANDE MAIORIA. Disponível em: idem.

³⁶ Ironmagnesiumzinc: A maioria? Disponível em: idem.

³⁷ Mucha001: Grande maioria? Disponível em: idem.

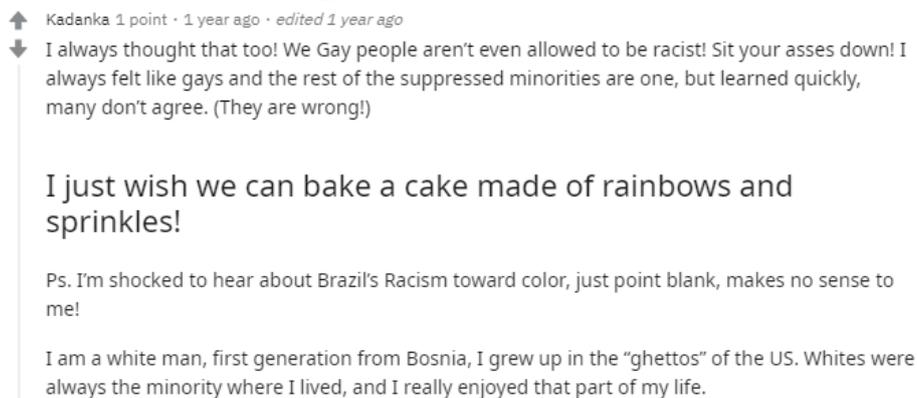
³⁸ Ceejayyyy: Maioria é uma palavra forte. Disponível em: idem.

minority”, o usuário não questiona de maneira direta a afirmação da *drag queen*, mas se posiciona contrariamente à publicação original ao usar um antônimo da palavra “**maioria**”. Estas pistas indexicais mobilizam memórias de branquitude que colocam em questão o racismo. Por um lado, ele aponta para o essencialismo de que maioria seria racista, contudo, considerando a perspectiva do racismo estrutural, como abordado nesta investigação, o comentário aponta para o questionamento deste racismo.

Nos comentários apresentados acima podemos inferir que apesar de discordarem de Asia quanto à gravidade ou ao volume de racismo presente na comunidade de fãs, ainda assim nenhum deles nega completamente a existência de racismo no *fandom*³⁹. Isso pode ser entendido como uma espécie de silenciamento, há racismo, mas segundo os comentários não há racistas, ou nem todos os que são apontados como racistas são racistas de fato. Maria Aparecida Bento (2002), ao citar Edith Piza (1998), afirma que a branquitude não nota a discriminação e se sentem desconfortáveis quando têm que tocar no assunto.

No próximo comentário, podemos observar uma memória que aponta para o movimento de negação do racismo no *fandom*, além de uma *universalização* (BARNARD, 2004) de sua experiência como homem gay branco.

Figura 18 - Comentário de Kadanka



Fonte: Reddit, 2020.⁴⁰

No comentário da figura 18, temos alguns elementos que nos ajudarão a analisar

³⁹ Base de fãs.

⁴⁰ Tradução minha: Kadanka: Eu sempre achei isso também! Nós, pessoas gays nem mesmo temos permissão para sermos racistas! Sentem seus rabos! Eu sempre senti como se gays e o resto das minorias oprimidas fossem um, mas aprendi rapidamente, muitos não concordam. (Eles estão errados!). Eu só queria assar um bolo feito de arco-íris e confeitos! Os.: Eu estou chocada de ouvir sobre o racismo do Brasil contra pessoas de cor, francamente, não faz o menor sentido para mim. Eu sou um homem branco, primeira geração vinda da Bósnia, eu cresci nos “guetos” dos EUA. Brancos eram sempre a minoria onde eu vivia, e eu realmente apreciei essa parte da minha vida. Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

uma possibilidade de memória de branquitude com relação às tensões raciais e questão do racismo. O usuário Kadanka, se posiciona contrário a afirmação de Asia O'Hara já que para ele pessoas gays não podem ser racistas, incluindo a si mesmo, como podemos observar através das pistas “*we*”, “*gay people*”, “*aren't*”, “*allowed*”, “*to be*”, “*racist*”. Para ele, pessoas gays não têm permissão para ser racistas. O usuário, através das pistas “*gays*”, “*rest*”, “*supressed*”, “*minorities*”, “*are*”, “*one*”, afirma acreditar que gays e outras minorias são uma só, portanto, não há como haver racismo na comunidade gay. Kadanka aponta para o fato de que as pessoas discordam dele com as pistas “*learned*”, “*quickly*”, “*many*”, “*don't*”, “*agree*”, mas ainda assim afirma que estas pessoas estão erradas: “*they*”, “*are*”, “*wrong*”.

A segunda parte do comentário desvia completamente do assunto e aponta para um discurso absurdo dentro do contexto, Kadanka faz isso através das pistas “*I just wish we can bake a cake made of rainbows and sprinkles*”, em que afirma apenas desejar assar um bolo feito de arco-íris e confeitos. Podemos inferir, dentre outras coisas, que o usuário está dizendo indiretamente que se não fosse por essa discussão estaria num mundo de fantasia, utilizando as pistas “*rainbows*” e “*sprinkles*” para apontar para um cenário fabuloso.

Na terceira parte do comentário, o usuário retoma alguns comentários anteriores que afirmam que grande parte dos problemas de racismo no *fandom* está em grupos brasileiros de fãs. Ao entextualizar estes comentários, Kadanka, através das pistas “*shocked*”, “*Brazil*”, “*racism*” e “*makes no sense*”, aponta para uma história de internacionalização do mito da democracia racial promovido pelo governo brasileiro em diversos momentos do século XX e se mostrar chocado com a informação de que no Brasil há racismo.

Na última parte do comentário, Kadanka se apresenta como homem branco, de origem europeia, de família imigrante nos EUA, que viveu em “*ghetos*”, como podemos concluir a partir das pistas “*white*”, “*man*”, “*first*”, “*generation*”, “*from*” e “*Bosnia*”. Por fim, o usuário aponta para sua experiência de homem branco morando em periferia em que brancos eram minoria numérica, como podemos observar nas pistas “*I*”, “*grew up*”, “*ghetos*”, “*US*”, “*whites*”, “*always*” e “*minority*”. Com essas afirmações, Kadanka está comparando sua experiência de homem branco como minoria numérica em espaços de periferia a experiência de pessoas de minorias sociais nos espaços, havendo uma ignorância acidental ou proposital das diferenças simbólicas, materiais e sociais enfrentada por pessoas negras, latinas e asiáticas nestes e em quaisquer espaços.

Kadanka, com seu comentário, aponta para memórias de negação do racismo, uma face da branquitude, como aponta Bento (2002) e na universalização de sua experiência enquanto homem branco gay. Grada Kilomba (2019) trata do medo branco que tenta silenciar

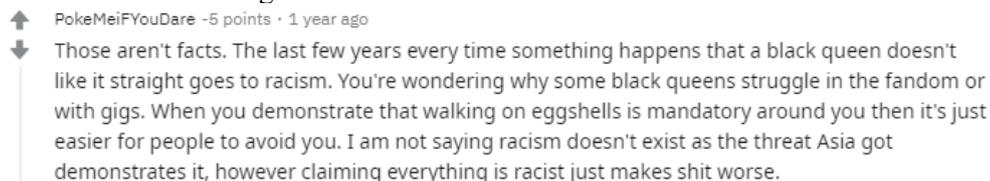
experiências de sujeitos negros como mecanismo de defesa para não lidar/entrar em confronto com a verdade do *Outro*. A autora diz ainda que isso faz parte do que Freud chama de processo de *regressão*, em que o sujeito, neste caso branco, desvia, se afasta para não enfrentar. Maria Aparecida Bento (2002) apresenta os benefícios em jogo quando brancos se silenciam sobre o papel que ocuparam e ocupam na construção das desigualdades raciais.

Há benefícios simbólicos, pois qualquer grupo precisa de referenciais positivos sobre si próprio para manter a sua autoestima, o seu autoconceito, valorizando suas características e, dessa forma, fortalecendo o grupo. Então, é importante, tanto simbólica como concretamente, para os brancos, silenciar em torno do papel que ocuparam e ocupam na situação de desigualdades raciais [...]. Este silêncio protege os interesses que estão em jogo (BENTO, 2002, p. 26).

Quanto à universalização de sua própria experiência, Ian Barnard (2004) diz que o sujeito que apenas sofre um tipo de opressão tende a universalizar sua experiência ignorando outras possibilidades de vivências que não a sua. No caso de Kadanka, a única faceta de sua identidade que foge ao normativo de uma sociedade cis-heteronormativa patriarcal supremacista branca é o fato do usuário ser gay, portanto, ele universaliza sua vida nos “guetos” como homem branco gay, como se todos os homens gays tivessem a mesma experiência independente dos fatores.

Um outro grupo de usuários se posiciona de maneira mais contundente, negando categoricamente que há racismo na comunidade de fãs e negando que sejam pessoalmente racistas, como podemos observar nos comentários abaixo.

Figura 19 - Comentário de PokeMeIfYouDare



Fonte: Reddit, 2020.⁴¹

PokeMeIfYouDare (Fig. 19) inicia seu comentário contrariando a publicação de

⁴¹ PokeMeIfYouDare: Estes não são fatos. Nos últimos anos toda vez que algo acontece que uma drag queen negra não gosta vai direto pro racismo. Vocês estão se perguntando o motivo pelo qual drag queens negras têm dificuldades na comunidade de fãs ou com trabalhos. Quando você demonstra que andar em ovos é obrigatório perto de você então só é mais fácil para as pessoas evitarem você. Eu não estou dizendo que racismo não existe como podemos ver com as ameaças que a Asia recebeu, entretanto reivindicar que tudo é racismo só faz a merda ficar pior. Disponível em: idem.

Asia como fica evidente nas pistas *“Those aren’t facts”*, negando que a afirmação da *drag queen* seja verídica. *“The last few years every time something happens that a black queen doesn’t like it straight goes to racism”* nessas pistas podemos observar que o usuário afirma que o problema não é o racismo presente no *fandom*, mas sim que o problema está no suposto fato de que *drag queens* negras, sempre que acontece algo, dizem que é racismo. Segundo o usuário, esta é a razão pela qual *drag queens* negras têm tantos problemas no *fandom*, já que para ele, como podemos observar nas pistas *“When you demonstrate that walking on eggshells is mandatory around you then it’s just easier for people to avoid you”* é mais fácil evitar situações em que o racismo fica evidente do que enfrentá-las.

No próximo comentário, o usuário joewhite41 (Fig. 20) inicia sua contribuição afirmando que há sim muito racismo, mas ainda assim se posiciona contrário à publicação de Asia O’Hara, como poderemos observar a seguir:

Figura 20 - Comentário de joewhite41

↑ joewhite41 10 points · 1 year ago
 ↓ There is a lot of racism but there are also a lot of people that don't help it by stating things like this. The "vast majority" would indicate around 70% of people who watch drag race are racist, stated as a fact with no evidence. On season 10 I was called a racist for thinking aquaria deserved to win, I was called a racist when I said I thought trixie deserved to win, I was called a racist for saying "there's only been 4 white winners of regular seasons", I was called a racist for saying "the reason aquaria, Kim, and sasha were all more popular than their POC peers in the top four/three was because they were all the look queen's who are generally favoured", I was called a racist for not agreeing with the vixen that you should "wave it in all white people's faces, like you know what you did". If people were to have a mature discussion about it rather than going over the top and calling everything racist it would be a lot more beneficial as it's been shown that people accused of doing something falsely are more likely to do that thing as a form of getting back that their accuser.

Fonte: Reddit, 2020.⁴²

Em um posicionamento similar ao de PokeMeIfYouDare, joewhite41 afirma que há racismo, mas que parte do problema são as pessoas que fazem declarações como as de Asia, como evidenciado pelas pistas *“There is a lot of racism but there are also a lot of people that dont help stating thing like this”*. Segundo o usuário pessoas que “fazem declarações como

⁴² Joewhite41: Há muito racismo, mas há também muitas pessoas que não ajudam fazendo declarações como essas. A "grande maioria" indicaria que algo em torno de 70% das pessoas que assistem a drag race, declarado como um fato sem evidência. Na décima temporada eu fui chamado de racista por acreditar que a Acquaria merecia ganhar, eu fui chamado de racista quando eu disse que achava que a Trixie merecia ganhar, eu fui chamado de racista por dizer que "só há 4 ganhadoras de temporadas normais que são brancas", eu fui chamado de racista por dizer que "a razão pela qual a Acquaria, Kim e a Sasha eram as mais populares em seus respectivos top quatro/três é porque todas elas são look queens que são geralmente as favoritas", eu fui chamado de racista por não concordar com The Vixen que se deve "esfregar na cara de todos os brancos, como você sabe o que fez". Se as pessoas tivessem discussões maduras sobre isso em vez de sair por aí chamando tudo de racista seria muito mais benéfico já que é conhecido que pessoas que são acusadas de fazer algo falsamente são mais propícias a fazer essa coisa como uma forma de se vingar de seu acusador. Disponível em: Idem.

esta” não ajudam a questão, pois, para ele essas pessoas estão chamando todos de racistas e, só então, é que as pessoas se voltam com injúrias racistas, como uma maneira de se vingar, como podemos observar nas pistas **“if people were to have a mature discussion about it rather than going over the top and calling everything racist it would be a lot more beneficial as it’s been shown that people accused of doing something falsely are more likely to do that thing as a form of getting back that their accuser”**. Para o usuário, há uma inversão em jogo, pessoas falsamente acusadas de racismo, são racistas após a acusação.

Outro ponto que comparece em grande parte do comentário de joewhite41 é a sua narrativa de todas as vezes que foi chamado de racista, aparentemente injustamente, se colocando então no lugar das pessoas que são acusadas de racismo levemente. Suas pistas apontam para uma inversão de papéis já que, segundo seu comentário, pessoas falsamente acusadas de racismo estão caracterizadas como vítimas e os seus acusadores como agressores.

Nos dois casos supracitados, PokeMeIfYouDare e joewhite41, emerge uma memória de branquitude que se ofende com as acusações de racismo, sendo possível inferir através dos comentários que ambos tentam buscar culpados para a situação racial em pessoas que não são os agressores raciais, um afirmando que muito do que se diz racismo não é e outro afirmando que muito dos que são chamados de racistas só o são depois das falsas acusações. Podemos então entender como há um movimento de proteção entre semelhantes, muito bem categorizado por Maria Aparecida Bento (2002) como pacto narcísico da branquitude.

Grada Kilomba (2019) aponta que uma das performances possíveis do sujeito branco, ou seja, performance que aponta para uma memória de branquitude, perante a situação de racismo é a de *negação*, o branco nega a *verdade* exposta pelo sujeito negro a fim de proteger seu ego. Segundo a autora, “não escutar” tem sido uma estratégia histórica de opressão do sujeito branco sobre o sujeito negro.

Maria Aparecida Bento (2002) aponta o silenciamento sobre o racismo como parte da construção racial da branquitude, a branquitude se constrói na ausência. Admitir que o racismo é um dos maiores problemas das sociedades ocidentais é admitir, conseqüentemente, que grande parte dos privilégios da branquitude são parte desse jogo de poder e, ainda segundo a autora, a branquitude tem um *pacto narcísico* de proteção de seus privilégios.

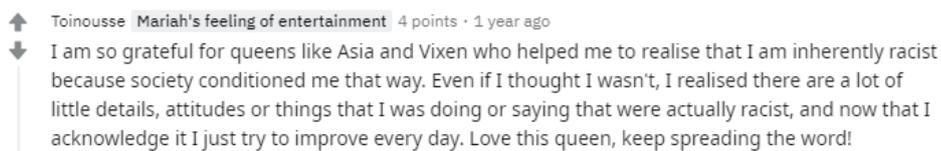
Bento apresenta ainda, citando Janet Helms (1990), seis estágios de desenvolvimento da identidade racial branca. No caso dos comentários acima, os indivíduos estariam ainda no primeiro estágio, que seria a *desintegração*, já que segundo a autora os brancos, nesse estágio, se sentem desconfortáveis ao se depararem com as conseqüências do racismo para si (privilégios), podem manifestar esse conhecimento como culpa, vergonha ou

raiva e, como maneira de atenuar seu desconforto, se convencem de que racismo não existe ou de que o negro é culpado pelo mal-estar que é o racismo.

Pôr em xeque o que uma pessoa negra traz como experiência sobre racismo é, então, além de um movimento de negação do sujeito negro à sua subjetividade e às suas experiências, mas também uma estratégia da branquitude de manter uma opressão, construída e em construção, na qual se baseia seus privilégios materiais e simbólicos, estabelecendo, movimentando e atualizando memórias de uma branquitude colonial.

Ainda nos comentários podemos encontrar um outro tipo de memória de branquitude, memórias que seguindo a lógica apresentada nos estágios de desenvolvimento da identidade racial branca estariam posicionadas em outros estágios. Vejamos no comentário a seguir:

Figura 21 - Comentário de Toinousse



Fonte: Reddit, 2020.⁴³

Toinousse (Fig. 21), se apresenta como alinhada à Asia O’Hara ao se afirmar grato às pessoas como ela e The Vixen que o ajudaram a entender o racismo, como podemos observar nas pistas “*I am sou grateful for queens like Asia and Vixen who helped me to realise that I am inherente racist because society conditioned me that way*”. O usuário ainda aponta para momentos de sua experiência enquanto pessoa branca em que achava que não era racista como podemos inferir através das pistas “*Even if I thought I wasn’t, I realised there are a lot of little details, attitudes or things that i was doing or saying that were actually racist, and now that I acknowledge it I just try to improve every day*”. Com este comentário, o usuário aponta para Asia e para The Vixen como parte do processo de reconhecimento de seu racismo.

⁴³ Toinousse: Eu sou tão grato por queens como Asia e Vixen que me ajudaram a entender que eu sou racista por herança, porque a sociedade me condicionou dessa forma. Mesmo que eu pensasse que não era, eu percebi que muitos pequenos detalhes, atitudes ou coisas que eu fazia ou dizia eram na verdade racistas, e agora que eu reconheço isso eu só tento melhorar todos os dias. Amo essa queen, continue espalhando a palavra. Disponível em: idem.

Figura 22 - Comentário de superkittenhugs

↑ superkittenhugs 1 point · 1 year ago
 ↓ My mother may have been hospitalized with schizophrenia multiple times, and I may have inherited my mental issues from her, and I probably should never have been raised by her; BUT damn if I'm not lucky that I had a parent that taught me that if you think someone is lesser than you because of their skin color, you may as well go lie down in a pasture cause you are just a big pile of shit. And this was a woman born in '53 in a very rural part of NC. She watched black students walk into the school she went to the day that desegregation went into effect. If she knew better growing up in that, none of us today have ANY excuse.

Fonte: Reddit, 2020.⁴⁴

O usuário superkittenhugs (Fig. 22) apresenta uma narrativa que envolve sua mãe, uma mulher branca nascida em 1953, na parte rural da Carolina do Norte “*This was a woman born in '53 in a very rural part of NC*”, aqui o usuário mobiliza memórias raciais dos EUA ao apontar para o momento histórico em que sua mãe cresceu, em que grandes disputas raciais e sociais aconteciam, como o Movimento dos Direitos Civis e a queda das leis de Jim Crow. O usuário tem como objetivo comparar as pessoas que estão sendo racistas à sua mãe que apesar do ambiente em que vivia, segundo sua narrativa, não era racista, como podemos observar nas pistas “*She watched black students walk into the school she went to the day that desegregation went into effect. If she knew better growing up in that, none of us today have ANY excuse*”. Aqui, o comentário do usuário retoma a memória de construção de branquitude de sua mãe, que o criou, como uma pessoa que não tolerava racismo, como podemos observar nas pistas “*I had a parent that taught me that if you think someone is lesser than you because of their skin color, you may as well lie down on a pasture cause you are just a big pile of shit*”, o usuário se posiciona como alguém que tem consciência de sua branquitude e seu comentário aponta para uma branquitude que está, supostamente, em estágio de *autonomia*.

Maria Aparecida Bento aponta que o indivíduo branco, quando em contato com o desconforto do conhecimento sobre seus privilégios, busca por outras maneiras de estar confortável com a sua branquitude e esse seria o processo de *imersão/emersão*. A partir disso o indivíduo branco, buscando novas formas de ser branco, pode entrar em estágio de autonomia, exercendo seu privilégio na tentativa de se opor ativamente contra o racismo. Este é um processo sempre em andamento. Já segundo Grada Kilomba (2019) podemos categorizar os posicionamentos dos últimos comentários como *reconhecimento* da questão do racismo e

⁴⁴ Superkittenhugs: Minha mãe pode ter sido hospitalizada com esquizofrenia múltiplas vezes, e eu talvez tenha herdado meus problemas mentais dela, e eu provavelmente não deveria nunca ter sido criado por ela, MAS porra se eu não sou sortudo por ter tido uma mãe que me ensinou que se você pensa que alguém é pior que você por causa da cor de sua pele, você pode apenas ir deitar no pasto porque você é só uma grande pilha de bosta. E essa mulher nasceu em 53 numa parte muito rural da Carolina do Norte. Ela assistiu estudantes negros entrando na escola que ela frequentava no dia que a dessegregação entrou em vigor. Se ela entendia isso enquanto crescia, nós não temos NENHUMA desculpa. Disponível em: idem.

reparação do mal causado pela branquitude.

Nesta seção pudemos observar como diversas memórias de branquitude emergiram e como apontaram para memórias de disputas raciais. Não podemos deixar de ressaltar que, no final das contas, a branquitude é uma invenção colonial, marcada pelo silêncio em torno da questão racial, pela proteção de privilégios simbólicos e materiais, e que tem como uma característica unificadora enquanto grupo os privilégios herdados das relações de opressão racial. Como afirma Grada Kilomba (2019, p. 29), ao juntar as palavras “memórias” e “plantação”, o racismo aprisiona o sujeito negro em uma cena de opressão que é colonial e, do outro lado da moeda, por raça se tratar de uma construção que se dá na relação, temos no sujeito branco e na branquitude, uma memória racial de privilégio que também aponta para a cena colonial.

Duas principais categorias de branquitude foram performadas, uma mais presente e numerosa marcada pela negação ao racismo, parcial ou totalmente, mobilizando memórias de silenciamento e categorizando o indivíduo negro como culpado por um mal-estar social, numa relação de conservadorismo. Neste caso, uma branquitude reativa, em *desintegração* que se “recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Essa é a recusa em reconhecer a verdade” (KILOMBA, 2019, p. 43).

No caso de Kadanka, além de haver negação e podermos categorizar seu comentário como uma performance de sujeito branco em *desintegração*, podemos afirmar que seu comentário tende a universalizar sua experiência em “guetos” e como minoria. Neste caso, o usuário utiliza o conceito de minoria para se referir a uma situação numérica esvaziando do termo o sentido de minoria social, uma tendência que Ian Barnard (2004) aponta como característica comum de sujeitos que vivem apenas um tipo de opressão.

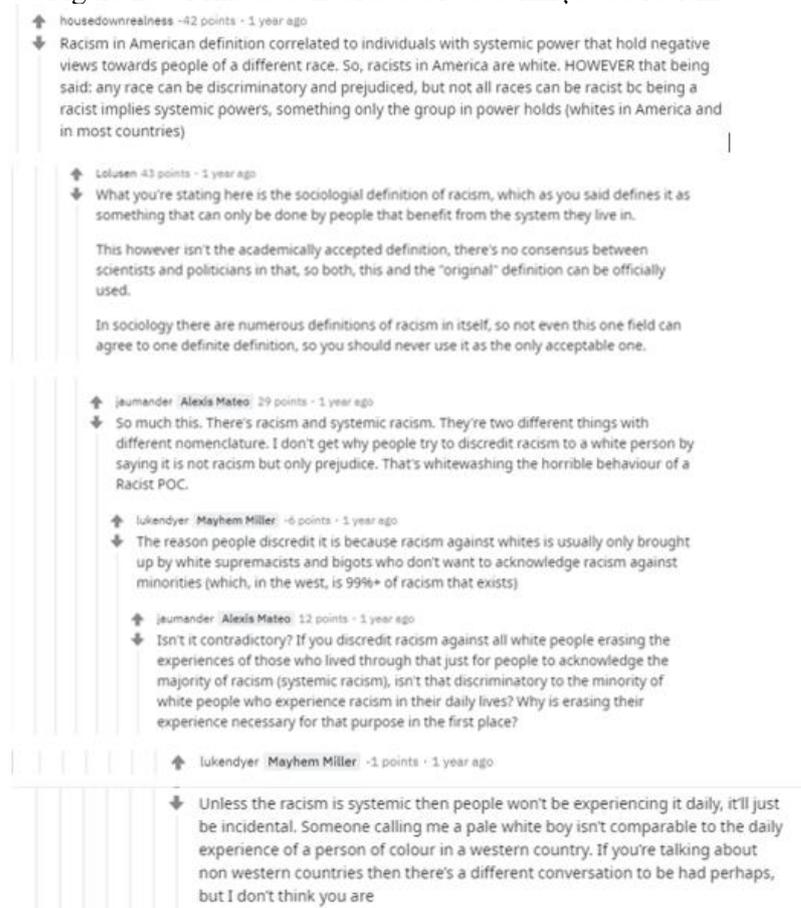
Outro tipo de memória de branquitude que aparece nos comentários é a memória de uma branquitude consciente de seus privilégios, que reconhece o racismo e mobiliza memórias de branquitude que remetem a um passado de disputa racial, mas num movimento de transformação social, resignificando essas memórias. Neste caso, uma branquitude que está em outro estágio da construção racial de sua identidade branca, que deixa de “fazer a clássica pergunta moral ‘Eu sou racista?’ e esperar uma resposta confortável [e passa a perguntar] ‘como dismantelar o meu racismo?’” (KILOMBA, 2019, p. 46).

3.2 “ISN’T IT CONTRADITORY?”⁴⁵: MEMÓRIAS DE RACISMO ENTRE EUA E BRASIL

Nesta seção nos voltaremos para a construção de racismo presente no fórum, a fim de responder à segunda parte da pergunta como as memórias de branquitude e racismo são construídas nos comentários do fórum do *Reddit* sobre o programa RDR?

Nos comentários a seguir, o tema discutido pelos usuários é a legitimidade do conceito de racismo utilizado na conversa. Neste caso, os comentários são respostas diretas entre si, começando pela definição de racismo dado por um dos usuários e sendo seguido pelas respostas a essa definição. Abaixo podemos observar a sequência completa desta interação:

Figura 23 - Print da conversa sobre a definição de racismo⁴⁶



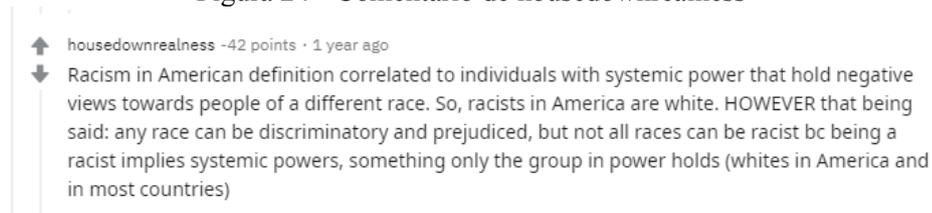
Fonte: Reddit, 2020.

⁴⁵ “Isso não é contraditório?” Referência ao comentário do usuário *jeumander* presente nesta seção. Para melhor compreensão deste bloco de comentários, teremos a conversa na íntegra, a fim de que se possa compreender essa sequência de comentários como uma interação direta, porém para análise os comentários serão considerados separadamente com tradução nas notas de rodapé.

⁴⁶ Os comentários presentes nesta imagem são traduzidos separadamente durante a análise. Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

Na interação seguinte, o usuário *housedownrealness* (Fig. 24) faz algumas afirmações e dá início a uma discussão sobre racismo nos Estados Unidos. Segundo o usuário, racismo nos EUA, como podemos observar, “*Racism in american definition correlated to individuals with systemic power*”, considerando as pistas **correlated**, **systemic power**, pode ser compreendido como uma correlação de indivíduos com o poder sistêmico.

Figura 24 - Comentário de *housedownrealness*



Fonte: Reddit, 2020.⁴⁷

O usuário prossegue dizendo que esses indivíduos têm uma visão negativa direcionada a pessoas de raças diferentes, como fica explícito pelo uso dos pistas indexicais “*negative views*”, “*towards*” e “*different race*”. Seguindo esse raciocínio de poder sistêmico como base para o racismo, *housedownrealness*, define que racistas nos EUA são brancos, utilizando as pista “*racists*”, “*America*”, “*white*”. O termo “*America*” designando os EUA, nos aponta também para uma visão imperialista do mundo, visto que se ignora a existência de outros países na América, caracterizando-a somente como território estadunidense. É importante que nos atentemos às pistas utilizadas no enunciado para que possamos analisar o que está sendo dito. Primeiro, a escolha de “*racism in american definition*” não apenas situa geograficamente o discurso do usuário, mas também nos aponta para todo um histórico de tensões raciais nos EUA. Falar de racismo em território estadunidense implica lembrar dos processos de escravização de povos negros, sistemas de opressão e segregação do período de Jim Crow, das lutas antirracistas dos Movimentos de Direitos Civis e, nos aponta também, para a memória do genocídio e do encarceramento em massa de povos negros.

No trecho seguinte o usuário desvincula, de maneira enfática e também agressiva, visto o uso de caixa alta no advérbio “*HOWEVER*”, o racismo de discriminação e preconceito dizendo que qualquer raça pode ser discriminatória e preconceituosa. No final, o

⁴⁷ Racismo na definição americana correlaciona indivíduos com o poder sistêmico que tem visões negativas contra pessoas de uma raça diferente. Então, racistas na América são brancos. ENTRETANTO tendo dito isto: qualquer raça pode ser discriminatória e preconceituosa, mas não todas as raças podem ser racistas porque ser racista implica em poderes sistêmicos, algo que somente o grupo que está no poder tem (brancos na América na maioria dos países). Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

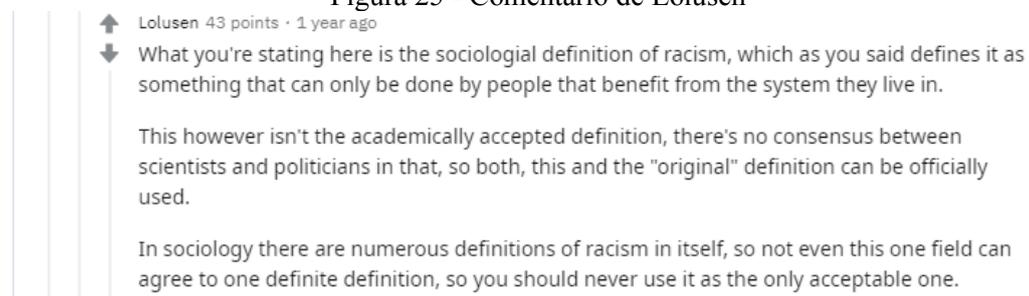
usuário mais uma vez afirma que apesar disso apenas brancos podem ser racistas pois o racismo é algo que somente um grupo com poder sistêmico pode ter e que, no caso dos EUA, são os brancos.

Outro ponto importante na construção de sentido do enunciado do usuário são as pistas indexicais “*systemic power*” e logo após a afirmação de que “*racists in America are white*”. Estas pistas nos apontam para o grupo que se beneficiou do sistema de opressão segregatório supracitado, bem como nos leva a entender racismo como um sistema que, por ser exercido de um grupo sobre outro, é relacional e beneficia o grupo branco.

Com isto temos, segundo o comentário do usuário, uma definição de que racismo é um sistema discriminatório e preconceituoso exercido por grupos que possuem poder sistêmico, ou seja, grupos hegemônicos, contra pessoas que não possuem poder sistêmico. Apesar de preconceito e discriminação não serem exclusivos de grupos hegemônicos, para que estes sejam considerados racismo, o poder sistêmico é fundamental. No caso situado dos EUA, o grupo racial que possui poder sistêmico para ser racista é o branco. Portanto, racismo é construído, neste comentário, como uma relação de poder entre indivíduos de diferentes raças em que um destes, o branco, possui poder de opressão sobre o outro, negro.

Porém, como poderemos observar nos comentários a seguir, esta definição é contestada, mais de uma vez, colocando a definição de racismo em disputa entre os membros da comunidade que engaja ativamente na discussão. As contestações se baseiam em diferentes discursos e partem para diferentes desacordos com as afirmações de *housedownrealness*. Começaremos pela resposta de Lolusen.

Figura 25 - Comentário de Lolusen



Fonte: Reddit, 2020.⁴⁸

A resposta começa caracterizando a definição apresentada pelo outro usuário

⁴⁸ O que você está afirmando aqui é a definição sociológica de racismo, o que, como você disse define racismo como algo que pode ser feito somente por pessoas que se beneficiam do sistema em que vivem. Esta, entretanto, não é a definição academicamente aceita, não há consenso entre cientistas e políticos nesse aspecto, então ambos, esta e a definição “original” podem ser usadas oficialmente. Na própria sociologia existem diversas definições de racismo, então nem mesmo nesse campo podem concordar em uma definição definitiva, então você nunca deve usar esta como a única aceitável. (tradução minha). Disponível em: idem.

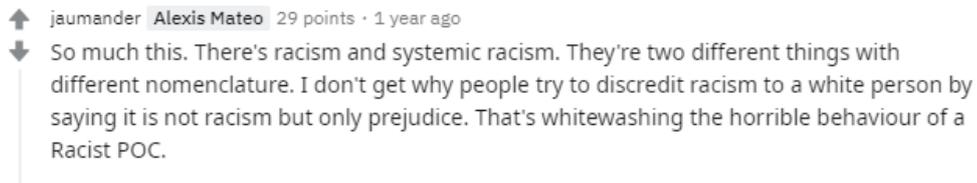
como uma definição sociológica de racismo, como podemos observar as pistas “*sociological*”, “*definition*” e “*racism*”. Lolusen (Fig. 25), com seu comentário exibe, logo no início, que possui conhecimento científico sobre o assunto, já que o usuário anterior em momento algum vincula sua afirmação a nenhuma área de conhecimento, isso pode ser entendido como uma estratégia de pleiteamento de credibilidade para si. Logo após atribuir uma área de conhecimento sobre a afirmação de *housedownrealness*, Lolusen discorda do primeiro ao dizer que “*this however isn’t the academically accepted definition*” trazendo mais uma vez uma afirmação que aponta para um suposto conhecimento científico que possui a partir da pista “*academically*”. A resposta continua com o usuário afirmando que não há consenso entre cientistas e políticos e que, sendo assim, as duas definições podem ser utilizadas, a do primeiro comentário e a “*original*”. Ao utilizar as pistas “*cientists*”, “*politicians*”, o usuário, além de expor a não unanimidade conceitual sobre racismo, mais uma vez aponta para seu conhecimento acadêmico sobre o assunto.

Apesar de não dizer qual seria a definição “*original*”, Lolusen lança mão de um discurso baseado em argumentos acadêmicos para pôr em questão a credibilidade do comentário anterior ao seu, ao mesmo tempo que parece reivindicar credibilidade para si. Ao final do comentário, afirma que mesmo dentro do campo sociológico não há uma única definição do que é racismo, como podemos observar a partir das pistas indexicais “*sociology*”, “*numerous*”, “*definitions*” e que *housedownrealness* não deveria usar essa definição como a única aceitável.

Segundo a resposta de Lolusen, podemos concluir que sua fala põe em xeque a definição usada anteriormente e, apesar de não trazer uma outra definição, com a sua fala, faz com que o enunciado do outro usuário seja posto em dúvida, performando, dessa maneira, uma posição contrária, ou pelo menos crítica, a definição de racismo do primeiro usuário, para isso lançando mão de supostos conhecimentos científicos que possui sobre o tema.

A próxima resposta desta interação corrobora a contestação de Lolusen, não apenas dizendo que o primeiro comentário deste excerto está incorreto como trazendo outras possibilidades conceituais do que pode ser racismo e sobre quem pode ser racista, como podemos ver a seguir.

Figura 26 - Comentário jaumander



Fonte: Reddit, 2020.⁴⁹

O usuário jaumander (Fig. 26) inicia seu enunciado concordando com o comentário anterior, como podemos inferir a partir das pistas *“so much this”*. Logo a seguir, afirma que existem diferentes tipos de racismo como podemos ver com *“There’s racism and systemic racism. They’re two different things with diferente nomeclatures”*. Neste trecho podemos observar que para jaumander existe racismo e racismo sistêmico, estes são duas coisas diferentes e, para justificar isto, o usuário aponta para a diferenciação na nomenclatura. Aqui podemos observar que jaumander entextualiza a fala de housedownrealness, porém, com outra terminologia. O que housedownrealness diferencia como *“prejudice”*, *“discriminatory”* de *“racism”*, jaumander diferencia como *“racism”* e *“systemic racism”*, sendo o primeiro passível de ser praticado por todas as raças.

Em seguida, jaumander diz que não entende o motivo das pessoas descreditarem racismo contra uma pessoa branca, como podemos observar no trecho a seguir: *“I don’t get why people try to discredit racism to a white person by saying it is not racism but only prejudice”*, ignorando o que housedownrealness afirma sobre racismo ser baseado em poder sistêmico, já que para ele o racismo pode existir sem ser sistêmico, como podemos observar a partir da diferenciação que ele faz com as pistas *“racism”* e *“systemic racism”*. O usuário finaliza o comentário dizendo que esse tipo de afirmação é uma forma de fazer *“whitewashing”* sobre *“horrible behavior of a racist POC”*. A pista indexical *“whitewashing”* se refere ao ato de escalar apenas atores brancos ou, mais especificamente, escalar atores brancos para interpretar pessoas de cor⁵⁰. Com *“whitewashing”* o usuário gera o efeito que dizer que racismo é um sistema de opressão exercido por pessoas brancas sobre pessoas pode ser entendido como uma tentativa de afirmar que o discurso de housedownrealness está fazendo com que o racismo seja algo exclusivamente praticado por brancos, num movimento de exclusão de pessoas não-

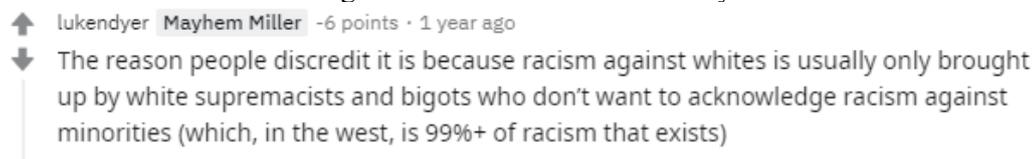
⁴⁹ Exatamente. Há o racismo e o racismo sistêmico. Eles são duas coisas diferentes com nomenclaturas diferentes. Eu não entendo porque as pessoas tentam descredibilizar racismo contra brancos dizendo que não é racismo, mas só preconceito. Isso é embranquecer este comportamento horrível de pessoas de cor. Disponível em: idem.

⁵⁰ Whitewashing - A prática de escalar apenas atores, modelos ou performers brancos mais especificamente a prática do uso de atores brancos para representar personagens que não são brancos. (tradução minha. Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/whitewashing>. Acesso em: 22 set. 2020).

brancas

Um usuário, lukedyer (Fig. 27), responde a jaumander, explicando o motivo de racismo contra pessoas brancas ser descredibilizado. Segundo o usuário, o racismo contra brancos é descredibilizado porque normalmente é trazido à tona por supremacista brancos e intolerantes para negar a existência de racismo contra minorias, entextualizando as relações de poder explicitadas nos comentários anteriores e apontando brancos, mais especificamente supremacistas brancos como beneficiários do sistema de poder, como podemos observar nas pistas “*white supremacists*”, “*don’t want to acknowledge*” “*racism*”, “*minorities*”.

Figura 27 - Comentário de lukedyer



Fonte: Reddit, 2020⁵¹.

Mais uma vez, ao falar sobre o tema, as pistas “*white supremacists*” apontam para um histórico estadunidense de relações raciais, já que grande os supremacistas brancos foram responsáveis por leis segregacionistas nos EUA que até os dias de hoje têm consequências econômicas, sociais e culturais para as pessoas negras. Para finalizar seu comentário, entre parênteses, lukedyer afirma que no ocidente mais de 99% do racismo que existe é contra minorias, com as pistas indexicais “*west*”, “*99%+*” “*racism*”, “*exists*”, entextualizando o primeiro comentário que aponta que o racismo é praticado por brancos.

Em um movimento de tréplica, jaumander (Fig. 28) faz um segundo comentário seguindo o comentário de lukedyer em resposta à sua primeira fala, apontando uma suposta contradição presente no não reconhecimento do racismo contra pessoas brancas. “*Isn’t it contradictory? If you discredit racism against all white people erasing the experiences of those who live through that just for people to acknowledge the majority of racism (systemic racism), isn’t discriminatory*”, segundo este trecho vemos que o usuário afirma que ao negar o racismo contra pessoas brancas para que reconheçam o racismo majoritário (*majority of racism*) e negar a experiência das pessoas que passam por isso, seria contraditório.

⁵¹ “A razão pela qual as pessoas deslegitimam é porque racismo contra brancos é normalmente trazido à tona por supremacistas brancos e intolerantes que não querem reconhecer o racismo contra minorias (que, no ocidente, é 99%+ do racismo que existe). Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

Figura 28 – Tréplica de jaumander

↑ jaumander Alexis Mateo 12 points · 1 year ago
 ↓ Isn't it contradictory? If you discredit racism against all white people erasing the experiences of those who lived through that just for people to acknowledge the majority of racism (systemic racism), isn't that discriminatory to the minority of white people who experience racism in their daily lives? Why is erasing their experience necessary for that purpose in the first place?

Fonte: Reddit, 2020⁵².

Devemos nos atentar mais profundamente a algumas pistas que vão reaparecer futuramente e que resgatam alguns enunciados anteriores, o que nos possibilita entender que esses discursos se atravessam. Por exemplo, mais uma vez jaumander utiliza o termo “*systemic racism*” para indicar que este é um tipo de racismo, reconhecendo que existe racismo, mas sem acreditar que esse seja exclusivamente exercido por pessoas brancas. Podemos perceber como ele entextualiza o termo utilizado por lukendyer “*majority of racism*” e depois, entre parênteses, repete o termo utilizado por si no comentário anterior, como maneira de reafirmar sua posição e apontar que o outro usuário está falando a mesma coisa que ele com outro nome. O uso dos signos “*systemic racism*” aqui se torna uma maneira de negar a necessidade de um sistema de poder, que é detido pela branquitude, para que haja racismo. O índice “*systemic*” é utilizado como um modificador do substantivo “*racism*” afim de apontar que racismo e racismo sistêmico são duas coisas diferentes e, enquanto um pode ser exercido por todos contra todos, o outro não pode ser exercido contra brancos. O índice “*daily*” reaparece no comentário seguinte também de lukedyer (Fig. 29).

Figura 29 - Comentário de lukendyer

↓ Unless the racism is systemic then people won't be experiencing it daily, it'll just be incidental. Someone calling me a pale white boy isn't comparable to the daily experience of a person of colour in a western country. If you're talking about non western countries then there's a different conversation to be had perhaps, but I don't think you are

Fonte: Reddit, 2020⁵³.

Na resposta que segue o comentário de jaumander questionando a

⁵² Não é contraditório? Você descredibiliza o racismo conta todas as pessoas brancas apagando a experiências de quem passa por isso só para reconhecer a maioria do racismo (racismo sistêmico) isso não é discriminatório contra uma minoria de pessoas brancas que experimentam racismo em suas vidas diárias? Por que é necessário apagar suas experiências para esse propósito em primeiro lugar? (tradução minha). Disponível em: idem.

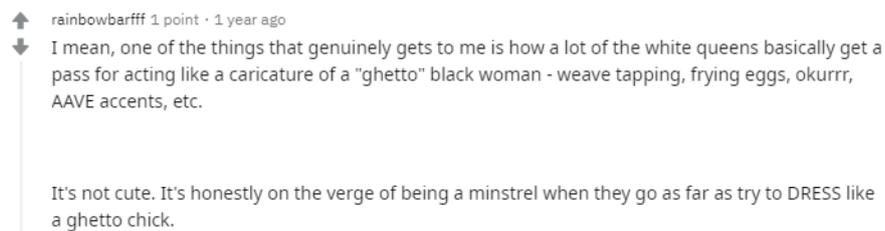
⁵³ A não ser que o racismo seja sistêmico as pessoas não o experimentarão diariamente., ele será apenas circunstancial. Alguém me chama de garoto branco pálido não é comparável à experiência diária de pessoas de cor em países ocidentais. Se você está falando de países não-ocidentais aí é uma conversa diferentes para se ter, mas não acho que você esteja (tradução minha). Disponível em: idem.

contraditoriedade que a negação do racismo contra brancos impõe sobre a discussão, lukedyer recupera um termo utilizado pelo outro usuário para explicar racismo sistêmico: “*unless the racism is systemic people won't be experiencing daily*”. Aqui, quando recupera um índice linguístico utilizado por seu interlocutor a fim de desmontar seu argumento de que racismo e racismo sistêmico são duas coisas diferentes, ao dizer que negar o racismo sofrido por pessoas brancas “diariamente” jaumander em seu discurso traz uma característica de racismo enquanto sistema, o que é apontado por lukedyer, o racismo só é uma experiência diária se ele for sistêmico.

Há neste excerto uma disputa conceitual sobre o que é racismo. Podemos observar, porém que uma coisa é comum, o reconhecimento de que racismo implica relações de poder, seja esse reconhecido apenas como racismo ou como racismo sistêmico. O conceito racismo é também contraditório como performado aqui, o que nos leva a acreditar que assim como os conceitos de gênero, sexualidade e raça presentes nesta pesquisa, o racismo é fluido e depende de como está sendo performado e de quem está performando para que seja conceitualizado.

No próximo comentário, que não se encontra encadeado no fio de comentários anteriores, portanto não é uma resposta direta a nenhum destes, podemos observar a relação direta entre o racismo apontado por Asia O’Hara e as performances no *reality show* RDR.

Figura 30 - Comentário de rainbowbarfff



Fonte: Reddit, 2020⁵⁴.

No comentário acima (Fig. 30), temos um apontamento para um outro tipo de problemática racial relacionada a dragnormatividade. O comentário se baseia numa crítica a *drag queens* brancas que se utilizam de estilizações e atuações de uma caricatura de mulheres negras. Com as pistas "*white queens*", "*get a pass*", o usuário rainbowbarfff afirma que a *drag*

⁵⁴ Tipo, uma das coisas que genuinamente me pega é como várias queens brancas basicamente tem um passe livre para agir como uma caricatura de mulheres negras do “gueto”. Batendo na peruca, fritando ovos, okurrrr, sotaques AAVE, etc.

Não é fofo. É honestamente está à beira de ser um menestrel quando elas vão longe ao ponto de até se VESTIR como uma garota do gueto. Disponível em: idem.

queens brancas é permitido um comportamento que para o usuário é condenável, como podemos observar com as pistas "*It's not cute*". Além disso, rainbowbarff aponta para estratégias usadas por tais *drag queens* brancas para que suas performances sejam uma caricatura de mulheres negras do gueto com as pistas "*weave tapping*", "*frying eggs*", "*AAVE accent*", "*okurrr*". Todas essas práticas de performance passam por gestos corporais como arrumar a peruca (*weave tapping*), mimetizar o ato de fritar ovos (*frying eggs*) e pela linguagem, através do uso de gírias características do grupo que está sendo imitado, como "*okurrr*" e pelo uso de AAVE⁵⁵.

Esses atos também apontam para uma história das relações raciais dos EUA, sendo que podemos recuperar, através do comentário de rainbowbarff, um tipo de comportamento da branquitude muito comum nos períodos pré abolição no território estadunidense, mais especificamente o personagem Jim Crow, que depois se tornaria epíteto ofensivo para pessoas negras e batizaria o conjunto de leis segregacionistas que imperariam nos estados do sul estadunidense por quase um século. É possível estabelecer, a partir deste comentário, uma relação entre as práticas de *drag queens* brancas e as permissões que a elas são dadas, segundo o usuário, ao apontamento de memórias de relações raciais nos EUA baseada em uma ideia de supremacia branca. Trazemos então para a dragnormatividade com este comentário, a possibilidade de uma performance *drag* que reproduz estereótipos de raça ofensivos, movimentando memórias a partir de atos, gestos e falas.

Nilma Lino Gomes ressalta que a estereotipização de pessoas negras nas mídias afeta a relação do sujeito negro com sua autoimagem e explicitam as relações de poder internas às relações raciais.

A forma negativa como nós, negras e negros, somos nomeados através dos apelidos, a rápida relação entre ser negro e criminalidade que vemos na imprensa escrita e televisiva, nas redes sociais e no cotidiano da sociedade, os estereótipos racistas e a forma como eles rapidamente são aprendidos pelas crianças, via linguagem, e incorporados na subjetividade dos brasileiros e brasileiras, a associação entre ser negra ou negro e a fealdade, retirando-nos o direito a nos sentir belos, entre outras, passa por uma questão da linguagem e tem relação o poder, a branquitude, o racismo e as desigualdades (GOMES, 2015, p. 121).

Portanto, podemos concluir que ao receberem um “**passé livre**” para criar este tipo de performance estereotipada de mulheres negras, as *drag queens* brancas apontadas pelo usuário estão reforçando uma relação de poder racista na construção de suas performances *drags*, baseadas em uma dragnormatividade que as abarca.

⁵⁵ Inglês Vernáculo Afro-Americano (African-American Vernacular English).

Para finalizar a análise dos comentários sobre racismo, vamos agora para o último bloco de comentários. Partindo do pressuposto de que os contextos são extrapolados nas situações de fala e, conseqüentemente, isso não exclui as falas aqui analisadas, nos voltaremos agora para a relação estabelecida entre o contexto *drag* norte americano e o racismo apontado em outros territórios como a América Latina e, principalmente, o Brasil, já que entre os comentários sobre a afirmação de Asia O’Hara presentes no fórum do *Reddit*, há comentários que apontam para grupos latinos e para o Brasil como foco dos atos racistas. O que pode ser intrigante em um primeiro momento já que todo o contexto desta situação é estadunidense, em um movimento de observação e pesquisa um pouco mais profundos entendemos o surgimento do Brasil e do racismo brasileiro nas pautas do fórum.

Como mencionado anteriormente, assim como EUA, o Brasil é uma sociedade fundada com grande contribuição da diáspora forçada de povos africanos e esta organização escravocrata e racista deixa marcas na fundação da sociedade brasileira. Jessé de Souza (2017) diz que o racismo no Brasil é estrutural e estruturante, afirmando assim que a questão racial é a base de organização social no Brasil.

Dada a relevância de RDR no Brasil, o que coincide com a ascensão de uma nova cena *drag* com muita força em território brasileiro, como podemos observar nos números expressivos de *drag queens* como Pabllo Vittar, que é a *drag queen* com maior número de seguidores na rede social *Instagram* no mundo, bem como trabalhos musicais que somam centenas de milhões de reproduções em plataformas como *YouTube* e *Spotify*. Outro dado que nos ajuda a entender a relevância de RDR no Brasil é o número de membros em grupos brasileiros de fãs do programa em redes sociais como *Facebook*. O grupo “*RuPaul’s Drag Race Brasil. OFICIAL*”, por exemplo, conta com 79 mil membros⁵⁶, um outro grupo dedicado aos fãs brasileiros, em que disponibilizam os episódios do *reality show* para download, “*Grupo RuPaul’s Drag Race BR*”, conta com mais 29 mil membros⁵⁷.

Dito isto, podemos partir para os comentários que citam o Brasil e o grupos brasileiros do *Facebook* diretamente, para estabelecer uma empreitada para entender as relações da discussão presente no fórum com os grupos de fãs brasileiros e o contexto dragnormativo e racial no Brasil.

Nos comentários a seguir podemos observar que os usuários utilizam pistas indexicais que apontam para o Brasil e todo um contexto racial na construção de

⁵⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/282093805203076/> (último acesso em 24/02/2021).

⁵⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1891352850927141/> (último acesso em 24/02/2021).

dragnormatividade presente em um grupo de Facebook brasileiro.

Figura 31 - Comentário de valiyum



Fonte: Reddit, 2020⁵⁸.

A partir das pistas indeixicais “*Brazillian*”, “*Australia*” podemos determinar que o comentário se desloca geograficamente dos EUA, apontando dessa forma para a expansão de uma construção dragnormativa baseada em raça. O usuário valiyum, demonstra que vivendo na Austrália tem noção das questões raciais presentes na comunidade de fãs de RDR e aponta para um outro foco da produção de ações racistas como podemos observar a partir do uso de pistas como “*Some of the posts and comments on there are racist as fuck*”, apontando para a gravidade das publicações e comentários racistas no Brasil.

Outro ponto importante deste comentário é a suposta aderência deste tipo de discurso em contexto brasileiro, como podemos concluir a partir das pistas que apontam para a quantidade de *likes* que este tipo de interação recebe nesta página “*I saw a meme of Monet and an ape during as4 which got hundreds of likes*”. Valiyum aponta também para a normalidade que esses comentários possuem ao dizer que “*which is not an anomaly*”. Monét X Change, a *drag queen* citada pelo usuário, é uma das participantes de RDR que concorreu na décima temporada e retornou para a quarta temporada de RDR *All Stars*, vencendo-a em um empate com *Trinity The Tuck*. Sua vitória gerou controvérsias pois foi a primeira vez que houve um empate na história de RDR⁵⁹.

O usuário segue falando da temporada que estava no ar durante o período em o fórum estava aberto, a décima primeira, e de uma das suas participantes *Silky Nutmeg Ganash*.

⁵⁸ “Eu faço parte de um grupo de fãs brasileiros de Drag Race no Facebook porque eu vivo na Austrália e esse grupo sem faz transmissões ao vivo dos episódios, então é um jeito fácil de acompanhar o programa ao vivo. Algumas das publicações e comentários lá, são racistas para caralho, tipo eu vi um meme da Monét e um chimpanzé durante as4 que tinha centenas de likes, o que não é incomum. Pelo meu conhecimento limitado de portuguesas merdas que falam da Silky são obscenas” (tradução minha). Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22 set. 2020.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.billboard.com/articles/news/pride/8498713/rupauls-drag-race-all-stars-4-winners-trinity-monet-reactions>. Acesso em: 05 mar. 2021. Disponível em: <https://draglicious.com.br/2019/02/22/as4-billboard-entrevista-trinity-the-tuck/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

Segundo o usuário, as coisas que diziam sobre *Silky* eram obscenas, como bem apontado pelas pistas “*the shit they say about Silky are obscene*”. *Silky* foi uma participante que recebeu muitas reações negativas durante sua temporada, principalmente depois de uma acusação de assédio sexual⁶⁰.

No próximo comentário (Fig. 32), um usuário se identifica como brasileiro e apresenta seu ponto de vista sobre os comentários racistas associados à comunidade de fãs brasileiros e também situa o contexto racial no Brasil a fim de apresentar uma suposta contradição entre a população majoritariamente negra e a cultura extremamente racista.

Figura 32 - Comentário de biarbarros



Fonte: Reddit, 2020⁶¹.

A primeira coisa que podemos perceber é que o usuário reivindica a legitimidade de sua fala sobre racismo no Brasil ao iniciar o comentário se identificando como brasileiro, como podemos inferir através do uso das pistas “*I’m brazillian*”. O usuário diz não ter visto comentários racistas, mas acredita que grande parte da crítica negativa recebida por *Silky* é por ela ser negra “*I particularly have not seen a explicitly racist comment yet, but i’m sure a lot of the hate she gets it’s cause she’s black*”, isso pode ser relacionado à uma característica específica do racismo à brasileira, o mito da democracia racial, como diz Kabengele Munanga (2016) ao falar que o racismo brasileiro é o crime perfeito.

É como um carrasco que você não vê te matando, está com um capuz; você pergunta pelo racista e você não encontra, ninguém se assume, mas o racismo e a discriminação existem. Esse racismo matava duas vezes, mesmo fisicamente, a exclusão e tudo, e

⁶⁰Disponível em: <https://instinctmagazine.com/drag-race-season-11-stand-out-is-being-accused-of-sexual-assault-by-fellow-queens/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

⁶¹ Eu sou brasileiro e sempre que estou no twitter eu vejo muita gente saindo do seu caminho pra ofender a Silky. Eu particularmente não vi comentários explicitamente racistas ainda, mas eu tenho certeza que muito do ódio que ela recebe é porque ela é negra. A mesma coisa com Ra’Jah, o twitter drag brasileiro odiou ela pra caralho. Me deixa perplexo que tenha tanta gente racista aqui já que a maioria da população é negra (especialmente na minha cidade, cerca de 82%) e nossa cultura é fortemente afrocentrada, infelizmente nós fomos um dos últimos países a abolir a escravatura (1888) e a colonização tem um grande impacto em como a nossa sociedade é construída. (Espero que meu comentário tenha sido compreensível, inglês é uma merda às vezes) (tradução minha). Disponível em: idem.

matava a consciência da própria vítima. A consciência de toda a sociedade brasileira em torno da questão, o silêncio, o não dito... Nesse sentido, era um crime perfeito, porque não deixava nem a formação de consciência da própria vítima, nem a do resto da população através do chamado mito da democracia racial (MUNANGA, 2016, p. 40).

Isso também explica a contradição apontada pelo usuário ao dizer que, apesar da maioria negra, há muito racismo no Brasil como podemos ver as pistas “*it baffles me that there are so many racist people here since the majority of the population is black*”. O silêncio e a não conscientização sobre questões raciais no Brasil é parte constituinte da construção do racismo brasileiro. Estas pistas apontam para isso, o que nos leva a um contexto de apagamento desde a escravização de povos negros africanos que chegavam ao Brasil e tinham seus nomes alterados, suas línguas e práticas religiosas proibidas, passando por um processo de abolição tardio, a queima dos documentos e registros desses povos promovida por Ruy Barbosa, diversas tentativas chanceladas pelo governo, direito e ciência de embranquecimento da população brasileira, como podemos ver na seção 2.2.1 “Memórias Raciais: Breve Considerações sobre a questão de raça no Brasil e nos Estados Unidos”, através de mecanismos que incluem o genocídio e a mestiçagem que muitas vezes se deu através do estupro.

Alguns pontos importantes precisam ser ressaltados para finalizar esta seção. Com estes comentários podemos concluir algumas coisas com base na pergunta “Quais construções de racismo são apresentadas no fórum e a quais memórias apontam?”

Um ponto importante desta seção é a construção performativa de racismo presente nos comentários e as mobilizações conceituais e sociais utilizadas pelos usuários para legitimar ou deslegitimar suas concepções de racismo. Como podemos observar, há no fórum uma disputa conceitual sobre racismo. Segundo comentários de **housedownrealness** e **lukendyer**, o racismo só existe quando considerado que este é relacionado ao poder sistêmico. Portanto, em território estadunidense somente brancos podem ser racistas já que é este o grupo racial que detém poder sobre os outros, histórica e socialmente. Seguindo esse raciocínio, os usuários supracitados afirmam que outras raças podem ser preconceituosas e discriminatórias, mas esses processos não resultariam em racismo por não estarem relacionados a poder sistêmico.

Em contrapartida, outros dois usuários, **lolusen** e **jaumander**, apresentam uma tese diferente, já que para eles racismo e racismo sistêmico são duas coisas diferentes. Enquanto no primeiro toda e qualquer raça pode exercer, o segundo, por envolver poder sistêmico, somente grupos hegemônicos podem exercer.

Podemos então observar que, seguindo as pistas indexicais, esses discursos

apontam para a construção histórica e social do que seria racismo, apelando às vezes para a legitimidade acadêmica sobre o assunto. Apesar de os dois lados da disputa admitirem que existe uma diferença entre brancos e negros, indígenas e asiáticos, o primeiro grupo compreende que racismo, como vimos no segundo capítulo desta dissertação de mestrado, implica em poder sistêmico, excluindo assim a possibilidade de “racismo reverso”. Já o segundo grupo, reconhece que há um tipo de racismo, o sistêmico, que só existe a partir de poder, porém afirma que preconceito e discriminação são necessariamente racismo.

Maria Aparecida Bento (2002) afirma que através do pacto narcísico da branquitude, indivíduos brancos tendem a negar a existências de seus privilégios caracterizando-os como mérito, protegendo assim seus pares brancos. Com base nos conceitos de raça e de racismo apresentados no capítulo teórico desta pesquisa, entendemos que racismo na sua concepção estrutural (ALMEIDA, 2019) só é praticado por grupos raciais hegemônicos, dessa maneira, podemos entender a tentativa de impor uma concepção de *racismo reverso* como uma estratégia da branquitude de negar que o racismo só pode ser cometido por brancos quando estes estão na disputa racial em questão.

Com relação às memórias mobilizadas quanto ao *reality show*, com base em raça e racismo, podemos observar que o usuário **rainbowbarff** aponta para o passe livre que *drag queens* brancas supostamente têm para satirizar mulheres negras do “gueto”, mostrando que a branquitude faz uso de estereótipos raciais na construção de suas personagens *drag*, o que podemos entender como mobilização das memórias da prática do Jim Crow no início do século XIX, personagem que satirizava pessoas negras e posteriormente deu nome às leis segregacionistas nos EUA.

Por fim, nos deparamos com comentários que vão apontar para um racismo praticado na América Latina, mais especificamente para o racismo praticado no Brasil. Nestes comentários parece haver certo espanto quanto à existência do racismo no país, seja por uma mobilização de memórias das políticas de embranquecimento que foi posta em prática no país que, entre muitas coisas, afirmava que aqui se vivia uma democracia racial em que as raças conviviam sem conflitos. Uma imagem do país que foi vendida internacionalmente, seja pela concepção estadunidense de não entender o Brasil e a América Latina como territórios que tem como parcela considerável de sua população pessoas brancas⁶².

⁶² Cf. MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O Estado Racial da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. *Cad. CRH*, Salvador, v. 32, n. 85, p. 15-31, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa de mestrado nos propusemos a entender quais memórias emergiam na construção de branquitude e racismo em fórum no site *Reddit* criado por fãs do reality show *RuPaul's Drag Race*, que se voltava para a discussão de uma publicação feita no *Twitter* pela *drag queen* Asia O'Hara, ex-participante do programa, em que afirmava que grande maioria de fãs de RDR era racista.

Partindo do conceito de linguagem e memória como ação, entendendo a linguagem a partir da perspectiva performativa proposta por Austin (1990[1962]). Com as contribuições de Derrida (1988) com os conceitos de citacionalidade e iterabilidade que apontam para o caráter de repetição como inerente à linguagem, e essa iterabilidade causa uma repetição que nunca é a mesma, e de Butler (1990, 1993, 1995), entendendo a linguagem não apenas como ferramenta de ação, mas ela própria sendo uma ação, bem como trazendo à tona o efeito de naturalização criado a partir da repetição. Sendo assim, a linguagem é ação e a linguagem cria, entre outras coisas, memórias.

Entendendo Memória Social como um campo do saber transdisciplinar, que não pode ser reclamado univocamente por nenhuma área científica e que nos permite, entre outras coisas, entender como construtos sociais são criados, atualizados e transformados através da história. Memória, neste trabalho, é entendida numa perspectiva coletiva como proposto por Maurice Halbwachs (2006), em que mesmo que as lembranças (e esquecimentos) e sentimentos tenham ocorrido de maneira que o indivíduo acredite ser individual, sempre será parte de uma memória coletiva, pelo fato de essa memória estar relacionada à uma vida social deste indivíduo que participa de diversos grupos sociais.

Partindo de raça como uma construção (MBEMBE, 2014; FANON 2008), e entendendo que essa construção tem efeitos reais nas vidas das pessoas, como racismo (HALL, 2003 [2000]; ALMEIDA, 2019) que é entendido aqui como estrutural, e os privilégios da branquitude, entendida aqui como um sistema (BENTO, 2002). Entendendo gênero também como uma construção ficcional que se manifesta nas falas, gestos e estilizações corporais através de performance (BUTLER 2003) e *drag* como uma manifestação da performance de gênero que põe em xeque a ideia de gênero enquanto fenômeno natural, explicitando o caráter ficcional do gênero (BUTLER 2019).

Podemos concluir, através da análise dos dados, que as memórias de branquitude e

de racismo que emergem nas práticas discursivas presentes no fórum apontam para atualização de uma memória de racismo e de branquitude que é, sobretudo, colonial. Passando por toda a história de disputas raciais e lutas contra opressão e supremacia branca, criando assim coletivamente novas memórias que, dependendo de seu posicionamento, corroboram uma visão conservadora que entende o problema racial como um problema do negro, bem como apontam para memórias de um discurso de supremacia branca.

Podemos observar como práticas racistas de satirização, ridicularização e estereotipização de indivíduos negros de períodos anteriores à Guerra de Secessão (1861-1865), mais especificamente as performances que ficaram conhecidas como Jim Crow, personagem inspirado na canção de 1832 *Jump Jim Crow*, e que depois deu nome às leis segregacionistas, emergem nas memórias mobilizadas pelas práticas de identidade racial presente no fórum e no próprio *reality show*.

Partindo de Maria Aparecida Bento (2002) e Grada Kilomba (2019), podemos concluir que por meio de iterabilidade e da performatividade as repetições, ou seja, as memórias de branquitude que emergem, podem ser conservadoras e atualizar uma supremacia branca e trabalhar em um movimento de manutenção e proteção de privilégios da branquitude, mas também podemos perceber que essas memórias podem emergir num movimento de transformação e atualizar as memórias a fim de ressignificar a branquitude. Isso varia de acordo com que estágio de “desenvolvimento de identidade racial branca” (BENTO, 2002, p. 23) em que o indivíduo se encontra. Portanto, as memórias de branquitude que emergem nos dados observados são duas: uma que parcial ou integralmente vai negar o racismo e a existência de seus próprios privilégios, num movimento conservador de manutenção do *status quo* racista e supremacista branco a fim de proteger ditos privilégios. Em contrapartida, uma memória transformadora emerge quando o indivíduo reconhece o racismo e principalmente seus privilégios em uma sociedade em que o racismo dita, entre muitas coisas, quem vive e quem morre.

Quanto às memórias que emergem quando se fala diretamente de racismo, podemos observar que parte dos comentários se voltavam para uma memória que aponta o racismo enquanto estrutural e que, sendo assim, só pode ser praticado por grupos hegemônicos. Neste caso, discriminação, preconceito e racismo são tidos como diferentes. Um outro grupo defende que é possível que haja racismo contra brancos, defendendo que existe racismo e racismo sistêmico. Em ambos os casos, na maioria dos comentários, o racismo comparece como algo que é vivido de maneira diferente por brancos e por negros. Há uma disputa entre os dois grupos pois, um acredita que o racismo é um comportamento individual (ALMEIDA, 2019, p. 25), e o

outro entende o racismo enquanto estrutural e, portanto, envolve um sistema de privilégios para um grupo racial hegemônico, brancos, em detrimento de outros grupos raciais, como negros, indígenas, asiáticos.

Outra questão que emerge nos comentários sobre racismo se volta para o racismo no Brasil. Sendo constituído em grande parte de brasileiros, como podemos inferir devido a força da cena *drag* no Brasil, principalmente devido ao grande número de membros que grupos dedicados a fãs de RDR no Brasil presentes em redes sociais online possuem, esses apontamentos não surgem como uma surpresa, e neles emergem memórias que remetem a todo um histórico racial racista brasileiro. Primeiramente, podemos perceber que em certos momentos os comentários expressam surpresa quanto ao racismo brasileiro, como o comentário do usuário Kadanka. Essa surpresa pode ser um reflexo da imagem fabricada no Brasil de uma democracia racial com o respaldo do governo, do direito, da medicina e das ciências em uma empreitada de embranquecimento que toma cabo no fim do século XIX e durante o século XX. O choque apresentado pode ser também efeito de um entendimento da América Latina, conseqüentemente do Brasil, e de povos latinos como povos que não são brancos⁶³, o que traria certa contradição à questão do racismo.

As memórias de racismo que emergem aqui apontam para o cerne da questão de raça nos EUA e no Brasil. Enquanto nos EUA as memórias apontam para uma segregação racial civil e juridicamente estabelecida, uma memória das *plantations*, das performances do Jim Crow, das Leis de Jim Crow, e do genocídio e encarceramento em massa de jovens negros e negras, no Brasil, um país construído em cima da concepção de raça enquanto hierarquia, e que tem o racismo como estrutural e estruturante na sua sociedade (SOUZA, 2017), emergem memórias coloniais desde a criação do conceito de raça, até o processo de tentativa de embranquecimento, e também do genocídio e encarceramento em massa de jovens negros, pobres e favelados.

Vale ressaltar que esta pesquisa, que tem seu início em 2017 no meu trabalho de conclusão de curso na Escola de Letras da Unirio, não se encerra com esta dissertação, há diversos caminhos a serem percorridos, diversas perguntas a serem feitas e diversas tentativas de respostas para serem construídas. Um próximo passo importante que é planejado para o futuro desta, é entender a questão *drag* com relação à branquitude e racismo em território

⁶³ MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O ESTADO RACIAL DA UNIÃO: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. *Cad. CRH*, Salvador, v. 32, n. 85, p. 15-31, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2020. Epub 03 jun., 2019.

brasileiro, com a cena *drag* brasileira, visto que temos uma cena grande, diversa de muita força no Brasil. Outro ponto de grande importância é a elaboração do conceito de dragnormatividade e de todas as partes que o constituem, desde questões já levantadas, como a questão racial, até questões como transfobia, misoginia e gordofobia, pontos que apareceram de alguma forma na construção desta pesquisa mas que se tornaram inviáveis de compor este trabalho no atual momento.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Michelle. The new Jim Crow. In: **Ohio State Journal of Criminal Law**, vol. 9, no. 1, 2011, p. 7-26.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BARNARD, Ian. **Queer race**: cultural interventions in the racial politics of queer theory. New York: Peter Lang, 2004.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CORONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. p. 25-58. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 26/11/2019.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. In: **Cadernos Pagu**, n. 43, 2014. p. 441-473.
- BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. **The Jim Crow encyclopedia**: Greenwood milestones in African American history. Portland: Greenwood Press, 2008.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech**: a politics of the performative. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminell e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1edições, Crocodilo edições, 2019.
- BRYLOWSKI, Laura Rose. **Como a teoria da branquitude influenciou pesquisadoras brancas entre 2012 e 2016**. Orientador: Roberto Carlos da Silva Borges. Coorientadora: Liv Rebecca Sovik. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ.
- CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento**: raça e gênero. Brasília, DF: Unifem. 2004. p. 07-16.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**. v. 43, n. 6 (jul., 1991), p. 1241-1299.
- DERRIDA, Jacques. Signature event context. In: DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Evanston: Northwestern University Press, 1988. p. 1 - 23.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, p. 129-140, jan./jun., 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. Nova Iorque: Routledge, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceito Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. História. Coleção para todos**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GODAR, Jô; DODEBEI, Vera. (orgs.). **O que é memória social?** Contra Capa Livraria/ Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Rio Janeiro. 2005.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo. (org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística (IV)**. Tradução de João Wanderley. 1982.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**, 2002, p. 149-182.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

hooks, bell. Representações da Branquitude na Imaginação negra. In: hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante. 2019, p. 294-315.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora SWF Martins Fontes. 2013.

LIFSCHITZ, Javier A. Em torno da memória política. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro Híbrida, 2016, p. 67-84.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, set.-dez./2014, p. 935-952.

MARQUES, Anderson Andrade S. **Eu estou montada, Ru: dragnormatividade, male drag e a construção discursiva de indivíduos outsiders em RuPaul's Drag Race**. Orientadora: Elizabeth Sara Lewis. 2018. 60p. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Letras) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1edições, 2018.

MELO, Glenda Cristina Valim de; FERREIRA, Juliana Tito Rosa. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, 2017, p. 405-426.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014.

MELO, Glenda Cristina Valim de; SILVA JUNIOR, Paulo M.; MARQUES, Anderson S. Discursos sobre raça: quando as Teorias Queer nos ajudam a interrogar a norma. **Cadernos De Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 410-434. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35145>. Acesso em: 10/02/2021.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, junho/2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Desejo na biopolítica do agora: performatividades escalares em um aplicativo de encontros homoafetivos. **D.E.L.T.A.**, v. 36, n. 3, 2020.

MOORE, Ramey. Everything else is drag: linguistic drag and gender parody on RuPaul's Drag Race. **Journal of Research in Gender Studies**, vol. 3. Addleton Academic Publishers. 2013. p. 15-26.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O Estado Racial Da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. **Cad. CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, p. 15-31, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2020. Epub 03 jun. 2019.

MUNIZ, Kassandra. **Linguagem e identificação**: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil. Orientador: Kanavillil Rajagopalan. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP.

MUSTON, Samuel. **Os 10 mandamentos da moda Camp, tema do Met Gala 2019**. VOGUE Brasil, 04 mai. 2019. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2019/05/os-10-mandamento-da-moda-camp-tema-do-met-gala-2019.html>. Acesso em: 05/03/2021.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito Racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, nov. 2006 [1954].

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, n. 10, 1993, p. 7-28.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **Revista Musas**, 4, 2009, p. 6-11.

ORRICO, Evelyn. Memória em desalinho. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro Híbrida, 2016, p. 85-98.

PARIS is Burning. Direção de Jennie Livingston. Los Angeles: Miramax Films, 1990. (78 min). PIRES, Thula R. Oliveira. Estruturas Intocadas: Racismo e Ditadura no Rio de Janeiro. In. **Rev. Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p. 1054-1079.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos

conceitos. **Esferas**, ano2, n. 3, jul.dez. 2013, p. 61-71.

PRISCILLA, a Rainha do Deserto. Direção de Stephen Elliot. Universal City: Gramercy Pictures, 1994. (104 min.)

RAMPTON, Ben. Interactional Sociolinguistics. **Working Papers in Urban Languages and Literacies**. Londres: King's College London, 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da ABPN**. Goiânia. v. 6, n. 13, mar. – jun, 2014, p. 134-147.

SILVA, D. N. Memória e iterabilidade. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro Híbrida, 2016, p. 149-176.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life. **Language and Communication**, v. 23, 2003, p. 193-229.

SOUZA, Jessé de. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017

ASIA decides to state some facts. Reddit. 26 abr. 2019. Disponível em: https://www.reddit.com/r/rupaulsdragrace/comments/bhj8wz/asia_decides_to_state_some_facts/. Acesso em: 22/09/2020.

ANEXOS

↑ lenvoy **Heidi N Closet** 39 points · 1 year ago

↓ Thank god for Asia telling it like it is.

↑ [deleted] -82 points · 1 year ago

↓ So basically you Are low key admitting you are racist then? Cause I certainly am not and I disagree with Asia 🤔

↑ lukendyer **Mayhem Miller** 62 points · 1 year ago

↓ I would personally admit that I have certain unconscious racial biases that I may not even be aware of due to being raised in a racist society. I would also guess that you do as well

↑ Toinousse **Mariah's feeling of entertainment** 4 points · 1 year ago

↓ I am so grateful for queens like Asia and Vixen who helped me to realise that I am inherently racist because society conditioned me that way. Even if I thought I wasn't, I realised there are a lot of little details, attitudes or things that I was doing or saying that were actually racist, and now that I acknowledge it I just try to improve every day. Love this queen, keep spreading the word!

↑ superkittenhugs 1 point · 1 year ago

↓ My mother may have been hospitalized with schizophrenia multiple times, and I may have inherited my mental issues from her, and I probably should never have been raised by her; BUT damn if I'm not lucky that I had a parent that taught me that if you think someone is lesser than you because of their skin color, you may as well go lie down in a pasture cause you are just a big pile of shit. And this was a woman born in '53 in a very rural part of NC. She watched black students walk into the school she went to the day that desegregation went into effect. If she knew better growing up in that, none of us today have ANY excuse.

↑ lenvoy **Heidi N Closet** 39 points · 1 year ago

↓ Thank god for Asia telling it like it is.

↑ [deleted] -82 points · 1 year ago

↓ So basically you Are low key admitting you are racist then? Cause I certainly am not and I disagree with Asia 🤔

↑ lukendyer **Mayhem Miller** 62 points · 1 year ago

↓ I would personally admit that I have certain unconscious racial biases that I may not even be aware of due to being raised in a racist society. I would also guess that you do as well

↑ lenvoy **Heidi N Closet** 33 points · 1 year ago

↓ I don't even know how to respond to this stupid as fuck comment. I can definitely still work to unlearn racial bias I picked up growing up in America as a white person. It's an ongoing process.

The point is Asia is right. Most of the fandom, to varying degrees, is racist.

↑ JermuHH **Kameron Michaels** 2 points · 1 year ago

↓ I don't get involved with the community and fanbase that much, so I'm kinda confused about this. And is it like the actual majority that's racist or is it just a vocal minority/majority of the fans involved in social media? Also, how does it come out? I'm just curious as I don't know much about what's happening in the fanbase.

↑ nicostardust **Yvie Oddly** 12 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ Facts are facts. Every time a queen is highly disliked or criticized on the show I notice that they are usually a queen of color or a plus size queen. It really irks me that people say the Vixen was aggressive and she came for 'poor Aquaria.' The Vixen was right in her critique of white queens. Bob is right in her critiques, Aja, Peppermint, Asia, ect. I honestly don't think Phi Phi is that bad, but I find that more people hate her even though people like Carmen, Delta, Derrick, Acid, and Darriene were similarly shady & nasty. People coming for Kennedy and Jasmine is usually uncalled for and for dumb reasons, like they were 'rude' to white/ white passing faves like Trixie or Milk. Similarly with Yvie and Silky.... they are both queens of color and Yvie is disabled and Silky is plus sized and people play into the "aggressive" black woman stereotype. Rajah O'Hara got similar treatment. It's gross. I'm white and I believe that every white person is racist— not necessarily overtly, but we as white people benefit from institutionalized privileges that give us advantages poc don't have. Every time I dislike a queen of color I try and ask myself why. If it's because I find them 'aggressive' I reevaluate that and dig deeper to try and see past my own socialized biases. Like do I find Silky annoying? Yes, but I've come to find that it's not her confrontational energy, but her delusional perception and stepping over other queens. I found that once I dissected this I found her more likable. Same with Rajah, once I examined why I didn't feel her at first I actually changed my mind and now live for her. Sending queens hate is absolutely unacceptable, no matter what your problem with them is. I think everyone should really examine why they dislike certain queens— especially black, latinx, and Asian queens. I think that once you do that you'll find that they're no different than the white queens/ white passing in everything but circumstance and opportunity. Think Jasmine & Kennedy compared to Ginger. Bob compared to say Alaska. Yvie compared to Sharon. Aja compared to aquaria. You'll start to realize that one of the only differences is internalized biases based on socialized ideas of black= bad/ aggressive, Asian= submissive, Latinx= lazy/ complacent/ uneducated (this is the narrative drag race pushes— Kandy ho, Madame La Queer, Kenya Michaels.) These are things we don't even think about until we inspect more closely, and while they aren't overtly racist or hate mongering, they're still biases that negatively impact queens of color. I'm speaking as an anthropologist who studied queer culture and black experiences— not to fetishize, but to learn. I recommend others educate themselves, it will greatly change your life and help you see how you can be a better ally. This isn't a post to pat myself on the back, I only want to educate other white people.

↑ PokeMeiFYuDare -5 points · 1 year ago

↓ Those aren't facts. The last few years every time something happens that a black queen doesn't like it straight goes to racism. You're wondering why some black queens struggle in the fandom or with gigs. When you demonstrate that walking on eggshells is mandatory around you then it's just easier for people to avoid you. I am not saying racism doesn't exist as the threat Asia got demonstrates it, however claiming everything is racist just makes shit worse.

↑ nothingsmaan **Rock M. Sakura** 438 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ People also need to realize that being racist does not have to be going full KKK batshit crazy. A bias towards some queens *just because of their race/skin color* makes you racist too. And no, that's not a coincidence you only happen to like white queens so far, period.

↑ [deleted] 63 points · 1 year ago

↓ Well, the world doesn't only consist of America.

↑ koolio92 **Shea and Jaida** -17 points · 1 year ago

↓ Well, colonialism did spread white supremacy across the world.

↑ [deleted] 28 points · 1 year ago

↓ white supremacy is a form of racism but it's not the other way around.

there are enough black and asian and other kinds of racists out there.

hatred doesn't care for colors. hatred only cares that you are different.

and THAT'S what racism is all about!

↑ Diztronix17 **Heidi N Closet** 4 points · 1 year ago

↓ Beautifully written

↑ ThePeoplesLannister -1 points · 1 year ago

↓ Racism isn't the only and often not proper word to define every kind of discrimination. Bigotry, prejudice, colourism, anti-semitism, islamophobia, xenophobia...these words exist for a reason.

↑ Lolusen 43 points · 1 year ago

↓ What you're stating here is the sociological definition of racism, which as you said defines it as something that can only be done by people that benefit from the system they live in.

This however isn't the academically accepted definition, there's no consensus between scientists and politicians in that, so both, this and the "original" definition can be officially used.

In sociology there are numerous definitions of racism in itself, so not even this one field can agree to one definite definition, so you should never use it as the only acceptable one.

In sociology there are numerous definitions of racism in itself, so not even this one field can agree to one definite definition, so you should never use it as the only acceptable one.

So yes, individuals from every race can be racist, also in America.

↑ jaumander **Alexis Mateo** 29 points · 1 year ago

↓ So much this. There's racism and systemic racism. They're two different things with different nomenclature. I don't get why people try to discredit racism to a white person by saying it is not racism but only prejudice. That's whitewashing the horrible behaviour of a Racist POC.

↑ lukendyer **Mayhem Miller** -6 points · 1 year ago

↓ The reason people discredit it is because racism against whites is usually only brought up by white supremacists and bigots who don't want to acknowledge racism against minorities (which, in the west, is 99%+ of racism that exists)

↑ jaumander **Alexis Mateo** 12 points · 1 year ago

↓ Isn't it contradictory? If you discredit racism against all white people erasing the experiences of those who lived through that just for people to acknowledge the majority of racism (systemic racism), isn't that discriminatory to the minority of white people who experience racism in their daily lives? Why is erasing their experience necessary for that purpose in the first place?

↑ lukendyer **Mayhem Miller** -1 points · 1 year ago

↓ Unless the racism is systemic then people won't be experiencing it daily, it'll just be incidental. Someone calling me a pale white boy isn't comparable to the daily experience of a person of colour in a western country. If you're talking about

↓ Unless the racism is systemic then people won't be experiencing it daily, it'll just be incidental. Someone calling me a pale white boy isn't comparable to the daily experience of a person of colour in a western country. If you're talking about non western countries then there's a different conversation to be had perhaps, but I don't think you are

↑ jaumander **Alexis Mateo** 15 points · 1 year ago

↓ I am. I'm talking about non western countries as well as microclimates in western countries where a minority of white people suffer daily from racism and whose struggles/pain/experiences are being erased/forgotten/intentionally avoided by the "new definition of racism".

↑ lukendyer **Mayhem Miller** -5 points · 1 year ago

↓ Are you talking about South Africa? I can't really think where else it could apply

↑ jaumander **Alexis Mateo** 15 points · 1 year ago · *edited 1 year ago*

↓ What? No. White people can be immigrants too. I'm talking about the whole world, any place where there are white people/white passing people where the majority of its population is not white. Or even neighbourhoods in the west that fit this rule as well. They may experience racial bias in those environments daily, and that, I call racism.

[Continue this thread →](#)

↑ MissterVanjie 2 points · 1 year ago

↓ Unless the racism is systemic then people won't be experiencing it daily, it'll just be incidental.

↓ Unless the racism is systemic then people won't be experiencing it daily, it'll just be incidental.

"Unless the gun violence is systemic then children won't be being shot daily, it'll just be incidental."

Something doesn't have to be systemic or regular to have a deep, lasting impact on a person.

From personal experience: whatever "systemic privileges" I got for being white-passing was small comfort at my majority-black middle school where I was bullied daily for "being" white, fat, gay, and nerdy.

↑ koolio92 **Shea and Jaida** -12 points · 1 year ago

↓ White people can't be discriminated on the ground of race in the context of North America (honestly, I'd say the world in general). Like white people do face hardships and all but it's not because of their race, it's because of their gender, sexual orientation, nationality, disability etc.

Also, even if we were to acknowledge such form of racism exist, look at how far we're willing to probe into this, making sure white people are accounted for when there are real, cruel cases of racism out there and in RPDR community being committed to Black people, POC, that get ignored by us, just for the sake accommodating this 'tiny minority'.

↑ jaumander **Alexis Mateo** 20 points · 1 year ago

↓ It's funny that we, as a tiny minority have an ideology that says things like: "just for the sake of accomodating this tiny minority" when that's exactly what we've been asking from straight people from the start. For them to acknowledge us. I don't buy it. Acknowledging racism to be universal does not take away from the systemic racism fight, and it makes us look less like hypocrites for ignoring the minorities that do not fit our narrative.

↑ Bastsrpdrr **Vvie Oddly** 37 points · 1 year ago

↓ What baffonery is this? It don't matter what you are, if you judge and dislike someone based on the color of their skin you are fucking racist. White people are racist, black people are racist, asian people are racist, we all have the same capacity to be shitty humans and be racist

↑ Nobbles_Fawaroskj **Yuhua Hamasaki** 22 points · 1 year ago

↓

1. prejudice, discrimination, or antagonism directed against someone of a different race based on the belief that one's own race is superior.
2. the belief that all members of each race possess characteristics, abilities, or qualities specific to that race, especially so as to distinguish it as inferior or superior to another race or races.

Definitions from vocabulary. Racism can come from any race and directed to any race. This thought of yours is extremely problematic.

↑ whyyouallgagging 15 points · 1 year ago

↓ I have noticed that a lot of the hate that queens of color get comes from "international fans" who speak Spanish and it shocks me every time. As a fan from one of those countries it sickens me every time I see a comment and click on the profile and see that. Hey latinos (brazilian, colombians, etc.), do better, don't forget the struggles we also go through.

↑ ScandalOZ 12 points · 1 year ago

↓ There are white people who speak Spanish who are from all of those countries as well. Colorism is not just for Americans.

↑ [deleted] 37 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ [excluído]

↑ ThePeoplesLannister 17 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ Racist fans are not a minority, you just see their actions as a small part of your social media browsing. I live in a majority white international city & have seen & heard entire rooms boo when Black queens are on screen. No one reprimands them because leather daddies spend a lot on drinks & establishments would rather cater to them than their 1% POC population.

Just because you don't experience it doesn't mean it doesn't happen.

Also, who gauges micro versus macro? It's all racist and damaging. Do you think people were going around telling the Jews "Yes I know you had to wear a star and be exposed to violence and trauma but at least you weren't gassed. You could have been a victim of macro-antisemitism!"

I can't believe some of the tone deaf BS posted in here.

↑ goldie_hawn_77 41 points · 1 year ago

↓ I'd go further and say the show itself has promoted this form of racism. There are many instances of white queens getting long sympathetic storylines and going a lot further than was fair and being given numerous second chances. No shade but this includes Fame, Pearl, Derrick, Kameron. Meanwhile many queens of colour just get the quick chop, especially latin queens who are done so dirty - Lynasha Sparks should really hire a lawyer. I think the show has tried to correct this in recent seasons (AS4 and Season 11) by putting in a lot more diversity, but look back at season 6 (2 black queens) and season 7 (3 black queens, such a white season) for many years they (and Ru) were pandering to white queens and the white audience.

↑ Jaminp 9 points · 1 year ago

↓ I think Lynasha went down swinging cause detox slayed. Generally though you are absolutely right about the Latin queens. They do not help with the language barrier or allow for it. After watching Drag Race Thailand I am mad there hasn't been a translator and subs to let the queens compete fairly. Especially since they interviewed these girls and can assess there language limits for easy accommodation. The look on the judges faces when a Latin queen struggles with English is just fucked.

[Continue this thread →](#)

↑ Iwasontheground 42 points · 1 year ago

↓ There are plenty of instances where the show gives PoC a similar storyline. Everyone says Silky is getting a pass this season. Asia was given a pass to the final on season ten. Ru was practically begging Nina Bonina Brown to win and get out of her head on season nine. TBK got that sympathetic storyline and redemption on season 6. Everyone thinks Bebe got overpraised on AS3. And apparently Latrice got handed a return she didn't earn on AS4 (I don't think this but many did and do.) And Ru has never lived for a queen more than he lived for Tyra in season 2. I agree racism in the fan base is real but I definitely don't buy that the show is part of it. If anything, as AS4 proved, they are going out of their way to be wary of this.

[Continue this thread →](#)

↑ Triket88 11 points · 1 year ago

↓ What?! Did you watch the show? That's why the first 3 winners have been white queens? Oh wait they were people of color. Bebe, Tyra, Raja,

Then theres Bianca, Bob.

↑ IKnowData **No Need For That Bitch** 8 points · 1 year ago

↓ A vast majority of people have prejudices, including racism. The difference is that some people acknowledge it as a flaw and try to fight their bad urges, while others take advantage of the anonimity of the internet and not having to take responsibility for their words & actions and decide to act out on them in the worst possible way.

We do not deserve queens like Asia and she - nor any other queen - does not deserve any of this bullshit.

- ↑ Kentuckyfriedooch [stream colors flying high on youtube](#) 8 points · 1 year ago
- ↓ Talking about race in the fandom is exhausting, not because race shouldn't be discussed because a lot of this fanbase is ridiculously racist. But it's like talking to a brick wall, everyone says it's bad when they see but will turn around and do the same thing they were chastising someone else for. Either that or most discussions of race, or even concepts like colorism will get shut down by a lot of the fans who act like they all have phds in african american studies.
- ↑ lenvoy [Heidi N Closet](#) 39 points · 1 year ago
- ↓ Thank god for Asia telling it like it is.
- ↑ [deleted] -82 points · 1 year ago
- ↓ So basically you Are low key admitting you are racist then? Cause I certainly am not and I disagree with Asia 🤔
- ↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 62 points · 1 year ago
- ↓ I would personally admit that I have certain unconscious racial biases that I may not even be aware of due to being raised in a racist society. I would also guess that you do as well
- ↑ Danielvonluchau [Guess what Mimi](#) 6 points · 1 year ago · *edited 1 year ago*
- ↓ If you're not racist, you didn't pay attention in school
- EDIT: the American education system is racist, is what I'm saying. It's part of what teaches people to be racist
- ↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 1 point · 1 year ago
- ↓ What does this mean sorry
- ↑ Danielvonluchau [Guess what Mimi](#) 4 points · 1 year ago
- ↓ It means that racism, or the idea of white supremacy, is taught in the American education system. Definitely used to at least.
- World maps were even distorted to make countries with predominantly white people look bigger than countries with predominantly POC
- ↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 3 points · 1 year ago
- ↓ Oh right yes I understand now, apparently Texas tries to make slavery look like a business transaction in textbooks
- ↑ Danielvonluchau [Guess what Mimi](#) 3 points · 1 year ago
- ↓ The US is so fucked, I don't get it
- ↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 2 points · 1 year ago
- ↓ Unfortunately many western nations are also racist, or at least have racist sections
- ↑ Danielvonluchau [Guess what Mimi](#) 5 points · 1 year ago
- ↓ Racism is definitely in most western countries in some form, but the US is very unique because literal segregation was less than 70 years ago, I mean holy shit. It can be hard for people elsewhere to even fathom how things are in the US

- ↑ weirdinglanguage **Shuga Cain** 28 points · 1 year ago
 ↓ Hate to break it to you, but if you feel so pressed about a discussion of racism that you need to barge in, declare that you're not racist, and accuse the people criticizing the status quo of being the "real" racists, you're... probably at least a little bit racist
- ↑ lenvoy **Heidi N Closet** 33 points · 1 year ago
 ↓ I don't even know how to respond to this stupid as fuck comment. I can definitely still work to unlearn racial bias I picked up growing up in America as a white person. It's an ongoing process.

 The point is Asia is right. Most of the fandom, to varying degrees, is racist.
- ↑ Vaudenoir **pig bottom for fat daddy cock** 22 points · 1 year ago
 ↓ If Asia's statement doesn't apply to you yet you're offended by it, then I have a feeling it maybe *does* apply to you. Like, are you really that insecure that you have to get offended over something that doesn't apply to you? What's the tea?
- ↑ [deleted] -13 points · 1 year ago
 ↓ Because I ain't a racist and never have been. I'm a Pakistani watching drag race on YouTube because drag race is blocked on Netflix. I don't think I have the privilege to be racist.
- ↑ Vaudenoir **pig bottom for fat daddy cock** 6 points · 1 year ago
 ↓ (Tyra Sanchez voice) then why you talkin

 ↑ [deleted] -1 points · 1 year ago
 ↓ 🙄👉
- ↑ koolio92 **Shea and Jaida** -5 points · 1 year ago
 ↓ If you're South Asian then take a back seat, Black queens are treated way worse than other queens, even Asian queens. Speaking to you as a fellow Asian.

↑ lukendyer **Mayhem Miller** 3 points · 1 year ago

↓ Dude...please educate yourself on the racial tensions along the Pakistan-Indian border, as well as religious intolerance and the Karachi race riots. It's really ignorant to try to analyse Pakistan through the lens of american reality tv

↑ koolio92 **Shea and Jaida** 2 points · 1 year ago

↓ Who says I'm analyzing Pakistan? My comment doesn't have Pakistan at all. What I will not stand for is my fellow Asians (born and raised in Asia) viewing North American racial relations and think that White people are equal to Black people on the topic of race and racism.

↑ [deleted] 1 point · 1 year ago

↓ Wtf are you seriously that uneducated. I don't even have the right to hold the hand of the person I love, I cant get married, if my community found out I was gay i would get lynched. I don't have the privilege of wealth so I can't afford a fancy college to get myself out of here.

↑ koolio92 **Shea and Jaida** 4 points · 1 year ago

↓ What? You think I didn't grow up in the same kind of community you grew up in? I grew up in a rural, conservative Muslim family down in Southeast Asia.

But we're talking in the context of North America here where Black people are treated worse on societal level, even more than Asian people. I bet if Black people are a significant population in Pakistan, it would be the same as well because our people are known for anti-blackness and colorism.

Your experience is really valid and my heart hurts for you. But bringing up your experience as a way to tone down anti-blackness and prop up 'racism against whites' is not cool at all.

↑ [deleted] 1 point · 1 year ago

↓ If you say you grew up in the same conditions then you know very well that this watered down drama that this show is portraying is just for entertainment and views. There are real battles and real problems facing the LGBT community internationally.

↑ koolio92 [Shea and Jaida](#) 4 points · 1 year ago

↓ It doesn't reduce the statement one bit. The majority of RPDR fanbase is racist. Still true. And it speaks to the large North American societal norms that people are taught to be racist and become racist subconsciously. And the fact that we want to view this as 'purely entertainment' is why racism still exists in our circle of RPDR community (and the LGBT community at large). Because 'it's just entertainment'.

I've had my fair amount of discrimination for being both gay and Muslim at the same time but I will never discount racism that Black people are facing at the hands of white supremacy that is enshrined in North American society.

↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 2 points · 1 year ago

↓ Im sorry for their idiocy. Sometimes Americans forget that Pakistani doesn't mean Pakistani-American, or even place Pakistan on a map

↑ koolio92 [Shea and Jaida](#) 2 points · 1 year ago

↓ I'm not an American. Buddy, I'm a gay guy of Tamil descent, do you even know what Tamil is and where our people are? I can guarantee if you bring our people to Pakistan, most of them will shit on our face because we're dark skinned and they're not.

↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 3 points · 1 year ago

↓ Yes I'm aware of the discrimination faced by Tamils in many nations in South Asia, I'm sorry for assuming, it was because when the other user

↑ lukendyer [Mayhem Miller](#) 3 points · 1 year ago

↓ Yes I'm aware of the discrimination faced by Tamils in many nations in South Asia, I'm sorry for assuming, it was because when the other user said they were Pakistani you seemed to assume they were living in America because you said they didn't have it as hard as black people in the US

↑ koolio92 [Shea and Jaida](#) 4 points · 1 year ago

↓ I didn't assume that they were in America and even made that assumption, I simply told them to take a back seat when Black people are talking about discriminations that they faced. And I specifically made a statement using the word 'queen' because I was referring purely in the context of RPDR. And I stand by my statement that Black queens are treated worse than Asian queens.

And I'll be bold and say here, Asian-Americans (while not as well off as white people) still are societally treated better than African-Americans. Because we're the 'model minority' and Asian-Americans don't carry the intergenerational trauma of slavery and Jim Crow. Again, before people misquote me and rage on me. I didn't say Asians don't face difficulties in life but compared to Black people (when we look at only racial lens), our 'race' as defined by North American standards are still treated tremendously better than Black people, Native Americans, and Latinx people. In some cases, we're doing better than white people.

↓ A lot of you are in here now trying to come up with some excuse. The LGBT community in general is riddled with racism and pretends like it doesn't exist. Which is no surprise it echoes throughout RPDR as well. Also it doesn't help that Ru doesn't seem to address it.

Before someone comes at me with examples of beloved black queens like LaTrice, as soon as one of the black queens says or does something a white "fan" doesn't like, she is instantly dragged and called all sorts of things. LaTrice in All Star had her drama but it didn't warrant some disgusting things said about her. Shea too woke for some of you, unapologetically black and would never get full on support because it made the racist gays uncomfortable.

Bob won because she was literally the best out of her season and still has less of a following and support as the white queens that did win. People threatening to kill Asia over some damn butterflies. Apparently an insects life is more worthy than a black person.

Bebe gets ignored and non-existent with the excuse that RPDR first season doesn't count... Despite the fact she is beyond talented.

Tyra might have had a bad attitude but she was light-years away from the other girls with her drag. But apparently her attitude was the perfect excuse to always trash talk her.

I could go on but the white gays are going to plug their ears and deny they're racist.

↑ morinotomas [Shea/Juju/Alexis Triple Crowning](#) 13 points · 1 year ago

↓ Nina Bo'nina Brown said in her recent rawview that even though she has Mexican fans who genuinely love her, the bullshit she deals with on her IG lives make her not want to go there. I don't blame her.

Also, in the Gaybros discord, someone expressed (or bragged) how they tipped Nina West \$5 at a show and not Silky, and someone followed up with "Yeah, fuck Silky". Like, you don't have to like nor tip a queen but the undertones I got were like, "This big black queen can choke".

Another thing that was really gross was someone photoshopping Monet as Donkey Kong on her Twitter. Like, it was really gross, and people still give her shit for winning even though she made that finale her bitch.

↑ SnoopCrooklePoop -2 points · 1 year ago

↓ Yeah because Silky is obnoxious and annoying. It has nothing to do with the color of her skin.

↑ ultradav24 [Monét X Change](#) 7 points · 1 year ago

↓ What happens is people take that annoyance and use it as an excuse to unleash their worst racist demons because she "deserves it"

↑ MaidenOfBlackWater [Remind Ya, I'm Kinda WET.](#) -5 points · 1 year ago

↓ Lol, girl no.

↑ ultradav24 [Monét X Change](#) 5 points · 1 year ago

↓ Gurl yes, it happens time and time and time again. Some black queen doesn't act perfectly, is bitchy, does something rude on camera and certain sections of the fandom take it up to 11, more so than happens with white queens

↑ butterfreak [Vanessa Vanjie Mateo](#) 14 points · 1 year ago

↓ It baffles me that everyone will read these tweets and agree with Asia, and then turn around and upvote comments about how Silky is a horrible person, Rajah is a bitch, Akeria is manipulative etc. This sub is just as guilty as the rest of the fandom.

↑ Halleloonatic **Scarlet Envy** 6 points · 1 year ago

↓ Just because you're a POC doesn't mean that you can't also be a horrible person, a bitch, or manipulative. I don't think that these girls are any of those things, but their race doesn't make them immune to it.

[Continue this thread →](#)

↑ QueenCyclops 9 points · 1 year ago

↓ Some people here also think this doesn't apply to them. Like, they'll be like "Ugh, I totally agree the racism is so bad," and then on the next post talk about how X black queen is arrogant, aggressive, rude, or how they don't see the racism in the show. I got downvoted to shit during AS4 because it was just full of people saying how they don't see how crowning all white people is racist and all I said was "if you're white talking over black people on the subject then you're racist." Like... if you talk over POC about racism, then you're racist. That's pretty much the foundation of liberal racism.

If you're white and you see this post and immediately exclude yourself from this, I recommend at least giving it a little thought. Think a little bit about how you can be better. Don't just think of yourself as one of the good ones. Have some introspection.

↑ rumourhasit123 **What about Jujube** 75 points · 1 year ago

↓ The vast majority? Girl I know the racism in the fanbase is toxic and has gone way to far but it's not the VAST MAJORITY

↑ lukendyer **Mayhem Miller** 170 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ Depends how you define racism. If your idea of a racist is only someone who uses racial slurs and directs them at queens of colour, then no. But if you take a broader, more academic definition, like Bob's, and open the field to those who feed into and benefit from a system of racism, either consciously or unconsciously, then Asia is absolutely right. I think Asia's experiences as a black queen have probably greatly informed this viewpoint so she's most likely a pretty good authority on the matter

↑ [deleted] 29 points · 1 year ago

↓ The vast majority has racial bias. Not explicit racism though.

↑ xXConDaGXx **A'keria Chanel Davenport** 37 points · 1 year ago

↓ Tea is there's a LOT of racist fans but I'd think it was the vocal minority (I'd at least hope it was). I know a lot of people who watch and enjoy the show and simply move on with their lives. But yeah, unfortunately most of the outspoken fans that get attention are often toxic/racist/transphobic etc.

↑ emerald pavement **Alexis Mateo** 7 points · 1 year ago

↓ There's a reason "blonde and white" is such a big thing about All Stars winners. That's what the fans like and that's what the producers are gonna give them.

- ↑ joewhite41 10 points · 1 year ago
 ↓ There is a lot of racism but there are also a lot of people that don't help it by stating things like this. The "vast majority" would indicate around 70% of people who watch drag race are racist, stated as a fact with no evidence. On season 10 I was called a racist for thinking aquaria deserved to win, I was called a racist when I said I thought trixie deserved to win, I was called a racist for saying "there's only been 4 white winners of regular seasons", I was called a racist for saying "the reason aquaria, Kim, and sasha were all more popular than their POC peers in the top four/three was because they were all the look queen's who are generally favoured", I was called a racist for not agreeing with the vixen that you should "wave it in all white people's faces, like you know what you did". If people were to have a mature discussion about it rather than going over the top and calling everything racist it would be a lot more beneficial as it's been shown that people accused of doing something falsely are more likely to do that thing as a form of getting back that their accuser.
- ↑ Emmyfan1985 2 points · 1 year ago
 ↓ Thinking that Trixie deserved to win AS3 doesn't make you racist, it just shows that you have faulty logic. Ha Ha
- ↑ nathanj594 **Jujubee** 2 points · 1 year ago
 ↓ Somebody called me a racist for liking Bob more than Sasha because Sasha "stands up to racism" and Bob doesn't. Lol
- ↑ Lunnaris_ **Jujubee** 21 points · 1 year ago
 ↓ If the vast majority are americans, then, yes.
- ↑ caIeidoscopio **everyone Quebecois and/or black + Jimbo & BoBo** 112 points · 1 year ago · edited 1 year ago
 ↓ basic latin gays can be as racist as a nazi in 1940
[Continue this thread →](#)
- ↑ cultofpersephone **Jaida Essence Hall** 56 points · 1 year ago
 ↓ Please point me to which country does NOT have anti-black racism, outside of Africa I guess. Because if you're in Europe, Australia, South America, or Asia and you're trying to claim anti-blackness doesn't exist, I've got news for you.
[Continue this thread →](#)
- ↑ lukendyer **Mayhem Miller** 26 points · 1 year ago
 ↓ Or even Brits, Australians, South Africans etc
- ↑ zanyata **Naomi Smalls** 25 points · 1 year ago
 ↓ Do non-Americans think they can't be racist now?
- ↑ Kentuckyfriedcooch **stream colors flying high on youtube** 3 points · 1 year ago
 ↓ Have you seen a hispanic fb group for drag race, because they literally compare some of the black queens on drag race to donkey kong. So I don't know where this only Americans can be racist energy is coming from
- ↑ ultradav24 **Monét X Change** 2 points · 1 year ago
 ↓ Tbh much of this comes from Latin American fans outside of the USA
- ↑ amumumyspiritanimal **Monét X Change** -16 points · 1 year ago
 ↓ Anglo-saxon racism is much more noticeable since it's built into the culture systematically. Other people are racist too, but it's not as clear, since they have little to no experience with other ethnicities.
- ↑ lukendyer **Mayhem Miller** 8 points · 1 year ago
 ↓ That's not really true. Many of the most ethnically diverse nations in the world are actually in Africa and Asia, it's not accurate to say racism is a diversity issue
- ↑ SladeW_832 5 points · 1 year ago
 ↓ The saddest part tho is it really is mostly towards the black queens...even the Asian and Latina queens are adored by the fanbase, from my experience

↑ Josef3D **Shuga Cain** 7 points · 1 year ago
 ↓ On the rupauls drag race official IG, there is a comment saying "Spray Silky with raid" that has over 700 likes.....

↑ writerwithoutacause **Mayhem Miller** 22 points · 1 year ago
 ↓ That's because...that's because she wore a roach costume last night girl...

↑ ci59305 **Yvie Oddly** 8 points · 1 year ago
 ↓ I feel like that has nothing to do with skin colour and everything to do with her personality
[Continue this thread →](#)

↑ CHINAKMS **Yvie Oddly** -3 points · 1 year ago
 ↓ The replies to this comment and refusal to believe that the Silky hate has a racial undertone is proof enough that this sub is a cesspool of racists.

If silky was white and acted this way, this would not be a same reaction

↑ Calm_Forever 3 points · 1 year ago
 ↓ There clearly is a very vocal racist part of the fandom but I really hope they don't make up the vast majority most fans aren't that ignorant

↑ ironmagnesiumzinc 5 points · 1 year ago
 ↓ The majority?

↑ mliberalelite 3 points · 1 year ago
 ↓ Vast majority is a clear overstatement. I mean if we're talking about comments here the vast majority are positive or condemning racism.

↑ isitheendyet **Monét X Change** 3 points · 1 year ago
 ↓ Reddit is a moderated forum.

↑ AdmirableHoneydew **I'm not finna be this damn orange** 3 points · 1 year ago
 ↓ As much as there's a lot of blatant racism, it's also important to remember the amount of subconscious racism in people. Some people just have been affected by the media and and so it's a subconscious thing that they don't know exists, or they realize they have that subconscious bias and try to correct it. Racism is bad, but a lot of it is accidental. Just something to think about when commenting.

↑ forest soul47 -2 points · 1 year ago
 ↓ I wouldn't say "most". I feel like that's a pessimistic outlook on the situation. I believe most people are good!

↑ ceejayyyy 0 points · 1 year ago
 ↓ majority is a strong word

↑ bearLover23 **Crystal Methyd** 1 point · 1 year ago
 ↓ There is an undeniable undertone of racist sleezebags but I don't think it's a vast majority o_o;;
 Or at least I sure hope not. o_o

- ↑ mucha001 0 points · 1 year ago
 ↓ Vast majority?
- ↑ recklessindignation **Yvie Oddly** 0 points · 1 year ago
 ↓ I love how people are expressing their opinion by pointing out other groups.
 Like, girl, you are no better than the people you are trashing.
- ↑ jordansgriffiths -4 points · 1 year ago
 ↓ This should be the highest rated post on this sub-reddit. Pinned for all of these nasty ass racists to see, they need to feel shame. What absolute FREAKS. These weirdos actually send hate to the POC queens, like directly at them (See R'ajah). Do they send their hate speech/DEATH THREATS and feel good about it? Like what?! And don't come at me with the "I'm not racist I just don't like the drag of Kennedy or Asia or R'ajah or (Insert POC queen here)". That's a fucking lie cos we all know you follow every mediocre white queen with no taste who probably went out in the 2nd episode. And I bet I don't even have to look that far on this thread for someone to try and excuse people's reasons for hating as being 'just an opinion'. Yeah it is and I hope you know that it makes you look so fucking ugly, if anyone is reading this and knows that it applies to them, let me tell you now; you are not the almighty chosen one, your life span in the scale of the universe is so miniscule it can't be measured. Do you really want to spend what little time u have hating a person based on something no one can control. How dull. Yes this is a lot of emotion but it's needed! Racism is that stain on the history of humans. If you can willingly judge someone based off the colour of their skin, you are unwell and yeah I should say deserve help but no you fucking don't. So instead let's celebrate our absolutely beautiful and talented POC queens. They are so brave to put themselves on this platform and show their art and passion. They inspire me to be proud, something none of those "fans" will ever experience cos let's face it we all know they actually hate themselves so they project on to others.
- ↑ PokeMeIfYouDare -5 points · 1 year ago
 ↓ Those aren't facts. The last few years every time something happens that a black queen doesn't like it straight goes to racism. You're wondering why some black queens struggle in the fandom or with gigs. When you demonstrate that walking on eggshells is mandatory around you then it's just easier for people to avoid you. I am not saying racism doesn't exist as the threat Asia got demonstrates it, however claiming everything is racist just makes shit worse.
- ↑ Leedigol **A'keria Chanel Davenport** -2 points · 1 year ago
 ↓ In this sub, everytime a black queen wins, we can see posts and comments like « *insert a white queen was robbed* » for instance, last night challenge

Comment removed by moderator 1 year ago

↑ [deleted] 24 points · 1 year ago

↓ Being racist and hateful are not mutually exclusive, and non-white people can be racist.

Comment removed by moderator 1 year ago

↑ [deleted] 4 points · 1 year ago

↓ It just so happens that some of them are not white and that the queens who are hated are usually not white and black queens are always the least popular in the top 4?

Comment removed by moderator 1 year ago

↑ [deleted] 9 points · 1 year ago

↓ You did see the word 'usually' in my comment, right?

Also, Phi phi, Roxxy and Rebecca aren't white.

Comment removed by moderator 1 year ago

↑ Kentuckyfriedcooch [stream colors flying high on youtube](#) 27 points · 1 year ago · edited 1 year ago

↓ | look at any tv show or movie with black directors

Lol like there are JUST SOOOOO MANY black directors, y'know I wonder whyyy black directors would want to make an all black cast to be able to support black actors, in a field dominated by white actors, directors, and producers

| I personally cannot stand hip-hop and I don't like jazz, while a lot of black people openly joke on "white man dance" or lame songs we make. In a way, it's a bit racist indeed.

Jesus.

"I just saw a case of racism"

"What did someone called you a slur? Did someone say you deserved to die because of your race? Did they call you a terrorist and throw a beer bottle at you?"

"No a black person told me I was a bad dancer"

| So, the fan base is at least 75% white and less than 10% black. It's perfectly understandable that white queens will have more fans.

I love how you actually have an accurate representation but still can't understand how easy it is for this fandom to be gross racists

| Maybe Asia simply isn't a star? Just like she said it to Miss Cracker.

Oh god here we go.

| And this simply doesn't represent our community, which is very open-minded and full of love.